

NOVEMBRO 2025

VOLUME 77, n. 2

REVISTA TEOLÓGICA



Seminário Presbiteriano do Sul

Revista Teológica

REVISTA TEOLÓGICA

Campinas - v.77, n.2 - NOVEMBRO 2025



Seminário Presbiteriano do Sul

Av. Brasil, 1200, Jardim Brasil
Campinas - SP - 13073-148

Editor Responsável:

Dr. Paulo Cesar Tomaz
(Seminário Presbiteriano do Sul)

Conselho Editorial:

Dr. Carl John Bosma
(Calvin Theological Seminary, EUA)

Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa
(Unicesumar)

Dr. João Leonel Ferreira
(Universidade Presbiteriana Mackenzie; SPS)

Dr. Jonathan Luis Hack
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

REVISTA TEOLÓGICA

Informações

A REVISTA TEOLÓGICA – é publicação semestral e oficial do Seminário Presbiteriano do Sul, conforme decisão da Junta Regional de Teologia do SPS, da Igreja Presbiteriana do Brasil. A REVISTA TEOLÓGICA tem como objetivo promover o pensamento bíblico e teológico, e ser um veículo de expressão pastoral e acadêmica.

Submissão

A REVISTA TEOLÓGICA publica artigos em Português e Inglês. Os artigos e resenhas devem ser enviados por e-mail em arquivo de Word (.doc ou .docx), para o editor responsável, Paulo Cesar Tomaz, no e-mail: paulocesartomaz@gmail.com.

Os textos do artigo devem ter entre 15 e 20 páginas, com entrelinha 1,5. O artigo deve ser digitado, no editor de textos Word, fonte Times New Roman, corpo 12, alinhamento justificado. Para as citações, serão usadas "autor, data, página" no corpo do texto. As notas de rodapé são somente explicativas. Citações com até 3 linhas devem ser incluídas no texto, entre aspas. Citações com mais de três linhas terão destaque, sendo recuadas em 4,0 cm, da esquerda para direita, com espaçamento simples e fonte tamanho 10, sem aspas. Após a entrega para avaliação não serão aceitas novas correções, no texto, por parte do autor.



Seminário Presbiteriano do Sul

© 2025 – Seminário Presbiteriano do Sul
ISSN: 1414-9796

Os direitos de publicação desta revista são do Seminário Presbiteriano do Sul. Os textos publicados e os pontos de vista expressos nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição do Conselho Editorial. Permite-se a reprodução desde que citada a fonte.

Editorial

É com sincera gratidão a Deus que apresentamos mais uma edição da Revista Teológica. Esta publicação reúne uma seleção criteriosa de artigos que visam promover o aprofundamento da reflexão e do diálogo nos diversos campos dos estudos teológicos.

A presente edição contempla cinco artigos que abordam temáticas variadas, abrangendo desde análises literárias de textos bíblicos até reflexões teológicas e pastorais de natureza prática. O conjunto das produções aqui reunidas busca oferecer ao leitor uma experiência de leitura que contribua tanto para o enriquecimento acadêmico quanto para a edificação espiritual.

No primeiro artigo, Natan Sales de Cerqueira realiza um estudo de caso do Salmo 122, demonstrando o rigor e a relevância da análise literária aplicada ao texto bíblico. O autor descreve as etapas de análise de gênero, forma e retórica, concluindo com um exemplo prático dos resultados possíveis desse método.

No segundo artigo, Natã Ventura Dutra examina o casamento sob a perspectiva da teologia reformada, discutindo seus fundamentos bíblicos e suas implicações pastorais. A pesquisa identifica fatores relacionados à crise conjugal contemporânea e propõe diretrizes para a restauração do matrimônio como expressão da aliança entre Cristo e a Igreja.

O terceiro artigo, de António Zinga, destaca a relevância da higiene mental e laboral no exercício do ministério cristão, com ênfase no contexto africano. O autor propõe uma abordagem interdisciplinar que integra teologia, psicologia e neurociência, voltada à prevenção do esgotamento ministerial e à promoção de uma cultura pastoral equilibrada e sustentável.

No quarto artigo, Danilo Alves Rocha apresenta uma análise crítica do movimento Legendários à luz da teologia reformada, identificando seus riscos teológicos e metodológicos. O autor observa que, embora produza efeitos aparentes de transformação, o movimento se distancia dos princípios bíblicos da fé reformada, ao priorizar experiências emocionais em detrimento da suficiência das Escrituras.

Por fim, Cosme Alves Serralheiro e João Gabriel Stumpf Machado investigam o papel do Livro de Disciplina, de John Knox, na formação educacional e social da Escócia. O estudo evidencia como essa obra contribuiu para a consolidação de valores presbiterianos e para a modelagem de uma identidade comunitária que influenciou gerações posteriores.

Com esta nova edição, reafirmamos nosso compromisso com a produção e a difusão do conhecimento teológico de qualidade, incentivando a pesquisa, o diálogo e o serviço à Igreja de Cristo. Desejamos a todos uma leitura proveitosa e inspiradora.

Paulo C. Tomaz (Editor)



Seminário Presbiteriano do Sul

EDITORIAL 03

ARTIGOS 07

- 1. DA TRADUÇÃO PESSOAL À ANÁLISE LITERÁRIA: EXERCÍCIO DE ANÁLISE DE GÊNERO, FORMA E RETÓRICA NO SALMO 122**
Natan Sales de Cerqueira 09

- 2. O CASAMENTO NA PERSPECTIVA REFORMADA: FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES PASTORAIS**
Natã Ventura Dutra..... 35

- 3. HIGIENE MENTAL E LABORAL NO MINISTÉRIO: UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA, CIENTÍFICA E PEDAGÓGICA PARA A PREVENÇÃO DO CANSAÇO EM LÍDERES ECLESIASTICOS**
Antônio Zinga..... 83

- 4. O MOVIMENTO LEGENDÁRIOS À LUZ DA TEOLOGIA REFORMADA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR**
Danilo Alves Rocha 107

- 5. O PRIMEIRO LIVRO DE DISCIPLINA DE JOHN KNOX: EDUCANDO O POVO PARA ENALTECER DEUS**
Cosme Alves Serralheiro e João Gabriel Stumpf Machado 143

NOTÍCIAS INTERNAS 169

ARTIGOS



Seminário Presbiteriano do Sul

DA TRADUÇÃO PESSOAL À ANÁLISE LITERÁRIA: EXERCÍCIO DE ANÁLISE DE GÊNERO, FORMA E RETÓRICA NO SALMO 122

Natan Sales de Cerqueira¹

RESUMO

Estudo de caso baseado no Salmo 122 onde se mostra o esforço necessário, embora não exaustivo, realizar uma análise literária de um texto bíblico, seja para fins de proclamação de um pregador, seja para fins de produção de uma exegese acadêmica. O modelo seguido é o do ensinado no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, SP. O esforço consiste primeiramente em análise de gênero do texto, o que fornece os subsídios para identificar o fluxo que dá forma ao salmo. Após isso, segue-se uma análise da forma, com subsequente estruturação em tabela. Disso, passa-se à análise retórica, com análise da linha, métrica, paralelismo, rima, palavras-chave e figuras de linguagem. Uma conclusão arremata o capítulo com um exemplo de o que é possível extrair do texto após a análise literária.

Palavras-chave: Bíblia hebraica, exegese do salmos, poesia hebraica, análise retórica

¹ Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, vocação tardia, bacharel em teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (2021-24), especializando em língua hebraica pela *University of the Free State* (2025). Em vida pregressa, profissional de finanças corporativas, MBA pela FGV IDE (2015-17) e bacharel em Administração de Empresas pela FGV-EAESP (2008-12).

1. Introdução

Em artigo anterior nesta mesma revista (CERQUEIRA, 2024), foi realizado um estudo de caso no Salmo 122 sobre como produzir uma tradução pessoal do texto bíblico, seja para fins de proclamação religiosa, seja para exercício exegético-acadêmico. Apesar de a tradução pessoal ser em si o fruto já de um trabalho interpretativo da análise textual (CERQUEIRA, 2024, p. 49-59) e da análise gramático-sintática (CERQUEIRA, 2024, p. 59-73), enriquece a interpretação saber não apenas *o que se diz*, mas também *como se diz*. É aí que entra a análise literária, engloba a análise do gênero, da forma e da retórica. Desse modo, continuando no Salmo 122 como estudo de caso, segue-se agora uma proposta enxuta e não exaustiva de análise literária a fim de lançar luz em sua interpretação.

2. Análise Literária

a. ANÁLISE DE GÊNERO

O próprio título escríbal do Salmo 122 o caracteriza como salmo de peregrinação, no que é seguido por comentaristas de diferentes escolas (e.g., HARMAN, 2011, p. 426; SILVA, 2022, p. 308). No entanto, ele não é apenas um salmo de peregrinação. Schökel e Carniti apontam (1998, p. 1465), por exemplo, que o salmo tem como objetivo ser um cântico à cidade de Jerusalém, tendo parentescos com os salmos 46, 48 e 87, configurando um discurso elogioso e uma petição pela cidade. Inclusive, a esses

salmos paralelos o próprio Silva (2022) acrescenta o Sl 76, numa classificação que ele chama de “Hinos a Sião”, um estilo que vem como “decorrência do senhorio de YHWH sobre o cosmo e a história” (SILVA, 2022, p. 305).

O mero fato de ser um “hino” também já aponta para seu teor mais positivo, pois, segundo explica Futato (2011, p. 127), os hinos eram compostos para momentos em que a vida estava “livre de problemas”, momentos em que nossas vidas estavam “bem ordenadas e bem orientadas”. É o que vemos neste texto, sendo até mesmo motivo de contraste com o salmo precedente (Salmo 121) e o sucedente (Salmo 123), ambos os quais de elevação dos olhos em busca de auxílio.

Essa convergência de estilos no Salmo 122 – de peregrinação e de Sião – é representativo do amor do peregrino pelos preceitos de Deus, que instituiu a ida à morada de Deus (tabernáculo e, posteriormente, o templo) durante as três grandes festas (Dt 16:1-17), e pela cidade santa, onde essa morada então se encontrava. Isso é o que sugere Artur Weiser, que defende ser este salmo um cântico de peregrinação entoado pelos peregrinos no momento de se despedir e deixar a cidade de Jerusalém (WEISER, 1994, p. 584). Para outros comentaristas, contudo, como é o caso de Alexander F. Kirkpatrick, os verbos no passado dos v. 1-2 eram mais naturalmente interpretados como a rememoração do peregrino após já ter voltado para casa (KIRKPATRICK, 1951, p. 739). Para essas duas linhas de pensamento, portanto, o salmo era cantado após a estadia do

peregrino em Jerusalém já ter terminado, seja no início do retorno para casa, seja já de volta em casa.

No entanto, essas duas alternativas são insuficientes para fazer jus à totalidade do salmo. Isso porque, embora essas duas visões coadunem bem com a última estrofe do salmo (v. 6-9), os primeiros versículos são claramente uma referência à chegada dos peregrinos a Jerusalém, não à despedida nem a uma rememoração. Essa ideia referente à chegada é defendida por Kidner (1992, p. 444-445), que sustenta ser o salmo cantado tanto à chegada quanto à saída de Jerusalém. A estrutura fica, então, harmonizada com o fluxo do salmo, que se inicia abordando a alegria da chegada dos peregrinos a cidade (v. 1-2). Depois, desenvolve os laços de união do povo de Deus (v. 3-5) na festividade realizada pelos peregrinos em Jerusalém. Finalmente, uma visão e desejo de paz (v. 6-9), como se o peregrino estive rogando pela paz da cidade e pela dos demais que a amam.

Logo, o salmo seria *também* um cântico para se despedir de Jerusalém, mas não somente isso. Algo semelhante é proposto por Motyer (2009, p. 41-42), que vê o fluxo do salmo como a alegria do peregrino (a chegada, v. 1-2), o privilégio do peregrino (a estadia, v. 3-5) e a oração do peregrino (a despedida, v. 6-9). Também outros exegetas já referenciados convergem a essa posição (HARMAN, 2011, p 426-427; SILVA, 2022, p. 308).

Assim, a análise do gênero literário – tanto *salmo de peregrinação* quanto *hino de Sião* – permite enxergar o fluxo do

salmo e dar contornos a uma forma que se lhe seja harmônico ou seja, um salmo de peregrinação que também é um hino a Sião, destinado para refletir a experiência completa dos peregrinos em Jerusalém: chegada, estadia e partida. O próximo passo da análise literária é investigar essa forma.

b. ANÁLISE DA FORMA

À luz do que foi exposto na seção anterior, opta-se pela divisão tripartite do Salmo 122, uma em que os v. 1-2 formam o primeiro bloco, os v. 3-5 formam o segundo e, finalmente, os v. 6-9 formam o terceiro e último bloco. Inclusive, essa compreensão já se encontrava refletida de modo intuitivo na tradução pessoal (CERQUEIRA, 2024, p. 74) que antecedeu o presente esforço, mas agora se chega a embasamento concreto para tal. Para melhor visualização do resultado da análise da forma decorrente da análise de gênero, é útil esquematizar os achados. Aqui, opta-se por fazê-lo em forma de tabela, portanto, para que esteja claro antes de se passar à seção seguinte (análise retórica).

Eis, portanto, a divisão esquematizada na Tabela 1 – Estrutura formal do Salmo 122, cujo texto é o da tradução pessoal referenciada.

Tabela 1 - Estrutura formal do Salmo 122

Forma	Versículo(s)	Texto
Título escribal	1a	¹ Cântico dos degraus. De Davi.
Alegre chegada	1b-2	Alegrei-me com os que me disseram: "Vamos à casa de Javé!" ² Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó Jerusalém!
Alegre estadia	3-5	³ Jerusalém, construída como cidade compacta, ⁴ para onde sobem as tribos, as tribos de Javé, como testemunho para Israel, para renderem graças ao nome de Javé, ⁵ pois lá se assentam os tronos para a justiça, tronos da casa de Davi.
Alegre despedida	6-9	⁶ Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam. ⁷ Haja paz dentro de teus muros e prosperidade nos teus palácios. ⁸ Por amor de meus irmãos e amigos, eu direi: "haja paz em ti!". ⁹ Por amor da casa de Javé, nosso Deus, eu buscarei o teu bem.

c. ANÁLISE RETÓRICA

Uma rápida leitura do Salmo 122 em português é suficiente para mostrar que “paz” lhe é um tema central. Se ele for lido e analisado no hebraico (CERQUEIRA, 2024, p. 72), ficará patente que o seu peso repousa precisamente sobre שלום/*šālôm*. Isso pode ser visto nos vários trocadilhos que ocorrem com essa palavra neste salmo, numa figura de linguagem chamada de aliteração. Isso será visto ainda nesta seção, no subtópico v, “palavras-chave”. Antes, contudo, partindo da estrutura identificada do Salmo 122, veja-se como sua retórica funciona.

i. LINHA

A linha poética na poesia hebraica é chamada de “estíquio” ou de “cólón”. O termo estíquio (στίχος) vem do grego clássico e significa “linha” ou “fileira”, normalmente, de soldados. Já o termo cólon (κῶλον; no plural, cola/κῶλα), significa um membro do corpo, uma parte do corpo (DOBBS-ALLSOPP, 2015, p. 22-23). Tão fundamental é essa linha poética que Futato (2011, p. 17) diz ser ela a base da poesia antiga em geral e da poética hebraica bíblica em particular. Dobbs-Allsopp escreve um capítulo de cerca de 80 páginas (2015, p. 14-94) demonstrando a supremacia da linha poética. Por isso a análise começa com a linha poética. Afinal não há como apreciar plenamente suas subdivisões e outras facetas

(como o paralelismo) se não for esse o ponto de partida.² Algo que deve ser constantemente lembrado é que os poetas bíblicos não buscavam escrever apenas algo edificante, mas também “algo bonito, agradável e apetitoso aos ouvidos” (SILVA, 2022, p. 463).

A tabela a seguir, portanto, apresenta a sugestão do autor deste artigo da disposição das linhas do Salmo 122.

Um último comentário aqui acerca de linhas poéticas é que elas dizem respeito à declamação, à recitação, por isso, os sinais distintivos do TM são de grande valia (SILVA, 2022, p. 465, n; 5). Isso importa porque, na estrutura sintática do texto, poderá ser visto que a linha poética 5b está sintaticamente ligada à linha poética 4a (o que foi argumentado no final da seção do v. 4 em CERQUEIRA, 2024, p. 67), mas, aqui, ela forma um bicola com a linha 5a. Isso é porque a declamação segue a ordem do texto lido, obviamente, portanto, o estíquio é formado entre elas duas. Antecipando a confusão de seus alunos, Kerr explica que todo esse arranjo é “mais musical do que lógico” (1948, § 181). Essa “lineação” ou “esticometria” (Silva, 2022, p. 467) é a base da análise da métrica, que é a próxima sessão.

² Contraste-se a poética antiga com a poesia renascentista em diante: a base d’Os Lusíadas, dos sonetos italianos (petrarquianos) e dos sonetos ingleses, com sua base em estrofe e rima, não em estíquios e paralelismos.

Tabela 2 - Disposição das linhas poéticas

Nº Linha	Hebraico (TM)	Português (Trad. própria)			
1a	אֶמְחִי בְּאֶמְרֵי לִי	Alegrei-me com os que me disseram:	cólon	bicola	estrofe
1b	בֵּית יְהוָה נֶגְדִי:	"Vamos à casa de Javé!"	cólon		
2a	עָמְדוֹת קֵינּוּ רַגְלֵינוּ	Pararam os nossos pés	cólon	bicola	
2b	בְּשַׁעְרֶיךָ יְרוּשָׁלַם:	junto às tuas portas, ó Jerusalém!	cólon		
3a	יְרוּשָׁלַם הַבְנוּיָה	Jerusalém, construída	cólon	bicola	estrofe
3b	כְּעִיר שְׁחֻבָּה-לֶגָה יִתְדוּ:	como cidade compacta,	cólon		
4a	שָׁשִׁים עָלוּ שְׁבָטִים	para onde sobem as tribos,	cólon	bicola	
4b	שְׁבַט־יִיָּה	as tribos de Javé,	cólon		
5a	עֲדוֹת לִישָׁרָאֵל	como testemunho para Israel,	cólon	bicola	
5b	לְהַדוֹת לְשֵׁם יְהוָה:	para renderem graças ao nome de Javé,	cólon		
6a	כִּי שָׁמָּה יֵשְׁבוּ כִסְאוֹת לְמוֹשָׁפֶט	pois lá se assentam os tronos para a justiça,	cólon	bicola	
6b	כִּסְאוֹת לְבֵית דָּוִיד:	tronos da casa de Davi.	cólon		
7a	שְׁאֵלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלַם	Orai pela paz de Jerusalém!	cólon	bicola	estrofe
7b	יִשְׁלִי אֲהַבָּיִךְ:	Sejam prósperos os que te amam.	cólon		
8a	יְהִי־שְׁלוֹם בְּחִיגְלֶךָ	Haja paz dentro de teus muros	cólon	bicola	
8b	שְׁלֹנָה בְּאֶרְמְנוֹתֶיךָ:	e prosperidade nos teus palácios.	cólon		
9a	לְמַעַן אֶתִּי וְרַעִי	Por amor de meus irmãos e amigos,	cólon	bicola	
9b	אֲדַבֵּר־נָא שְׁלוֹם בְּךָ:	eu direi: “haja paz em ti!”	cólon		
10a	לְמַעַן בֵּית־יְהוָה אֱלֹהֵינוּ	Por amor da casa de Javé, nosso Deus,	cólon	bicola	
10b	אֲבַקֶּשֶׁה טוֹב לְךָ:	eu buscarei o teu bem.	cólon		

ii. MÉTRICA

Como já dito, a linha poética preza pela declamação do texto, não exatamente por sua concatenação sintática, o que dá espaço a inversões de demais recursos estilísticos. Isso, aliás, não apenas no hebraico, mas também em nossa língua pátria. Nos dizeres de António Feliciano de Castilho (1874, p. 10), pioneiro na teorização da escansão silábica em língua portuguesa:

O grammatico (sic) não cura do que parece aos ouvidos, mas só do que é precisamente. O versificador não se embaraça com o que precisamente é, mas só com os que aos ouvidos se figura.

Como, portanto, contar o que aos ouvidos se figura, ou seja, como identificar a métrica da poesia hebraica? Dobbs-Allsopp (2015, P. 15) sugere nem iniciar tal esforço, pois diz ele não haver métrica alguma no hebraico bíblico. Já Kerr (1948, §§ 179-183) sugere dar atenção aos acentos. No entanto, ciente da grande diversidade deles, o hebraísta de Campinas remete seu leitor à gramática de Gesenius, ampliada por Kautzsch (1910, § 2.r), onde, após serem sugeridas várias obras sobre métrica da poética hebraica, a situação é assim sintetizada:

A poesia hebraica, distintamente da quantitativa clássica e da árabe, e do verso silábico siríaco, é **acentual**. [...] As seções conectadas não mantêm sempre a mesma métrica em seu decorrer, exibindo, antes,

uma mescla de métricas. (ênfase no próprio original)

Portanto, o conceito métrico em cada estíquio é o de número de acentos, ou seja, quantas sílabas tônicas há em cada linha poética (BALLARINI, T et al., 1985, p. 30). Considera-se aqui também que cadeias construtas, sejam ou não com a presença do *maqquêph* (LAMBDIN, 2003, §§ 72-73) constituem uma unidade com apenas um acento (sílabas tônicas). Isso leva o resultado do presente esforço a diferir da contagem métrica presente na obra de referência que é o *World Biblical Commentary* (1983), pois esta divide a linha 3 de modo diferente ao TM, transferindo קָעִיר/*k^a‘îr* da oração 3b para a 3a, ou seja, para o WBC (ALLEN, 1983, p. 155), a linha não é “Jerusalém, construída”, mas “Jerusalém, construída *como cidade* (קָעִיר/*k^a‘îr*)”.

No entanto, apesar da divergência metodológica, a divisão de estrofes permanece igual e o clímax rítmico continua na linha 6, que o WBC divide em três (com métrica 2 + 2 +3), ao passo que aqui se optou por seguir o TM, voltando precisamente para a cantilena, em dividir a linha em duas e com métrica 5 + 2. Ou seja, as divergências metodológicas no detalhe não alteraram no que resulta a identificação da estrutura métrica.

Tendo isso em vista, a metrificação proposta pode ser vista esquematizada a seguir na Tabela 3 – Métrica:

Tabela 3 – Métrica

Nº Linha	Hebraico (TM)	Métrica (nº acentos)	
1a	שְׁמַחְתִּי בְּאַמְרֵים לִי	3	Estrofe
1b	בֵּית יְהוָה גִּלְדִּי:	2	
2a	עֲמֻדֹת הַיָּם רָגְלֵינוּ	3	
2b	כְּשֶׁעָלִיד יְרוּשָׁלַם:	2	
3a	יְרוּשָׁלַם הַבְּנוּיָה	2	Estrofe
3b	כְּעִיר שֶׁחֲבָרָהּ־לָהּ יַחֲדָו:	3	
4a	שִׁשִּׁים עָלוּ שְׂבָטִים	3	
4b	שְׂבָט־יְהוָה	1	
5a	עֲדוֹת לִישָׁרָאֵל	2	
5b	לְהַדוֹת לִשְׁם יְהוָה:	2	
6a	כִּי שָׁמָּה יֵשְׁבוּ כִסְאוֹת לְמִשְׁפָּט	5	
6b	כִּסְאוֹת לְבֵית דָּוִיד:	2	
7a	אֲשָׁלוּ שְׁלֹם יְרוּשָׁלַם	3	Estrofe
7b	אִשְׁלִי אֶת־הַיָּד:	2	
8a	יְהִי־שְׁלֹם בְּחִילָךְ	2	
8b	אֲשִׁלָּה בְּאַרְמֹנֶיךָ:	2	
9a	לִמְעַן אֶתִּי וְרַעֲי	3	
9b	אֶת־בְּרָה־נָא שְׁלֹם בָּךְ:	3	
10a	לִמְעַן בֵּית־יְהוָה אֱלֹהֵינוּ	3	
10b	אֲבַקֶּשֶׁה טוֹב לָךְ:	3	

É interessante notar que as métricas da primeira e da última estrofe seguem a mesma cadência de declamação, mas que a métrica da segunda apresenta uma grande variação.

É perceptível que a primeira estrofe diminui de ritmo em seu final, como se a intenção fosse chamar atenção ao vocativo “ó Jerusalém”, que dá o tom para a abertura da segunda estrofe, que também começa com “Jerusalém”. A linha poética 4a é uma qualificação de Jerusalém, “que é para onde sobem as tribos”. O bicola é fechado com uma mudança brusca de ritmo, pois 4b só tem um acento (é um único construto). Tematicamente, trata-se de um aposto às tribos da linha anterior (CERQUEIRA, 2024, p. 66-67).

O bicola seguinte começa ganhando tração, mas ainda mais lento do que o salmo vinha até então, contando com apenas duas sílabas. Note-se aqui que, se o estíquio 5a não tivesse a preposição *ʔ/lāmed* (como está no testemunho textual de H̱irbet Qumran; cf. KELLIGER; RUDOLPH, 1997, p. 1209) ele seria inteiramente um construto, “testemunho de Israel”, ou seja, contando com apenas um acento. No entanto, a presença da preposição *ʔ/lāmed* impede o estabelecimento de um construto, resultando em dois acentos. A linha seguinte se mantém com dois acentos e então, repentinamente, uma grande linha, numa espécie de explosão, como se fosse o clímax do Salmo 122: **os tronos para justiça** (novamente, há uma preposição *ʔ/lāmed*). A cadência diminui drasticamente, como se para deixar o clamor anterior ecoar e descansar no fechamento da segunda estrofe: os tronos da casa de Davi.

A terceira estrofe começa retomando o ritmo da primeira. A métrica aqui não varia muito, estando a força desta estrofe no jogo sonoro presente nos rogos por paz e a bênção. Assim, a dianteira

retórica é tomada pela aliteração (a ser abordada mais abaixo, em figuras de linguagem), que é como o Salmo 122 é encerrado.

iii. PARALELISMO

Feita a esticometria e identificada a métrica, o próximo passo lógico é a esquematização das relações de paralelismo, que é uma “figura de pensamento” (SILVA, 2022, p. 233) muito característica da poesia hebraica bíblica. Aqui, o foco será na visão tradicional do paralelismo semântico, não o de visão paradigmática e sintagmática de Adele Berlin (2008, p. 88-102). Uma aplicação da teoria de Berlin a este salmo é um esforço que demanda um artigo próprio, não apenas uma subseção. Por isso, a visão aqui tomada será a de Lowth, o “pai do paralelismo” (BERLIN, 2008, p. xv), conforme sintetizado por Silva (2022, p. 227).

Pois bem, no paralelismo nesses termos, o que é mais importante do que a métrica ou eventual rima é a relação entre as ideias apresentadas nos estíquios. Eles são classificados em sinonímico, o antitético e sintético. O paralelismo sinonímico expressa ideias equivalentes entre si, ao passo que o antitético (não presente no Salmo 122) é o que tem cada estíquio apresentando ideias antagônicas entre si. Finalmente, o paralelismo sintético é o que apresenta uma relação de causa e efeito entre os estíquios ou onde o segundo cólon dá maior precisão ao primeiro. Os paralelos

do Salmo 122 estão classificados a seguir. É empregada a numeração já apresentada nas tabelas anteriores.

Tabela 4 – Paralelismos

Nº Linha	Hebraico (TM)	Paralelismo	Motivo
1a	שְׁמַחְתִּי בְּאַמְרֵי לִי	Sintético	Relação de causa-efeito entre 1a e 1b.
1b	בֵּית יְהוָה נֶגְדִי:		
2a	עֲמֻדֹת הַיָּם רִגְלֵינוּ	Sintético	2b dá maior precisão a 2a.
2b	בְּשַׁעְרֵיךָ יְרוּשָׁלַם:		
3a	יְרוּשָׁלַם הַבְּנוּיָה	Sintético	3b dá maior precisão a 3a.
3b	כְּעִיר שֶׁחִבְרָה־לָּהּ יִתְדוֹ:		
4a	שָׁשִׁים עָלֵי שִׁבְטִים	Sintético	4b dá maior precisão a 4a.
4b	שִׁבְטֵי־יִשְׂרָאֵל		
5a	עֲדוֹת לִישָׁרָאֵל	Sintético	5b dá maior precisão a 5a, que é apositiva a 4a.
5b	לְהָדוֹת לְשֵׁם יְהוָה:		
6a	כִּי וְשָׁמַח יִשְׁכְּבוּ כִסְאוֹת לְמִשְׁפָּט	Sintético	6b dá maior precisão a 6a.
6b	כִּסְאוֹת לְבֵית דָּוִיד:		
7a	שָׂאֲלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלַם	Sinonímico	7a e 7b expressam algo equivalente.
7b	אִשְׁלִי אֶתְבָּרֵךְ:		
8a	יְהִי־שְׁלוֹם בְּחֵילֶךָ	Sinonímico	8a e 8b expressam algo equivalente.
8b	שְׁלֹחַ בְּאַרְמְנוֹתֶיךָ:		
9a	לְמַעַן אֶחֱי וְרַעִי	Sintético	Relação de causa-efeito entre 9a e 9b.
9b	אֲדַבְּרָה־נָּא שְׁלוֹם בְּךָ:		
10a	לְמַעַן בֵּית־יְהוָה אֶלְהִינִי	Sintético	Relação de causa-efeito entre 9a e 9b.
10b	אֲבַקֶּשֶׁה טוֹב לָךְ:		

Observa-se que o salmo se inicia com um paralelismo sintético, onde causa e efeito são estabelecidos (“por que me alegro? Porque vamos à casa de Javé”). O meio do salmo, por sua vez, é recheado de paralelismos sintéticos onde uma frase vai dando maior precisão à outra até que se chega ao clímax observado na métrica: lá (em Jerusalém) se assentam os tronos para a aplicação da justiça.

Após isso, seguem-se dois paralelos sinônimos, que são, precisamente, a bênção de paz aos que amam Jerusalém. Finalmente, o salmo se encerra com outro paralelismo sintético de causa e efeito: “por que peço o que peço? Por amor a amigos, irmãos e casa de Javé”).

iv. RIMA

Como dito na nota de rodapé 2, na sessão sobre a linha poética, a rima não é característica da poesia hebraica. No entanto, Schökel e Carniti (1998, p. 1470) notam que, na terceira estrofe, há cinco ocasiões de uma mesma rima: o substantivo possessivo na 2ª pessoa feminina singular (ךָ). As ocasiões são uma no v.6 (אַהֲבֶיךָ; “os que *te* amam”), duas no v. 7 (בְּחִילֶךָ; “dentro de *teus* muros”/ בְּאַרְמְנוֹתֶיךָ; “nos *teus* palácios”), uma no v. 8 (בְּךָ; “em *tú*”) e outra no v. 9 (טוֹב לְךָ; “o *teu* bem”). Ou seja, esse sufixo encerra os quatro versículos da estrofe, além de um hemistíquio (8b). Isso dá sonoridade ao grande final que essa bênção representa no salmo.

v. PALAVRAS-CHAVE

Além das rimas, Schökel e Carniti apontam que o salmo apresenta “quatro repetições ternárias: Jerusalém, Senhor, casa, paz” (1998, p. 1466). Elas estão distribuídas conforme se vê abaixo na Tabela 5 – Palavras-chave:

Tabela 5 — Palavras-chave

Palavra-chave		Ocorrência		
Hebr.	Port.	Estrofe 1	Estrofe 2	Estrofe 3
ירושלם	Jerusalém	v. 2	v. 3	v. 6
יהוה	Javé	v. 1	v. 4	v. 9
בית	Casa	v. 1	v. 5	v. 9
שלום	Paz	-	-	v. 6, 7, 8

O que realmente chama atenção é que as três primeiras palavras estão igualmente distribuídas pelo poema, havendo uma ocorrência de cada por estrofe. O equilíbrio dos termos “Jerusalém”, “Javé” e “casa” está em claro contraste com a intensa ocorrência de שלום/*šālôm* na última estrofe. Isso faz sentido com o que nós vimos na métrica, pois, após o clímax dos tronos para a justiça, seu eco é sentido na paz, cuja reforço nessa estrofe realmente frisa essa mensagem: o Salmo 122 é um canto de paz.

É importante notar que, embora **שְׁלוֹם**/*šālôm* só apareça como palavra na estrofe de encerramento, ela já vinha presente sonoramente no salmo desde o início mediante o que é chamado de aliteração, um recurso fonético onde ocorre a “repetição sistemática de uma consoante ou encadeamento de unidades consonânticas muito parecidas” (AZEREDO, 2014, p. 508). Ou seja, repetições de um mesmo som, à semelhança, por exemplo, de um trocadilho. Não por acaso já foi dito que o peso deste salmo é sustentado por **שְׁלוֹם**/*šālôm*.

Antes de **שְׁלוֹם**/*šālôm* aparecer, nós já havíamos visto seus fonemas formativos em “alegrei-me” (v. 1, **שִׂמְחָתִי**/*šāmaḥtī*), no próprio nome de Jerusalém (v. 2-3, **יְרוּשָׁלַם**/*yṛûšālam*), em “ao nome” (v. 4, **לְשֵׁם**/*lʾšēm*), em “para lá” (v. 5, **שָׁמָּה**/*šāmmāh*) e em “para a justiça” (v. 5, **לְמִשְׁפָּט**/*lʾmišpāt*). Quando o termo aparece, a última estrofe não tem apenas as três ocorrências do verbete, mas também aliterações no v. 6 quase todo, exceto na última palavra (**יְשָׁלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלַם יִשְׁלָאוּ**/*ša'ālû šālôm yṛûšāla'im yišlāu*), e em “prosperidade” (v. 7, **שָׁלוֹה**/*šalvāh*). Ou seja, se o Salmo 122 já indica “paz” na tradução ao português, ele praticamente o grita no texto hebraico.

vi. FIGURAS DE LINGUAGEM

Já que se falou em aliteração, examinem-se agora as demais figuras de linguagens identificadas no texto. Primeiramente, uma figura é simplesmente uma “palavra ou sentença posta numa *forma*

particular, diferente de seu uso ou significado original ou mais simples” (BULLINGER, 1993, p. xiv). Ou seja, elas não têm valor em si mesmas, antes, dependem de seu uso e relacionamento com a semântica do texto. (AZEREDO, 2014, p. 483).

Bullinger usou o Salmo 122 para exemplificar três distintas figuras de linguagem em seu manual, as quais serão mostradas pela ordem em que aparecem. A primeira figura é vista nos v. 2-3, abaixo reproduzidos na tradução pessoal já aludida (CERQUEIRA, 2024, p. 74), mas com a figura de linguagem destacada:

² Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó

Jerusalém!

³ **Jerusalém**, construída como cidade compacta,

A figura em questão é a *anadiplose*,³ que é a repetição da mesma palavra no final de uma frase e no início de outra. É interessante notar que ela “costuma aparecer em versos contíguos”, persistindo como “a ideia fixa a englobar tudo o que se segue” (BULLINGER, 1993, p. 251)., motivo pelo qual ela é considerada uma figura de sintaxe – ou seja, de função, de construção – tanto por gramáticos de nossa língua (AZEREDO, 2014, p. 508) quanto por exegetas brasileiros (SILVA, 2022, p. 227).

Qual a relevância disso? Bem, isso importa porque já foi visto que o v. 2 encerra a primeira estrofe e o v. 3 abre a segunda (cf.

³ Do grego, ἀνά (novamente) e διπλοῦς (dobro).

Tabela 1 – Estrutura Formal do Salmo 122). Ou seja, o tema, que é a cidade de Jerusalém, o destino do peregrino, conecta as duas estrofes. Isso fica demonstrado pela própria construção do poema, conforme evidenciado por essa anadiplose.

Convém ressaltar que a anadiplose é, ainda, uma figura de palavras, ou seja, referente à significação de palavras, onde o termo em questão se desvia da significação adotada pelo consenso (AZEREDO, 2014, p. 484). Essa é a nomenclatura tradicional não apenas em língua portuguesa, mas, segundo relata Bullinger (1993, p. v-x), remetente até mesmo aos esforços seminais dos gregos antigos. No entanto, o dito erudito não gosta dessa classificação, preferindo distinguir entre figuras cuja peculiaridade dependa da omissão, da repetição ou da alteração. Seja como for – figura de palavra ou de repetição – a realidade do uso dessa figura de linguagem é que este salmo indica haver **algo mais** nessa “Jerusalém” do Sl 122 do que apenas uma cidade historicamente situada nos montes da Palestina. Antes, como diz Futato (2011, p. 33), uma associação é criada, pois o “domínio de origem” (a Jerusalém davídica em si) é “transferido para o domínio de destino” (o destino dos peregrinos séculos depois).

A segunda figura que aparece é uma muito conhecida: a *simile* (BULLINGER, 1993, p. 726).⁴ Tradicionalmente classificada

⁴ Do latim, *similis* (semelhança). O nome é latino porque os gregos não a classificaram como figura, uma vez que ela é “bem literal e uma das formais mais comuns de expressão”, segundo Bullinger.

como uma figura de pensamento, ela é simplesmente uma “comparação assimilativa por meio da qual uma coisa é explicitamente equiparada a outra” (AZEREDO, 2014, p. 496). Vê-se isso no v. 3:

³ Jerusalém, construída **como** cidade compacta.

Aqui, está sendo destacada a unidade que Jerusalém mostra ter, ou seja, não há espaços baldios e não planejados, assim como, por extensão, não há **nada despropositado** lá. É a completude a que o peregrino aspira. Isso fica mais explícito no hebraico do que no português devido à presença do advérbio יְהֵדָאֵן (*yahdān*), ou seja, algo como “compacta em si mesma *unidamente*” ou “construída em um só pedaço” (CERQUEIRA, 2024, p. 65-66).

Finalmente, pela classificação de Bullinger (1993, p. 247), há um caso de *epanadiplose*,⁵ também conhecido pelo nome latino de *inclusio*. Trata-se de uma repetição da(s) mesma(s) palavra(s) no início e final de um excerto. Ela é vista nos v. 7-8:

⁷ **Haja paz dentro** de teus muros
e prosperidade nos teus palácios.

⁸ Por amor de meus irmãos e amigos,
eu direi: “**haja paz em** ti!”.

O erudito explica que o uso dessa figura chama atenção à solenidade do que está sendo dito. Neste caso, a atenção é chamada ao próprio rogo da bênção, ao melhor estilo sacerdotal o que torna o v. 9 uma frase proferida em acréscimo a essa bênção.

⁵ Do grego, ἐπί (sobre) + ἀνά (novamente) + διπλοῦς (dobro).

A última figura de linguagem a ser tratada nesta seção é uma que já foi abordada na seção anterior, a de “palavras-chave”. Trata-se da *aliteração*,⁶ uma figura que é explicada por Silva nos seguintes termos: “Repetição do som de uma consoante ou de uma sílaba em duas ou mais palavras sucessivas. Normalmente, a repetição de fonemas idêntico ou parecidos encontra-se no início e no meio das palavras envolvidas” (SILVA, 2022, p. 232).

Não se sabe por que motivo Bullinger não usou o Sl 122 como exemplo de ocorrência de aliteração, mas possivelmente se deva a ele considerar aliteração exclusivamente apenas a repetição fonética da letra ou sílaba *inicial* de palavras *sucessivas* (BULLINGER, 1993, p. 171), o que não é o caso aqui. De todo modo, para ver como o salmista empregou as aliterações com o termo *šālôm*/שלום, basta conferir a seção anterior, “palavras-chave”.

CONCLUSÃO

A análise literária permite ver que, para o peregrino que canta o Salmo 122 prossegue rumo a Jerusalém porque lá é onde a paz é encontrada. Como dito análise de gênero, o Salmo 122 é um canto alegre entre dois salmos repletos de preocupação e apreensão.

A anadiplose entre os v. 2 e v. 3 indicam a alegria que é estar em *Jerusalém*, mas o que há nesta cidade para essa alegria? Há a *Casa de Javé*. Essas três palavras vão se repetir equilibradamente em

⁶ Do latim, *ad* (para) e *littera* (letra).

todas as estrofes, mas há algo que é suscitado em consequência de ter chegado a esse destino: a paz. A aliteração presente ao longo do salmo dos fonemas que formam a palavra “paz” explode na última estrofe: há paz, **שָׁלוֹם**/šālôm.

O peregrino, contudo, não toma essa paz para si e vai embora. Ele não chegou sozinho, pois o v. 2 fala sobre “nossos pés”, ou seja, os seus e os de seus companheiros. Além disso, quando a paz finalmente vira climática na última estrofe, a epanadiplose dos v. 7-8 mostra que aquilo que ele menos tinha (paz), ele agora tem não apenas para si, mas para rogar aos outros: a Jerusalém, aos amigos, aos irmãos. Agora há **שָׁלוֹם**/šālôm não apenas para si, mas também para a comunidade peregrina.

Se os dissabores da estrada foram totalmente ofuscados pela paz recebida ao chegarem a Jerusalém, essa **שָׁלוֹם**/šālôm também encoraja para o retorno a seus lares. Tanto que, como despedida, os peregrinos “pronunciam suas bênçãos sobre a cidade” (SCHÖKEL, 1982, P. 356). Eles obtiveram paz sem medida, tanto que agora a têm de sobra para dar aos outros.

A análise retórica do Salmo 122, portanto, é auxílio para enxergar que Jerusalém, cujo próprio nome tem os fonemas de “paz”, é o destino do peregrino, o local da casa de Javé, o local onde a comunidade de peregrinos encontra paz. Essa Jerusalém é a cidade da paz e este salmo é seu hino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Leslie C. **World Biblical Commentary: Psalms 101-150**. v. 21. Waco, TX: Word Books, 1983. p. 155.

AZEREDO, José Carlos de. Gramática **Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

BALLARINI, T. et al. **Introdução à Bíblia**. v. III/2. Trad. N. Ferreira e E. Alves. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 30.

BERLIN, Adele. **The Dynamics of Biblical Parallelism**. Revised and Expanded Edition. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008.

CERQUEIRA, Natan. Do texto bíblico à tradução pessoal: Exercício de crítica textual e análise gramático-sintática do Salmo 122. **Revista Teológica – Seminário Presbiteriano do Sul**, Campinas, v. 76, n.2, p. 46-78, Novembro 2024.

DOBBS-ALLSOPP, F. W. **On Biblical Poetry**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

FUTATO, Mark D. **Interpretação dos Salmos**. Trad. Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 127.

GESENIUS, Wilhelm; KAUTZSCH, Emil. **Gesenius' Hebrew Grammar: As Edited and Enlarged by the Late E. Kautzsch and Revised in Accordance with the Twenty-Eighth German Edition (1909) by A. E. Cowley**. 2nd English Edition. Oxford: Clarendon Press, 1910.

HARMAN, Allan M. **Salmos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. (Comentários do Antigo Testamento).

KELLIGER, K.; RUDOLPH, W. et al. (ed.). **Bíblia hebraica stuttgartensia**. 5ª ed. rev. Estugarda: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. p. 1209.

KERR, Guilherme. **Gramática elementar da língua hebraica**. Filadélfia: Jewish Publication Society, 1948.

KIDNER, Derek. **Introdução e comentário**: Salmos 73-150. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1992.

LAMBDIN, Thomas O. Gramática do hebraico bíblico. Trad. Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulus, 2003.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart [LSJ]. **A Greek-English Lexicon**. v. 2. Oxford: Clarendon Press, 1940. p. 1646.

MOTYER, Alec. Journey: **Psalms for Pilgrim People**. Nottingham: IVP, 2009.

SCHÖKEL, Luis A.; CARNITI, Cecilia. **Salmos II**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998. p. 1465.

_____. **Salmos e cânticos**: a oração do povo de Deus. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1982.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**: versão 2.0. 4ª ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 2022.

ABSTRACT

Case study based on Psalm 122 in which is shown the necessary though non-exhaustive effort to produce a literary analysis of a Biblical text, be it for the purpose of proclamation by a preacher, be it for the purpose of producing an exegesis paper. The model followed here is the same as taught by the Seminário Presbiteriano do Sul, in Campinas, Brazil. The effort consists first in a genre analysis of the text, which provides the subsidies to identify the flow which gives form to the psalm. That is followed by a form analysis with subsequent structuring in a table. Then it moves on the rhetorical analysis, in which the line, metric, parallelism, rhyme, key words, and figures of speech are analyzed. A conclusion ends the chapter with an example of what is possible to extract from the text after the literary analysis.

Keywords: Hebrew Bible, Exegesis of the Psalms, Hebrew Poetry, Rhetorical Analysis

O CASAMENTO NA PERSPECTIVA REFORMADA- FUNDAMENTOS BÍBLICO- TEOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES PASTORAIS

Natã Ventura Dutra¹

RESUMO

Esta obra analisa o casamento segundo a tradição reformada, abordando seus fundamentos teológico-bíblicos e implicações pastorais. Partindo do diagnóstico da crise conjugal no Brasil contemporâneo, o estudo propõe: (1) investigar o status do matrimônio como instituição divina à luz da Teologia Reformada, enfatizando a teologia da Aliança, a economia Trinitária e da Confissão de Fé de Westminster; (2) aplicar o paradigma do “Drama das Escrituras” para revelar o papel simbólico do casamento desde o Éden até a escatologia cristã; e (3) desenvolver uma teologia prática de aconselhamento conjugal, baseada na ação transformadora do Espírito Santo e em diretrizes bíblicas de perdão, serviço mútuo e disciplina amorosa. A pesquisa, de natureza qualitativa, apoiou-se em revisão bibliográfica extensa e em levantamento de fatores de fragilização conjugal, resultando em orientações pastorais para

¹ Atualmente cursando o Bacharel em Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, da Igreja Presbiteriana do Brasil, é candidato ao sagrado ministério do Presbitério Juizforano (PRJF – Juiz de Fora, MG). Servindo como seminarista na Igreja Presbiteriana de Barão Geraldo (Campinas-SP). Cirurgião dentista atuando na área desde 2012, Especialista em Ortodontia (Pós- Graduação lato sensu) pela ICS- Funorte, Ipatinga-MG (2012-15) e Bacharel em Odontologia pela UNIFENAS, Alfenas-MG (2007-11)

prevenção de divórcios e promoção de lares saudáveis. Conclui-se que o casamento reformado é mais que contrato social: é aliança pactual que reflete a união entre Cristo e sua Igreja, requerendo ensino doutrinário e cuidado ministerial contínuo.

Palavras-chave: casamento cristão; teologia reformada; aliança; aconselhamento pastoral.

INTRODUÇÃO

De acordo com o IBGE, em 2022 o Brasil registrou 420 mil divórcios para 970 mil casamentos, ou seja, um divórcio a cada 2,3 uniões. Metade desses divórcios ocorreu antes dos dez anos de casamento, revelando a crescente fragilidade das relações conjugais (G1, 2024). Entre evangélicos, esperava-se uma taxa menor, em razão do suporte comunitário e do ensino sobre o compromisso vitalício; contudo, pesquisas nos EUA mostram índices semelhantes aos demais grupos (BARNA GROUP, 2021). Esse cenário destaca a relevância de resgatar os fundamentos bíblicos do casamento, oferecendo uma compreensão teológica que auxilie os casais a enfrentar os desafios contemporâneos com fidelidade a Deus e sensibilidade pastoral.

Segundo a Escritura, o casamento é uma **instituição divina**, criada para apoio mútuo, multiplicação da espécie e pureza sexual (Gn 2; DIXHOORN, 2017, p.332), e aponta para a união entre Cristo

e a Igreja, na qual o povo de Deus é a noiva chamada a viver sob o amor de seu Salvador (FRAME, 2019, p.171).

Historicamente, católicos e protestantes viam o casamento como vínculo vitalício entre homem e mulher. Porém, com o Iluminismo, a instituição foi redefinida em termos de liberdade individual e realização pessoal, passando de sacramento ou bem comunitário a simples contrato privado (KELLER & KELLER, 2012, pp.29-30). Com esse pano de fundo, este estudo busca expor os aspectos teológicos do casamento na tradição reformada, aplicando-os pastoralmente à realidade dos casais atuais.

1- FUNDAMENTOS BÍBLICO- TEOLÓGICOS

1.1. O casamento e a Teologia da Aliança

Nas Escrituras, a aliança é um “pacto de sangue soberanamente administrado” por Deus, estabelecendo uma relação de vida e morte com os homens. Embora aplicada em diferentes contextos — Noé, Abraão, Israel, Davi e a nova aliança em Cristo —, mantém uma unidade essencial que molda toda a história bíblica (ROBERTSON, 2011, pp. 13-14). Para a teologia reformada, a aliança é uma ação da graça divina. O primeiro pacto, de obras, foi quebrado pela desobediência de Adão, trazendo pecado e morte à humanidade (Rm 5.12). A esperança, então, tornou-se o “pacto da graça”, no qual Deus oferece salvação gratuita em Cristo, mediante

a fé, e promete o Espírito Santo aos destinados à vida eterna (CFW 7.3; cf. Rm 8.3-4; GONZÁLEZ, 2009, p.21).

Nesse contexto, o casamento é compreendido como reflexo da Aliança divina. Van Groninger (2009, pp. 27-29) o define como “vínculo de amor real [...] caracterizado pelo relacionamento indestrutível entre duas partes”, ideia reforçada pela metáfora bíblica do matrimônio: Javé como marido de Israel (Ez 16.8-16; Jr 3.14; 31.32) e Cristo como noivo de sua igreja (Ap 21.2-3; 22.17). Assim, o casamento humano, firmado em amor e fidelidade, torna-se expressão visível do vínculo entre Deus e seu povo, transmitindo de geração em geração a identidade de povo da Aliança. Assim, a metáfora conjugal ilumina a seriedade do casamento humano, que deve ser entendido como reflexo da relação de Deus com seu povo.

1.2. Homem e mulher, criados à imagem de Deus, mas com papéis distintos

Entre os evangélicos, existem duas principais perspectivas a respeito das diferenças entre homens e mulheres, conhecidas como igualitarismo e diferencialismo (ou complementarismo). Os igualitaristas defendem que Deus criou homens e mulheres iguais em essência e função, considerando que a subordinação feminina surgiu como consequência do pecado e da queda. Eles acreditam que, com a redenção em Cristo, essa desigualdade foi abolida, de modo que mulheres e homens possuem os mesmos direitos no contexto da

Igreja, incluindo a possibilidade de exercer cargos de liderança e oficialato (LOPES, 1997, p.1).

Os reformados discordam deste aspecto, entendendo que Deus, desde a criação e portanto antes da queda, atribuiu funções específicas para homens e mulheres, complementando-se mutuamente em suas características (LOPES, 1997, p1). Essas duas abordagens geraram debates no contexto evangélico brasileiro, porém, na grande maioria das vezes, os argumentos igualitaristas se dão por aspectos culturais e sociais contemporâneos e pouco embasamento bíblico. Na perspectiva do casamento, entender essas diferenças é essencial para que cada um dos cônjuges possa compreender melhor seu papel.

Apesar dessa igualdade em essência e valor, homens e mulheres exercem papéis diferentes, tanto no corpo de Cristo quanto no casamento. Defensores do igualitarismo argumentam que antes da queda, os dois gêneros tinham papéis iguais e somente após a queda essa igualdade se perdeu, e como uma consequência, a mulher passou a ser subordinada, usado como base o texto de Gn 3.16 “O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará (ou dominará NVI)”. Sendo assim, seguindo o raciocínio, em Cristo essas diferenças de papéis desapareceriam (RIBEIRO, 2021, pp.6-7). No entanto, examinando o relato da criação, percebemos várias indicações de diferenças de papéis entre o primeiro casal, antes mesmo do pecado entrar no mundo:

A narrativa bíblica da criação (Gn 2:7, 18-23) apresenta Adão como o primeiro ser humano criado, sugerindo um papel de liderança inicial na família. Não vemos este padrão quando os animais são criados (macho e fêmea simultaneamente), indicando assim um propósito especial. A carta de Paulo a Timóteo (1 Tim 2:13) reforça essa interpretação, utilizando a ordem da criação como fundamento para delimitar certos papéis de liderança na igreja (GRUDEM, 1999, p. 379).

O termo “auxiliadora”: segundo Waltke e Fredericks (2010, p. 104), em Gn 2.18, o termo hebraico *’ēzer* (“auxiliadora”) designa a mulher como parceira indispensável do homem, com quem partilha tanto a vocação quanto as responsabilidades dadas por Deus já indicando uma prioridade governamental, porém ambos os sexos sendo mutuamente dependentes, não implicando superioridade ou inferioridade ontológica, pois ambos são igualmente portadores da imagem divina (cf. 1Tm 2.13). A mesma palavra (*’ēzer*) aparece outras 16 vezes no Antigo Testamento em referência ao próprio Deus, ressaltando seu sentido de contribuição essencial e não de inadequação. Já o termo hebraico *negdô*, traduzido como “igual e adequado”, reforça a igualdade de valor e dignidade entre homem e mulher diante de Deus, ainda que a primazia de liderança dentro do casamento seja masculina.

Ao mostrar Deus falando primeiramente com Adão tanto antes (Gn 2:15-17) quanto depois da queda (Gn 3:9), ressalta seu papel de liderança e responsabilidade familiar. Embora Eva tenha

sido a primeira a transgredir (Gn 3:6), é a Adão que Deus dirige a pergunta “Onde estás?”, indicando que ele seria o responsabilizado pelo ocorrido. A despeito de Eva haver pecado primeiro, a Bíblia afirma que “em Adão todos morrem” (1Co 15:22) e que por causa da transgressão de um só homem todos se tornaram pecadores (Rm 5:15) (GRUDEM, 1999, p.381).

O Novo Testamento reafirma os papéis: a redenção em Cristo tem como objetivo restaurar a ordem original planejada por Deus para homens e mulheres. Assim, em passagens como Colossenses 3:18-19 , Efésios 5:22-33 , Tito 2:5 e 1 Pedro 3:1-7 , percebe-se o estímulo para que as esposas não se rebelem contra a liderança dos maridos e para que estes não usem sua autoridade de modo abusivo (GRUDEM, 1999, p.382).

Tal compreensão convida homens e mulheres para se alegrarem na forma como foram criados e nas funções particulares que lhes cabem. A própria essência do Deus todo poderoso funciona dessa maneira, na questão econômica da Trindade, onde há papéis distintos, mas sem posição de valor, da mesma forma homens e mulheres, igualmente portadores da imagem de Deus, podem viver suas diferenças com alegria, dignidade e respeito mútuo, sem que um se sobreponha ao outro (GRUDEM, 1999, p.382).

1.3. O que a Trindade nos ensina sobre ser iguais em essência e diferentes em papéis

A compreensão bíblica acerca de Trindade revela que, apesar do Pai, o Filho e o Espírito Santo serem plenamente iguais em pessoalidade, importância e divindade, há distinções nas funções que cada pessoa exerce (GRUDEM, 1999, pp.377-378). Seguindo uma lógica de que os seres humanos refletem o caráter de Deus, Paulo estabelece um paralelo ao declarar que “Cristo é a cabeça de todo homem, o homem é a cabeça da mulher, e Deus é a cabeça de Cristo” (1Co 11: 3). Assim como o Pai tem autoridade sobre o Filho — sem que isso implique qualquer inferioridade — no casamento o homem exerce liderança enquanto a mulher participa de modo igualmente importante, mas com uma função distinta. A analogia confirma que a diferença de papéis não anula a igualdade de personalidade e de valor, deixando claro que, tanto na Trindade quanto na esfera conjugal, diversidade funcional e igualdade essencial coexistem harmoniosamente (GRUDEM, 1999, p.378).

Assim, ser criado à imagem de Deus implica, entre outras coisas, ser criado para relacionamentos. A ideia de que o ser humano foi feito à imagem de Deus revela que, assim como Deus é relacional em Sua essência, os seres humanos também foram criados para viver em relacionamentos. O relacionamento com Deus e com os outros é parte essencial da experiência humana, conforme refletido na criação do homem (KELLER & KELLER, 2012, pp.133-135).

1.4. O casamento como analogia à união mística de Cristo e sua Igreja

Entre as analogias bíblicas do casamento, a mais profunda é a união mística entre Cristo e sua Igreja. Essa união, vital e espiritual, faz de Cristo a fonte de vida, poder e salvação dos crentes, descrita em imagens como a videira e os ramos, a cabeça e o corpo, e o esposo e a esposa (Jo 15:5; Ef 4:15-16). Trata-se de uma união orgânica, vivificada pelo Espírito Santo, que une cada crente de forma pessoal e direta a Cristo, produzindo transformação contínua e comunhão com Deus (BERKHOF, 2012, pp. 413-416).

Para compreender a força dessa metáfora, é útil recordar os costumes matrimoniais bíblicos. No Antigo e Novo Testamento, casamentos eram alianças familiares, reguladas por restrições de parentesco (Lv 18.1-18) e de fé (Gn 24.3-4; 2Co 6.14-18). O processo envolvia noivado formal — juridicamente vinculante —, confirmado apenas quando o noivo recebia a noiva em sua casa, consumando a união (Dt 20.7; Mt 1.18-19). Havia o pagamento do *mohar* (dote) ao pai da noiva e a entrega de presentes (*mattan*) como garantia de sustento (Gn 34.12; Ex 22.16) (DANIEL-HOPS, 2008, pp. 136-141; BEAUMONT, 2012, pp. 86-87). O rito incluía procissão festiva, votos de bênção (Gn 24.60; Rt 4.11) e celebrações prolongadas, simbolizando a aliança plena entre noivo e noiva (Ct 3.6,11).

À luz desses costumes, a metáfora da Igreja como noiva de Cristo (2Co 11.2; Ef 5.25-32; Ap 19.7-9) ganha maior profundidade. Cristo pagou o preço de resgate de sua noiva com seu próprio sangue, estabelecendo um compromisso já firmado, mas ainda aguardando consumação plena nas bodas do Cordeiro (Ap 21.2,9). Assim como a noiva se prepara para o casamento, a Igreja é chamada à santificação, aguardando o encontro final com o Senhor. O casamento terreno, portanto, reflete essa união espiritual: Cristo ama, protege e santifica sua Igreja, em uma aliança eterna que transcende culturas e tempos (BEAUMONT, 2012, pp. 86-87).

1.5. Porque o casamento não pode ser considerado um sacramento

Embora o casamento seja rico em simbolismos bíblicos — refletindo a Aliança de Deus, a essência trinitária e a união entre Cristo e a Igreja —, não pode ser considerado sacramento, como defende a Igreja Católica Romana.

A Confissão de Fé de Westminster define os sacramentos como “santos sinais e selos do pacto da graça, instituídos por Deus para representar Cristo e seus benefícios, confirmando o nosso interesse nele” (CFW 27.1). Reconhece apenas dois sacramentos: o batismo e a Ceia do Senhor, pois foram ordenados por Cristo e praticados repetidamente pela Igreja primitiva (CFW 27.4; DIXHOORN, 2017, pp.369-370).

João Calvino (2007, pp. 871-874) critica a inclusão do matrimônio como sacramento pela Igreja Católica, apontando que tal ideia só surgiu a partir de Gregório Magno, no fim do século VI. Segundo ele, os antigos usaram o termo “sacramento” em sentido amplo, mas a Igreja medieval transformou práticas comuns em dogmas, multiplicando ritos para sustentar sua estrutura de poder. Martinho Lutero, antes de Calvino, também rejeitara a noção de sete sacramentos, afirmando que apenas batismo e Ceia possuem instituição divina e promessa de perdão vinculada a sinais visíveis (MONTEIRO, 2024, p.24).

A tradição reformada afirma que somente batismo e Ceia têm verdadeira natureza sacramental. O matrimônio, apesar de instituído por Deus desde a criação (Gn 2.24), não foi instituído por Cristo como sacramento. Além disso, seu propósito é natural — procriação, companheirismo e proteção contra a imoralidade (1Co 7.2) —, não um sinal visível da graça divina. Também carece de promessa espiritual específica vinculada à salvação. A comparação paulina entre casamento e a união de Cristo e a Igreja (Ef 5.32) é vista como analogia, não como base sacramental (CALVINO, 2007, pp. 843-874).

Diante de todas essas questões que desqualificam o casamento como sacramento, tornaram ele menor em seu propósito? certamente que não. A Bíblia nos mostra como o casamento é de

fundamental importância na história do povo de Deus, como veremos a seguir.

2 - O CASAMENTO APRESENTADO NA GRANDE HISTÓRIA DA REDENÇÃO:

Como afirma Christopher Wright: “A Bíblia toda nos oferece a história da missão de Deus por meio do povo de Deus no seu envolvimento com o mundo de Deus em favor de toda a criação de Deus” (2014, p.51) e, sendo assim, o casamento não fica fora desse projeto, muito pelo contrário, é uma esfera importantíssima no plano do Altíssimo.

Os papéis diferentes de homem e mulher, bem como o propósito de se unirem, remetem ao início da criação da própria humanidade. Precisamos entender o bem que Deus planejou originalmente e como ambos os gêneros corromperam esse bem, para posteriormente entender como Jesus redime o casamento (KELLER & KELLER, 2012, p.175).

A Bíblia começa com um casamento (de Adão e Eva) e termina, em Apocalipse, com um casamento (de Cristo e a igreja). O casamento é ideia de Deus. Sem dúvida é também uma instituição humana e reflete o caráter da cultura humana específica em que está inserido. Mas o conceito e as raízes do casamento humano encontram-se na ação de Deus, e, portanto, aquilo que a Bíblia diz a respeito do propósito de Deus para o casamento é de suma importância (KELLER & KELLER, 2012, p.16).

Para facilitar a organização deste capítulo e compreensão melhor de como o casamento é visto à luz da história da redenção, será utilizada a divisão de Bartholomew e Goheen, que trazem o “Drama das Escrituras” em seis atos: 1- Criação, 2- Queda, 3- Israel (Aliança), 4- Redenção, 5- Igreja (Missão) e 6- Consumação (2017, pp.31-33). Desta forma, será possível analisar à luz da teologia bíblica os conceitos previamente apresentados no capítulo 1.

2.1. Criados a Imagem de Deus

Enquanto o primeiro capítulo de Gênesis enfatiza que o ser humano foi criado à imagem de Deus e chamado a governar a terra, o segundo capítulo aprofunda os detalhes da criação. Herman Bavinck destaca três peculiaridades desse relato: a preparação do Éden como morada inicial do homem, o mandato probatório de cultivar e guardar o jardim, e o surgimento da mulher como resposta à solidão de Adão (BAVINCK, 2021, pp. 241-244).

Adão foi colocado no Éden com dupla missão: cultivar e proteger a criação, e obedecer à ordem divina de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Assim, sua tarefa envolvia tanto a relação com a terra quanto a fidelidade ao céu (BAVINCK, 2021, pp. 242-243). Nesse contexto surge a necessidade da mulher: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). Criada a partir de Adão, mas igualmente portadora da imagem

divina, a mulher é apresentada como “auxiliadora correspondente”, não inferior, mas plenamente equivalente em humanidade e valor (Gn 2.23). O casamento, portanto, é instituído como a primeira comunidade humana, base da vida social (BAVINCK, 2021, p. 244).

Bavinck ressalta que Eva é “parecida e ainda assim diferente”, dependente e ao mesmo tempo livre, dada ao homem como presente divino. A solidão do ser humano não poderia ser suprida por nenhum outro ser criado, mas apenas por alguém de igual dignidade, capaz de compartilhar vocação e comunhão (BAVINCK, 2021, p. 244).

Timothy e Kathy Keller observam que, embora a modernidade sugira que as diferenças sexuais sejam meramente sociais, a Bíblia mostra que a sexualidade é central para a identidade humana. Homem e mulher foram criados iguais em valor, mas distintos em papéis complementares. Ambos receberam a ordem de exercer domínio sobre a terra, refletindo a criatividade de Deus no cultivo da cultura, na construção de comunidades e na geração de filhos (KELLER & KELLER, 2012, pp. 204-207). Assim, Gênesis 2 apresenta homem e mulher como iguais em valor, diferentes em funções, chamados a viver em harmonia. Essa complementaridade não diminui a dignidade de nenhum deles, mas revela a beleza da criação divina: igualdade e distinção convivendo em perfeita unidade.

2.2. A Queda e suas consequências para o casamento

No episódio da tentação no Jardim do Éden, a serpente, representando Satanás, iniciou um questionamento sobre o caráter de Deus, semeando dúvidas na mente de Eva acerca do que Deus havia instruído, sobre Sua bondade e Seus planos (Gn 3.1,4,5). Eva, ao ser levada por essas dúvidas, errou ao desobedecer a Deus. Então Adão, em vez de agir com autoridade, corrigindo o erro de Eva, simplesmente seguiu-a e cedeu à tentação (Gn 3.6). O resultado desse ato, que chamamos de Queda, é descrito em Gênesis 3.7-19, com consequências trágicas para a humanidade (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

A comunhão com Deus, que antes era íntima e plena, foi interrompida (Gn 3.8,10). Em vez de se aproximarem de Deus, como antes, Adão e Eva esconderam-se d'Ele. O medo e a vergonha dominaram seus corações, e, ao perceberem sua nudez, não só ficaram envergonhados, mas temeram as consequências de seus pecados (Gn 3.10). Em resumo, o pecado não só separou o homem de Deus, como também feriu o propósito divino com o qual Ele havia criado o ser humano (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

A relação de complementaridade entre Adão e Eva, projetada para ser uma união perfeita e de auxílio mútuo, foi rompida. Em vez de um relacionamento harmonioso, onde um ajudaria o outro de maneira equilibrada, passou a existir competição, conflito e culpa.

Essa divisão é visível nas acusações mútuas: Adão culpou Eva, e até Deus, por ter dado a mulher a ele, e Eva não assumiu a responsabilidade, mas também tentou justificar seu erro. Nenhum dos dois pediu perdão ou assumiu sua culpa (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

Além disso, o pecado afetou a dinâmica do relacionamento conjugal. O texto de Gênesis 3.16b fala do desejo da mulher pelo marido, e que ele a dominará. Isso, ao contrário de ser interpretado apenas como um desejo sexual, também sugere uma tentativa da mulher de controlar ou superar o marido. Essa mesma palavra “desejo” aparece em Gn 4.7 se referindo ao “desejo” do pecado de dominar Caim [...] *“o pecado jaz à porta, e o desejo dele será contra ti, mas cumpre a ti dominá-lo.”* Isso sugere que, debaixo da maldição do pecado, a mulher desenvolve uma vontade de dominar e subjugar o marido. O “domínio” do marido, por sua vez, representa mais do que simples liderança, mas um controle que, muitas vezes, se transforma em opressão ou autoritarismo (WENHAM, 1987, pp. 81-82). A harmonia e a complementaridade planejadas por Deus se transformaram em um campo de disputa, competição e culpa.

Essa decadência afetou todos os aspectos do mundo, especialmente as relações familiares, como se observa na desobediência dos filhos aos pais, nos conflitos familiares, separações, abusos e outras manifestações do pecado. A destruição dos valores familiares reflete os frutos podres que nasceram da raiz

do pecado. Além disso, o mandato cultural dado a Adão de "cultivar e guardar" o jardim foi corrompido. O trabalho, que antes era um serviço espiritual debaixo da bênção de Deus, passou a ser marcado pela fadiga, sofrimento e suor, e a morte, que Deus havia mencionado como consequência do pecado, agora se tornava uma realidade inevitável. O homem retornaria ao pó, como estava escrito (Gn 3.19) (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

Portanto, os problemas econômicos, os conflitos financeiros, as disputas entre homens e mulheres e, principalmente, a morte, são evidências do impacto do pecado em todos os aspectos da vida humana, afetando profundamente a dinâmica dos lares até os dias de hoje (MERKH & MERKH, 2013, pp. 49-53).

2.3. O casamento na história do povo da aliança

Mesmo após a Queda, a humanidade permanece feita à imagem de Deus (Gn 5.1; 9.6). Adão e Eva seguem unidos e geram filhos, refletindo ainda o propósito original de Deus. Contudo, o pecado logo se manifesta nas relações, como mostra o assassinato de Abel por Caim (Gn 4), revelando que a rebelião contra Deus trouxe rupturas também às relações humanas (BARTHOLOMEW & GOHEEN, 2017, p.55).

Vemos, a partir daí, uma série de maldições resultantes da desobediência da humanidade, relatada nos primeiros capítulos de

Gênesis (3-11). No capítulo 12, Deus inicia o plano de separar para si um povo sob uma aliança, estabelecida com Abrão. (BARTHOLOMEW & GOHEEN, 2017, pp. 63-65). O interessante dessa aliança para este trabalho é que a promessa de descendência para Abrão passa pelo fato de sua esposa, Sarai, ser estéril. O patriarca busca por alternativas humanas para resolver essa questão, tendo filho com a escrava de Sarai (Gn 16), porém a promessa seria vinculada ao fruto do seu casamento, neste caso ao casal, Abrão receberia a descendência por sua união com Sara (PINTO, 2014, pp.41-43). A história de Abraão começa com o fato de Sara ser estéril. Daí sairá a descendência. A história de Abraão só aponta para as promessas do Senhor por causa de Sara, é nela que Deus opera sua obra. E só conhecemos Sara por causa de Abraão, a quem a promessa foi feita (MEISTER, 2018).

A partir de Abraão e Sara, e seus descendentes Isaque e Jacó, Deus forma Seu povo, Israel, com um propósito e uma missão. “A ideia era que a nação de Israel fosse um povo em exibição encarnando em sua vida comunitária a intenção original de Deus com a criação e seu propósito escatológico para a humanidade” (GOHEEN, 2014, p.43). Partindo deste princípio, o casamento do povo de Israel deveria refletir o que Deus havia estabelecido no Éden, deveriam viver diferente dos outros povos.

Princípios foram estabelecidos desde a criação quanto ao casamento, que deveria ser monogâmico, heterossexual,

profundamente íntimo e indissolúvel (LOPES, 2005, pp.25-35). Ainda assim, vemos que a prática da poligamia era socialmente aceita, apesar de ser condenada pelas Escrituras (Dt 28.54,56; Sl 128.3; Pv 5.15-21; Ml 2.24), gerando consequências na família da Aliança: Esaú tomou duas esposas que amarguraram a vida de seus pais (Gn 26.34-35); a poligamia causa rivalidade entre Lia e Raquel (Gn 29.30); em Gn 30.1-2, vemos que a poligamia levou à inveja e ira, com Raquel se ressentindo de Lia por não conseguir ter filhos, o que resultou em desavenças e brigas entre eles e se alastrando por seus filhos, como pode ser visto nas consequências do favoritismo de Jacó por José, que faz com que seus irmãos executem sua vingança contra o filho de Raquel (Gn 37) (LOPES, 2005, p. 30).

Deus deu a Moisés a Sua Lei, para que o povo pudesse conhecer a vontade do Senhor e andar em seus caminhos. Nos aspectos que tangem o casamento, Deus ordenou um princípio no decálogo, “não adulterarás” (Ex 20. 14). O livro de Levítico apresenta a extensão dessa ordem nos capítulos 18 e 20, trazendo proibições quanto ao incesto, fornicação, adultério, homossexualidade e bestialidade (MORALES, 2022, p.202).

Durante a trajetória do povo de Deus no Antigo Testamento, vemos em muitas passagens a aliança do casamento como símbolo da aliança entre Deus e Seu povo. Como afirma Malaquias 2.14, a esposa é chamada de "companheira e mulher da tua aliança matrimonial", e Provérbios 2.17 descreve a esposa infiel que

"abandona o companheiro da sua mocidade e se esquece da aliança que fez com seu Deus". Essas passagens revelam que a aliança conjugal é mais do que um acordo entre os cônjuges, ela é uma aliança também com Deus, feita diante Dele. Portanto, ser infiel ao cônjuge é também ser infiel a Deus, já que o casamento é uma união sagrada, refletindo a relação entre Deus e Seu povo (KELLER & KELLER, 2012, pp.100-101).

Dessa forma, o casamento é visto não apenas como um compromisso entre marido e mulher, mas como um pacto diante de Deus, no qual a fidelidade ao parceiro é, igualmente, uma expressão de fidelidade a Deus. Essa compreensão amplia o valor do casamento, mostrando que a união conjugal é uma aliança que transcende os interesses humanos, sendo profundamente espiritual e sagrada (KELLER & KELLER, 2012, pp.100-101).

Os livros de sabedoria apresentam também instruções sobre como o povo de Deus deve viver seu relacionamento conjugal. O livro de Provérbios levanta um contraste entre a mulher estrangeira e a mulher adúltera, e os perigos de se envolver com estas, e a mulher virtuosa do capítulo 31 (DILLARD & LONGMAN III, 2006, pp.226-236). O livro de Cântico dos Cânticos, com seus poemas que celebram o amor conjugal, apresentam uma “correção canônica à perversão da sexualidade”, descrevendo a restauração do amor humano aos propósitos originais (DILLARD & LONGMAN III, 2006, p.254).

Em Jeremias 3.8, Deus expressa sua tristeza e ira diante da infidelidade espiritual de Israel, que, ao adorar outros deuses, se entregava a um novo parceiro pactual, o que é comparado simbolicamente a um adultério. Esse comportamento de Israel, que se afastava de seu compromisso com Deus, é descrito como uma traição. Deus, em Sua justiça, "manda embora" e "dá a carta de divórcio" a Israel devido a essa infidelidade (KELLER & KELLER, 2012, p. 109). Esse padrão de infidelidade é igualmente ilustrado no livro de Oseias, onde o profeta é instruído por Deus a se casar com uma prostituta, simbolizando a relação de Israel com Deus. Apesar das transgressões, Deus promete curar a infidelidade de Israel e renová-la, com a promessa de um futuro de restauração e abundância (Os 14.4-7). A fidelidade de Deus à Sua noiva, Israel, é incondicional, e Ele a acolherá de volta com amor e misericórdia (HORTON, 2016, pp.761-763).

2.4. A Redenção do casamento em Cristo

Na pessoa e obra de Jesus Cristo, vemos o começo da restauração da unidade e do amor originais entre os sexos. Jesus exalta a igualdade das mulheres, destacando que tanto elas quanto os homens são portadores da imagem de Deus e participantes do mandado da Criação. Ao longo dos Evangelhos, vemos que todas as interações de Jesus com mulheres são positivas e transformadoras. Jesus não apenas reconhece, mas valoriza a participação das

mulheres, elevando sua condição numa cultura em que muitas vezes eram vistas como cidadãs de segunda classe (KELLER & KELLER, 2012, pp.208-209).

A igreja primitiva, especialmente no evento de Pentecostes, também adota uma atitude radical em relação às mulheres, ao reconhecer que o Espírito Santo desceu sobre mulheres da mesma forma que sobre os homens. Essa igualdade no Espírito reflete a visão radical de Jesus sobre o valor das mulheres. No entanto, Paulo, em 1 Coríntios 11, lembra as mulheres de que, embora estivessem envolvidas em ministérios semelhantes aos dos homens, elas deveriam destacar sua identidade feminina e não tentar adotar uma abordagem unissex, negando o papel distinto que Deus lhes deu. A igreja primitiva, portanto, não apenas reconheceu o valor das mulheres, mas também enfatizou que seu papel único e complementar dentro da comunidade cristã deveria ser preservado e celebrado (KELLER & KELLER, 2012, pp.208-209).

Em Apocalipse 21.2, a Nova Jerusalém é descrita como uma noiva adornada para o seu esposo, simbolizando a união perfeita e eterna entre Cristo e a Igreja. Em Efésios 5.25-27, Paulo exorta os maridos a amarem suas esposas como Cristo amou a Igreja, sacrificando-Se por ela para santificá-la e apresentá-la a si mesmo, sem mácula ou defeito. O casamento entre Cristo e a Igreja é, assim, um "mistério" (v. 31-32), que aponta para a união perfeita e eterna que aguarda a Igreja no futuro (HORTON, 2016, pp.761-763).

A chave para entender o casamento, segundo Paulo, está em compreender a relação entre o casamento e a obra redentora de Cristo. Ele revela esse "segredo" em Efésios 5, ao afirmar que o amor no casamento deve refletir o amor sacrificial de Jesus pela igreja. Paulo explica que, quando Deus instituiu o casamento, Ele já estava pensando em Cristo e na igreja. O marido deve amar sua esposa da mesma maneira que Cristo amou a igreja, ou seja, entregando-se por ela. O sacrifício de Cristo, que abriu mão de sua glória e se fez servo para nos unir a Ele, serve como modelo para o comportamento dos maridos no casamento (Filipenses 2:5-11, Romanos 6:5, 2 Pedro 1:4, Efésios 5:25-28) (KELLER & KELLER, 2012, pp.57-59).

2.5. A missão da igreja e o papel do casamento nessa missão

O apóstolo Paulo conecta a instituição do casamento em Gênesis 2 com a união de Cristo e sua Igreja (Ef 5.22-33), mostrando que o matrimônio encontra seu verdadeiro significado no evangelho. O amor sacrificial de Cristo, que se entregou pela Igreja, é a base para o viver conjugal: o casamento e o evangelho se interpretam mutuamente, refletindo a relação de amor e serviço de Cristo para com seu povo (KELLER & KELLER, 2012, pp.57-59).

Paulo orienta que esposas sejam submissas e maridos amem suas esposas como Cristo amou a Igreja (Ef 5.22-25). Essas exortações não são idênticas, mas complementares: cada cônjuge deve viver em sacrifício e entrega pelo bem do outro. A liderança do

marido, longe de ser autoritária, deve refletir a liderança de Cristo — humilde, serva e sacrificial (KELLER & KELLER, 2012, pp.67-68). Filipenses 2.5-11 apresenta Cristo que, sendo igual a Deus, esvaziou-se e assumiu forma de servo. Esse modelo de submissão voluntária ensina que a autoridade, no casamento, deve ser exercida em amor, e a submissão, compreendida como entrega livre e amorosa (CHAN & CHAN, 2016, pp.75-76). Assim, autoridade e submissão, quando moldadas por Cristo, não produzem opressão, mas honra, serviço mútuo e edificação (KELLER & KELLER, 2012, pp.212-214).

Esse padrão encontra paralelo na Trindade: Pai, Filho e Espírito são iguais em valor e dignidade, mas exercem funções distintas e complementares. Da mesma forma, marido e esposa refletem a imagem de Deus quando vivem em complementaridade, em serviço e amor, revelando ao mundo a glória de Deus em sua unidade (KELLER & KELLER, 2012, pp.58-59).

John Piper lembra que o ser humano foi criado para refletir a glória de Deus, encontrando sua realização em valorizar o Senhor acima de tudo. A glória divina resplandece no evangelho, especialmente na cruz, onde Cristo revelou sua perfeição. Assim, o casamento torna-se ambiente privilegiado para manifestar essa glória, pois marido e mulher, em unidade e entrega, refletem a imagem divina diante do mundo (PIPER, 2017, pp.30-31; 2Co 3.18; 4.4).

Efésios 5 chama esse vínculo de “mistério profundo”: o casamento humano é uma parábola viva da relação eterna de Cristo com sua Igreja. Desde o Éden até a encarnação de Cristo, Deus buscou comunhão com seu povo; agora, no evangelho, essa união encontra expressão no matrimônio. O casamento cristão, portanto, não é apenas uma instituição social, mas parte da missão da Igreja: tornar visível a realidade do amor redentor de Cristo no mundo (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46).

2.6. A consumação e o casamento de Cristo e a Igreja

A história da redenção culmina na união plena de Cristo com a sua Igreja. Após enviar o Espírito Santo para habitar no coração dos crentes, Deus prepara seu povo para o futuro encontro definitivo, quando Cristo se casará com sua noiva e viverá com ela eternamente. O casamento terreno, portanto, é apenas uma sombra desse relacionamento eterno, o ápice do mistério revelado ao longo da história bíblica (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46).

O evangelho mostra que Cristo não apenas perdoa, mas também transforma sua Igreja em algo belo aos olhos de Deus. Isaías 61.10 descreve essa realidade: “Ele me vestiu com as vestes da salvação e sobre mim pôs o manto da justiça, qual noivo que adorna a cabeça como um sacerdote, qual noiva que se enfeita com joias”. Assim, a justiça de Cristo é o adorno da noiva, tornando-a espiritualmente atraente e digna. O milagre do evangelho é que,

antes impura e despreparada, a Igreja foi revestida de glória pelo próprio Senhor (CHAN & CHAN, 2016, pp.37-41).

Entretanto, vivemos ainda na tensão do “já e ainda não”: já pertencemos a Cristo, mas aguardamos a consumação. Em Apocalipse 19.6-9, as bodas do Cordeiro são descritas como o grande banquete da eternidade, quando a noiva estará pronta para se unir ao Cordeiro. Essa imagem aponta para o cumprimento pleno da aliança de Deus, em que a Igreja será adornada com vestes preciosas, símbolo da perfeição da união eterna (HORTON, 2016, pp.761-763).

O destino final do povo de Deus é descrito em Apocalipse 21.1-4: novos céus e nova terra, onde Deus habitará com sua Igreja para sempre, e onde não haverá mais morte, dor ou sofrimento. Embora a vida presente seja breve e marcada por lutas, a promessa do casamento eterno com Cristo é de alegria sem fim, paz perfeita e plenitude em comunhão com Deus. Esse é o grande futuro reservado para todos os que pertencem ao Cordeiro — a consumação de um amor que começou na eternidade e jamais terá fim (CHAN & CHAN, 2016, pp.37-41).

3- IMPLICAÇÕES PASTORAIS

Vivemos em uma época singular da história da redenção, em que o Espírito Santo habita em todos os que creem. Essa presença não substitui simplesmente o templo ou a encarnação de Cristo, mas

revela uma realidade ainda mais profunda: Deus não apenas está conosco, Ele habita em nós (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46). Essa verdade, no entanto, contrasta com a fragilidade de muitos casamentos cristãos, frequentemente marcados pela falta de amor e compromisso.

Diante disso precisamos compreender o casamento segundo os conceitos doutrinários, à luz da revelação bíblica, para se produzir uma teologia pastoral que seja aplicável aos casamentos cristãos, visando a edificação do povo de Deus e a preservação desta instituição tão atacada e menosprezada nos dias atuais.

Para que esta análise seja relevante para os dias atuais, foram pesquisados os principais motivos que levam os casamentos a chegarem ao fim, utilizando como base uma pesquisa de 2017 (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al. 2017), que analisa as razões mais comuns para a dissolução de casamentos e uniões estáveis no Reino Unido. O estudo, realizado entre 2010 e 2012, envolveu 15.162 pessoas de 16 a 74 anos e utilizou entrevistas pessoais para coletar dados. Em uma síntese desse artigo, pode -se extrair 12 motivos principais que levam os casais ao divórcio, como também aponta reportagem sobre o material, feito pela revista Forbes (TRAVERS, 2023). Os doze motivos elencados são: cresceram individualmente, mas não como casal; discussões frequentes; infidelidade; falta de respeito ou apreciação; violência doméstica; diferença de interesses; dificuldades sexuais; problemas

financeiros; não ter filhos; mudanças de ambiente; uso de álcool e drogas; não compartilhar tarefas domésticas.

Partindo da premissa que o povo de Deus vive debaixo do poder do Espírito Santo e à luz da Palavra de Deus como regra de fé e prática, os motivos pelos quais as pessoas se divorciam de maneira geral não deveriam afetar os crentes como tem afetado. Portanto é necessário analisar cada item e ver como autores cristãos tratam cada um dos temas à luz da Palavra de Deus.

3.1. Cresceram individualmente, mas não como casal

O motivo mais frequentemente citado para o divórcio é o distanciamento emocional ao longo do tempo, quando cada cônjuge segue prioridades distintas — carreira, amizades, interesses — sem cultivar a vida a dois (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). A fé cristã oferece diagnóstico e remédio para esse individualismo. Na Trindade, cada Pessoa vive em entrega mútua, e Jesus, no Calvário, se ofereceu totalmente pelo outro (Jo 17.21; KELLER & KELLER, 2012, p.74). Aplicado ao casamento, isso significa renunciar ao egocentrismo e abraçar uma vida de serviço mútuo. Paulo expressa essa lógica ao ordenar: “sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5.21), ensinando que a verdadeira liberdade nasce da entrega e do amor sacrificial (KELLER & KELLER, 2012, p.75).

A visão secular tende a priorizar a realização pessoal, defendendo que, se o cônjuge não apoiar esse desenvolvimento, o divórcio pode ser a solução. Tal lógica, porém, reforça o egoísmo e mina a vida em comum (KELLER & KELLER, 2012, pp.82-83). O princípio cristão, ao contrário, aponta para a abnegação gerada pelo Espírito Santo: ao tirar o foco de si e reconhecer que Cristo supre nossas necessidades, libertamo-nos da expectativa de que o outro seja nosso salvador. Assim, a felicidade conjugal é fruto paradoxal do serviço mútuo.

Quando cada um cresce isoladamente, instala-se o vazio relacional. A resposta bíblica é redescobrir a interdependência: assim como na Trindade não há existência separada, no matrimônio ambos são chamados a viver em unidade. Seguindo o exemplo de Cristo em Filipenses 2.5-8, marido e esposa reencontram comunhão e crescem “juntos”, e não sozinhos.

3.2. Discussões frequentes

Esse motivo está diretamente ligado à comunicação deficiente e à falta de habilidades para resolver conflitos (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al. 2017). A resposta bíblica repousa na dinâmica de Efésios 5: o marido deve amar a esposa “como Cristo amou a igreja” (v. 25) e a esposa responder com respeito, numa relação de serviço mútuo (GRUDEM, 1999, p.384). Quando distorcido, esse modelo gera tirania ou

passividade, tanto masculina quanto feminina, abrindo espaço para ciclos de silêncio ou agressividade. O caminho bíblico é o equilíbrio: liderança servidora e submissão sábia, onde ambos participam ativamente das decisões sem usurpar ou omitir responsabilidades.

Dave Harvey (2011, pp.55-68) sugere quatro “marchas” práticas para lidar com conflitos: (1) autoexame antes de confrontar; (2) integridade e confissão de orgulho; (3) obediência conjunta à vontade de Deus; e (4) reconhecer que as disputas nascem de desejos egoístas (Tg 4.1-2). Esse processo conduz ao perdão e restauração, transformando o lar em espaço de graça e não de cobranças mútuas.

O cultivo de uma comunicação bíblica envolve ouvir antes de falar (Tg 1.19), não deixar o sol se pôr sobre a ira (Ef 4.26), falar a verdade em amor (Cl 3.9-10) e responder com brandura (Pv 15.1). Tais práticas preservam a confiança e impedem que palavras impensadas destruam a intimidade conjugal (KEMP, 2004, pp.62-72).

3.3. Infidelidade

A traição fere a confiança, rompe o pacto diante de Deus e ameaça a continuidade do matrimônio. Desde o princípio, o casamento foi instituído como aliança sagrada: deixar os pais, unir-se ao cônjuge e formar “uma só carne” (Gn 2.24). Por isso, Malaquias denuncia a infidelidade como quebra do pacto diante do Senhor, testemunha do casamento (Ml 2.14), e Jesus reforça: “o que

Deus ajuntou não o separe o homem” (Mt 19.6). O matrimônio, único instituto anterior à Queda, deve ser “digno de honra entre todos” (Hb 13.4).

À luz da Confissão de Fé de Westminster (24.5–6), o adultério constitui motivo legítimo para o divórcio e até para novo casamento, “como se a parte infiel fosse morta”. A deserção irremediável é igualmente considerada. Contudo, a decisão não deve ficar ao arbítrio das partes, mas ser avaliada publicamente pela igreja e pela autoridade civil, conforme observa Dixhoorn (2017, pp.336-339). Jesus confirma que apenas a infidelidade justifica a separação (Mt 5.32; 19.9), e Paulo acrescenta a deserção (1 Co 7.15), mantendo a indissolubilidade do vínculo até a morte (Rm 7.2-3).

Ainda assim, o adultério não precisa ser o fim inevitável do casamento. A Escritura ensina que a restauração é possível quando há arrependimento e perdão. O perdão não anula a gravidade do pecado, mas abre espaço para a cura que só Deus pode operar, renovando o vínculo conjugal quando ambos os cônjuges se dispõem à reconciliação (SMITH, 2018, pp.17-23).

3.4. Falta de respeito ou apreciação

A ausência de respeito e de gestos de valorização — desde insultos até a indiferença no cotidiano — aparece como uma das razões mais citadas para a dissolução conjugal, sobretudo entre mulheres (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017).

Quando o cônjuge não se sente honrado ou apreciado, instala-se um vazio relacional que mina o vínculo da aliança.

Adão Carlos do Nascimento (2001, pp. 9–13) lembra que o amor, em si mesmo, é volátil, mas o compromisso firmado no pacto conjugal sustenta o vínculo nos altos e baixos da vida. Citando Bonhoeffer, ele destaca que não é o amor que mantém o casamento, mas o casamento que sustenta o amor. Assim, mais do que sentimentos passageiros, é a decisão diária de honrar e servir que preserva o matrimônio. Biblicamente, Paulo exorta a “considerar os outros superiores a si mesmos” (Fp 2.3) e a “suportar-se em amor” (Cl 3.19). Esse espírito de serviço mútuo transforma a falta de apreço em gestos de honra concreta. No entanto, quando prevalece o egoísmo, a relação se corrompe. O exemplo de Isaque e Rebeca mostra isso: a mentira de Isaque em relação à sua esposa (Gn 26.7) e o favoritismo dividido entre os filhos (Gn 25.28) expuseram a casa à divisão e ao ressentimento (LOPES, 2005, pp. 84–85).

Esse episódio revela como atitudes de injustiça e descuido enfraquecem o respeito e transformam a família em campo de competição. Para evitar que o casamento se torne monótono ou amargo, é necessário cultivar transparência, gratidão e justiça, renovando o compromisso de valorizar o outro diariamente. Assim, em lugar de erosão silenciosa, o matrimônio se torna espaço de honra, amor e perseverança diante de Deus.

3.5. Violência doméstica

A violência doméstica, seja física ou emocional, é um dos motivos mais graves para o rompimento conjugal, sendo mais relatada por mulheres, mas com efeitos devastadores para ambos os cônjuges (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). À luz das Escrituras, o chamado de Paulo em Efésios 5.25–27 estabelece o padrão: o marido deve amar a esposa “como Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela”. Esse amor é ativo e sacrificial, custoso e perseverante, voltado a proteger e santificar a esposa, e não a feri-la (CHAN & CHAN, 2016, pp. 63–66). O modelo de Cristo não legitima poder ou controle, mas transforma a liderança em serviço que honra e edifica.

É fundamental ressaltar: o ensino bíblico de submissão jamais deve ser confundido com tolerância ao abuso. Nenhuma mulher é chamada a permanecer em risco físico ou emocional. A integridade da esposa e dos filhos é prioridade, e buscar proteção junto às autoridades é um caminho legítimo e necessário (CHAN & CHAN, 2016, pp. 74–75). O verdadeiro amor cristão elimina toda agressão e se reveste de gestos de cuidado. No lugar de violência, deve florescer a prática diária do amor que age e se sacrifica. Assim, o lar torna-se reflexo da união de Cristo com a Igreja: espaço de vida, honra e proteção, onde a dignidade mútua é preservada e a violência não tem lugar.

3.6. Diferença de interesses

A pesquisa mostra que a falta de compatibilidade — seja em hobbies, valores ou prioridades — é um motivo recorrente de separação, (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). No contexto bíblico, diferenças não devem ser vistas como ameaça, mas como oportunidade de aprofundar a intimidade. Esta se constrói não apenas no prazer e nas celebrações, mas também nas dores e desafios, exigindo compromisso além do afeto passageiro. O Cântico dos Cânticos ilustra essa tensão: há momentos de comunhão plena (Ct 1.2) e também de ausência e frustração (Ct 3.1), mostrando que a fidelidade à aliança permite transformar crises em reconciliação (AGRESTE, 2009, pp. 143-159).

A Confissão de Fé de Westminster lembra que os cristãos devem “casar-se no Senhor” (CFW 24.3), pois só em um ambiente de valores espirituais compartilhados é possível viver a liderança servidora do marido e a cooperação da esposa de forma saudável (KELLER & KELLER, 2012, pp. 221-222). A Escritura reforça esse princípio: “Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6.14–15). Casamentos em jugo desigual tendem a gerar isolamento emocional ou enfraquecimento da fé (KELLER & KELLER, 2012, pp. 254-256; DIXHOORN, 2017, pp. 336-339).

Esse alerta é antigo: alianças com povos idólatras foram advertidas por Moisés (Dt 7.3-4), negligenciadas por Salomão (1Rs

11.4) e combatidas por Neemias (Ne 13.25-27). Portanto, escolher cônjuge dentro da fé não é mera preferência, mas proteção contra divisão espiritual. Quando marido e esposa edificam o casamento sobre a mesma fé, suas diferenças se convertem em complementaridade. Em vez de separar, tornam-se oportunidade de crescimento mútuo, pois ambos partilham a missão maior de refletir Cristo no lar. Assim, o casamento não sucumbe às “diferenças de interesses”, mas floresce na unidade do evangelho.

3.7. Dificuldades sexuais

A falta de desejo ou uma vida sexual insatisfatória é um dos fatores que gera distanciamento físico e emocional nos casais, comprometendo a intimidade conjugal (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS et al., 2017). Do ponto de vista cristão, o sexo é dom de Deus, criado para ser vivido no casamento como expressão de prazer, mutualidade e complementaridade. Contra distorções históricas que o demonizaram, a Escritura afirma que “tudo o que Deus criou é bom” (1Tm 4.4) e que marido e esposa tornam-se “uma só carne” (Gn 2.24). Assim, o ato conjugal não é apenas reprodutivo, mas celebra companheirismo e amor (GRZYBOWSKI, 1998, pp. 34-44; PIPER, 2013, pp. 49-58).

Além disso, Paulo ensina que a vida sexual protege o casamento contra tentações externas (1Co 7.3-5). O princípio da mutualidade, em que cada cônjuge entrega-se ao outro com amor,

transforma o sexo em um meio de graça e fidelidade conjugal. Quando bem vivido, torna-se também arma espiritual contra Satanás (PIPER, 2013, pp. 49-58).

A Bíblia não trata o sexo como tabu: o Cântico dos Cânticos celebra a paixão com imagens explícitas (Ct 4.10; 7.6-7) e Provérbios exorta: “Alegra-te com a mulher da tua mocidade” (Pv 5.18-19). Hebreus 13.4 resume o princípio: “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula”. Assim, a sexualidade conjugal deve ser vivida sem culpa, em santidade e alegria, como expressão do amor de Cristo pela Igreja (COLLINS, 2004, pp. 311-312).

3.8. Problemas financeiros

As tensões financeiras são uma das principais causas de ruptura conjugal, afetando 7,3% dos homens e 11,8% das mulheres na pesquisa de Gravningen, Mitchell e Wellings (2017). Muitas vezes, esses conflitos nascem de modelos herdados da família de origem ou da falta de consenso sobre prioridades e gastos. A Escritura lembra que, no casamento, o homem deve “deixar pai e mãe e unir-se à sua mulher” (Gn 2.24), o que inclui a construção de uma nova identidade financeira conjunta (HONÓRIO, 2014, pp. 78-90).

A Bíblia adverte que “o amor do dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6.10). Tanto a escassez quanto o excesso podem gerar

dívidas, disputas e distanciamento familiar, sobretudo em uma cultura moldada pelo consumo desenfreado (LOPES, 2005, pp. 85-89). O caminho bíblico, porém, envolve sabedoria no planejamento, fuga das dívidas e prática da generosidade. Quando o casal alinha sonhos e metas antes de falar de números, o dinheiro ganha propósito comum, tornando-se instrumento de unidade em vez de divisão (1Tm 6.9; HONÓRIO, 2014, pp. 78-90).

A transparência financeira também é essencial: qualquer “gasto às escondidas” fere a confiança e equivale a traição do pacto matrimonial. Decidir juntos o melhor arranjo bancário — seja conta conjunta ou modelos híbridos — reforça a ideia de que ambos são administradores da mesma casa.

Por fim, a generosidade ocupa lugar central. Ao dizimar (Mt 3.10) e ofertar com alegria (2Co 9.7), o casal confessa que tudo provém de Deus e transforma recursos em bênção para outros. Assim, o dinheiro deixa de ser causa de conflito e torna-se meio de fidelidade, provisão e unidade conjugal (HONÓRIO, 2014, pp. 78-90).

3.9. Opção por ter ou não filhos

Embora menos frequente, a divergência quanto à decisão de ter filhos aparece como causa de ruptura, sobretudo entre mulheres (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al., 2017). Em uma sociedade que valoriza autonomia e carreira, cresce a ideia de que a

parentalidade é opcional. Contudo, a Escritura apresenta a geração de filhos como parte do mandato divino: “Sede fecundos, multiplicai-vos” (Gn 1.28), ligando o matrimônio não apenas ao companheirismo, mas também à continuidade da humanidade e do povo da Aliança (NICODEMOS LOPES, 2019, pp. 92–94). Desde Gênesis 17.7 até Atos 2.39, a promessa divina abarca descendentes, lembrando que filhos são herança do Senhor (Sl 127.3-5). Recusar deliberadamente a procriação, ainda que não constitua pecado formal, representa afastamento do mandato criacional e da missão da família como transmissora da fé (DIXHOORN, 2017, pp. 347-348).

A mentalidade secular tende a medir os filhos pelo custo ou impacto na carreira; a visão bíblica, porém, os celebra como bênção e instrumento de maturidade espiritual, pois educar e cuidar ensina a generosidade e a perseverança (AGRESTE, 2009, pp. 136-139). Por isso, jovens casais são chamados a resistir à pressão cultural que reduz a criança a um peso. É verdade que motivos extraordinários podem limitar a paternidade ou maternidade, mas a renúncia voluntária, sem justa causa, empobrece o propósito do casamento. A missão conjugal não é apenas o amor mútuo, mas também a formação de uma “semente piedosa” (Mt 2.15), pela qual Deus fortalece e expande o corpo de Cristo (NICODEMOS LOPES, 2019, pp. 92-94; DIXHOORN, 2017, pp. 332-335).

3.10. Entendendo os papéis na “vida comum do lar”

Problemas como uso de álcool e drogas, desigualdade na divisão de tarefas e mudanças de ambiente têm em comum o descuido com o pacto conjugal e a negligência dos papéis bíblicos de “líder-servo” e “ajudadora forte” (Ef 5.21–33). Paulo inicia o texto convocando à sujeição mútua no temor de Cristo, lembrando que o marido deve amar a esposa como Cristo amou a igreja, com sacrifício e cuidado, e que a esposa, ao submeter-se, honra à ordem divina e coopera para o fortalecimento do lar (CHAN & CHAN, 2016, pp. 63–75).

O amor sacrificial do marido não se expressa apenas em atos grandiosos, mas em gestos diários de serviço — trocar fraldas, repartir tarefas, ouvir e cuidar. A liderança espiritual implica promover a santificação da esposa e criar um ambiente de segurança. A submissão, por sua vez, não é obediência cega: quando o marido exige pecado, prevalece a ordem de obedecer antes a Deus (At 5.29). A esposa é chamada a ser auxiliadora forte, oferecendo sabedoria e apoio, sem anular sua dignidade ou voz.

A desigualdade nas tarefas domésticas é frequentemente citada pelas mulheres como fator de separação (GRAVNINGEN; MITCHELL; WELLINGS; et al., 2017). A Bíblia, porém, não fixa papéis rígidos — ela fornece princípios universais, não estereótipos culturais. Assim, cada casal, em seu contexto, deve aplicar o modelo

de liderança-serviço e auxílio mútuo, refletindo o equilíbrio entre autoridade exercida com ternura e submissão oferecida com amor (KELLER & KELLER, 2012, pp. 217–226).

Mudanças externas — emprego, cidade, circunstâncias imprevistas — também podem gerar distanciamento. Se não forem enfrentadas em unidade, tornam-se ocasião para fuga do pacto conjugal. A disposição de “ser uma só carne” (Ef 5.31) requer que marido e esposa caminhem juntos, sustentando-se mutuamente diante das transições.

Assim, viver a “vida comum do lar” significa que o casal, cheio do Espírito, enfrenta tanto as lutas internas quanto as pressões externas em submissão mútua, perdão, serviço e respeito. É nesse terreno cotidiano — desde a administração do lar até as mudanças de ambiente — que o casamento cristão testemunha a aliança de Cristo com a igreja. A verdadeira transformação não vem de métodos humanos, mas do poder do Espírito Santo, que molda lares santos, unidos e frutíferos.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que o casamento, segundo a teologia reformada, é mais do que uma convenção social ou um contrato

privado: trata-se de uma aliança sacramentalmente análoga ao pacto de Deus com Seu povo, fundada na graça e refletindo o vínculo vivo entre Cristo e sua Igreja, cabe então enfatizar que o que torna o casamento verdadeiramente eficaz não é sobretudo a técnica ou o esforço humano, mas o evangelho que o sustenta.

De que você precisa, então, para fazer o casamento dar certo? Precisa conhecer o segredo, o evangelho, e como ele lhe dá o poder e o modelo para seu casamento. A experiência do casamento lhe revelará a beleza e os aspectos mais profundos do evangelho. Em contrapartida, a compreensão melhor do evangelho o ajudará a experimentar uma união cada vez mais profunda com seu cônjuge ao longo dos anos. (KELLER & KELLER, 2012, p.60).

Além disso, o matrimônio cristão não é apenas íntimo, mas também missionário. Nosso casamento também exerce papel relevante no grande plano de Deus. *“Somos chamados a pintar um retrato tão atraente da vida conjugal que leve as pessoas a almejarem o casamento vindouro com Jesus”* (CHAN; CHAN, 2016, p. 47). Assim, o lar cristão torna-se um anúncio vivo do Evangelho, uma prévia do banquete escatológico, tal como descrito no segundo capítulo, e aponta para a consumação final.

Se realmente o Espírito de Deus habita dentro de nós, o poder de Deus deve ser refletido em nossos casamentos. A transformação que o Espírito realiza em nossas vidas deveria ser evidente também nas relações conjugais. É frustrante ver que as estatísticas mostram que os casamentos cristãos, muitas vezes, não são diferentes dos

casamentos de pessoas não cristãs, especialmente quando se trata de problemas como o divórcio e a falta de amor. A solução não está em simplesmente tentar mais ou aplicar estratégias corretas de relacionamento, mas em permitir que o poder do Espírito de Deus flua de nosso coração, inundando nosso casamento e todas as áreas de nossa vida. O poder transformador do Espírito é o que traz verdadeira mudança e restauração, não apenas em nosso comportamento, mas em nossos relacionamentos mais íntimos, refletindo o amor de Cristo (CHAN & CHAN, 2016, pp.45-46).

Em conclusão, este artigo propôs que o fortalecimento dos casamentos cristãos depende tanto da fidelidade aos preceitos bíblicos e confessionais quanto da ação transformadora do Espírito Santo na vida dos cônjuges. À igreja cabe ensinar, advertir e apoiar pastoralmente, criando ambientes de transparência, serviço mútuo e disciplina amorosa. Por fim, espera-se que este estudo inspire novas pesquisas e práticas ministeriais que mantenham vivo o propósito divino para o matrimônio, reafirmando que o lar cristão é testemunho da aliança eterna entre Cristo e Sua noiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRESTE, Ricardo. **Feito para durar**; relacionamentos duradouros numa cultura do descartável. Santa Bárbara d'Oeste -SP: Z3 Editora, 2009.

BARNA GROUP. **New Marriage and Divorce Statistics Released.** Barna Group, 2008. Disponível em:

<https://www.barna.com/research/new-marriage-and-divorce-statistics-released/>. Acesso em: 07 de janeiro de 2025.

BARTHOLOMEW, Craig G; GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras**. Encontrando o nosso lugar na história bíblica. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017.

BAVINCK, Herman. **As maravilhas de Deus**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BEAUMONT, Mike. **Enciclopédia Bíblica Ilustrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4ªEd. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. **As Institutas**. Tomo II, livro IV. Tradução: Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2007.

CHAN, Francis; CHAN, Lisa. **Você e eu para sempre**. O casamento à luz da eternidade. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. Edição Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DANIEL-HOPS, Henri. **A Vida Diária Nos Tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 3ª Edição, 2008.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DIXHOORN, Chad Van. **Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

FRAME, John. **Teologia Sistemática, Volume II**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

G1. **Brasileiros se divorciam cada vez mais e mais rápido.** G1 Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/03/27/brasileiros-se-divorciam-cada-vez-mais-em-rapido.ghtml> . Acesso em 07/01/2025.

GOHEEN, Michael. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

GONZÁLEZ, Justo. **Breve Dicionário de Teologia.**São Paulo: Hagnos, 2009.

GRAVNINGEN, Kirsten; MITCHELL, Kirstin R.; WELLINGS, Kaye; et al. **Reported reasons for breakdown of marriage and cohabitation in Britain: Findings from the third National Survey of Sexual Attitudes and Lifestyles (Natsal-3).** *PLOS ONE*, v. 12, n. 3, e0174129, 23 mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0174129>. Acesso em: 15 de abril de 2025.

GRONINGEN, Harriet; GRONINGEN, Gerard van. **A Família da Aliança.** São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática.** Atual e exhaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GRZYBOWSKI, Carlos Catito. **Macho e fêmea os criou; celebrando a sexualidade.** Viçosa-Mg: Ultimato, 1998.

HARVEY, Dave. **Quando pecadores dizem “Sim”.** São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2011.

HONÓRIO, Lia T. Ciribelli. In: CIRIBELLI, Leonora. **Antes de casar.** Nove passos para um casamento feliz. Viçosa-MG: Ultimato, 2014.

HORTON, Michael. **Doutrinas da fé cristã**. Uma teologia sistemática para os peregrinos no Caminho. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

KELLER, Timothy. KELLER, Kathy. **O significado do casamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

KEMP, Jaime. **Antes de dizer sim**. Um guia para noivos e seus conselheiros. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, 2ª Edição.

LOPES, Augustus Nicodemus; LOPES, Minka Schalkwijk. **A Bíblia e Sua Família**. Exposições bíblicas sobre o casamento, família e filhos. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer?** Fides Reformata online , v.2, n.1, 1997. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II_1997_1/ordenacao. Acesso em: 06/01/2015.

LOPES, Hernandes Dias. **Casamento, divórcio e novo casamento**. São Paulo: Hagnos, 2005.

MEISTER, Mauro. **Renovadas no Riso. Conferência Fiel Mulheres 2018**. Águas de Lindóia - SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QeUCwyb8Okg&t=2s>. Acesso em 19 de fevereiro de 2025.

MERKH, David. MERKH, Carol S. **Construindo um lar cristão**. Volume I, estabelecendo alicerces. 2ª Edição. São Paulo, SP: Hagnos, 2013.

MONTEIRO, Donald Bueno. **O culto reformado: o padrão litúrgico dos reformadores como referência para os dias atuais**. Rio de Janeiro: GodBooks, 2024.

MORALES, L. Michael. **Quem subirá ao monte do Senhor? Uma teologia bíblica do livro de Levítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

NASCIMENTO, Adão Carlos. **Oficina de Casamentos**. Campinas-SP: Editora Apoio Pastoral, 2001.

NICODEMUS LOPES, Augustus. **Cristianismo Facilitado: Respostas Simples para Questões Complexas**. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2º Edição. São Paulo: Hagnos, 2014.

PIPER, John. **Preparando-se para o casamento**. Auxílio para casais cristãos. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

PIPER, John. Pergunta 4: Porque Deus nos criou? In: HANSEN, Collin (Org.). **Catecismo Nova Cidade. A Verdade de Deus para nossos corações e mentes**. São José dos Campos - SP: Editora Fiel, 2017.

RIBEIRO, Larissa de Moraes. **O papel da mulher: as perspectivas complementaristas e igualitárias**. Teologia, Sociedade & Espiritualidade, n. 11, v. 1, Curitiba, 2021.

Disponível em: https://ftp.faculdadebetania.com.br/revista/out2021/o_papel_da_mulher_as_perspectivas.pdf. Acesso em: 07 jan. 2025.

ROBERTSON, Palmer. **O Cristo dos Pactos**. ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trad. Américo Justiniano Ribeiro, 2ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

SMITH, Winston T. **Socorro! Meu Cônjuge Cometeu Adultério: Primeiros passos para lidar com a traição**. Org. Tiago J. Santos Filho. **Série Aconselhamento**. São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2018.

TRAVERS, Mark. **As 12 principais razões pelas quais casais se separam, segundo pesquisa.** *Forbes Brasil*, ago. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbessaude/2023/08/as-12-principais-razoes-pelas-quais-casais-se-separam-segundo-pesquisa/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J. **Gênesis, Comentários do Antigo Testamento.** São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.

WENHAM, Gordon J. **Genesis 1-15. World Biblical Commentary, Vol. I.** Dallas, TX: World Books, 1987.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus: desvendando a grande narrativa da Bíblia.** São Paulo, SP: Vida Nova, 2014.

ABSTRACT

This work analyzes marriage according to the Reformed tradition, addressing its theological-biblical foundations and pastoral implications. Based on a diagnosis of the marital crisis in contemporary Brazil, the study proposes: (1) investigating the status of marriage as a divine institution in light of Reformed theology, with emphasis on covenant theology, the Trinitarian economy, and the Westminster Confession of Faith; (2) applying the “Drama of Scripture” paradigm to reveal the symbolic role of marriage from Eden to Christian eschatology; and (3) developing a practical theology of marital counseling grounded in the transformative action of the Holy Spirit and in biblical guidelines of forgiveness, mutual service, and loving discipline. The qualitative research relied on an extensive literature review and on the identification of factors that

undermine marital stability, resulting in pastoral guidelines for preventing divorce and promoting healthy homes. It concludes that Reformed marriage is more than a social contract: it is a covenantal bond that reflects the union between Christ and His Church, requiring doctrinal instruction and ongoing ministerial care.

Keywords: Christian marriage; Reformed theology; covenant; pastoral counseling.

HIGIENE MENTAL E LABORAL NO MINISTÉRIO: UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA, CIENTÍFICA E PEDAGÓGICA PARA A PREVENÇÃO DO CANSAÇO EM LÍDERES ECLESIASTICOS

António Zinga¹

RESUMO

Este artigo reflete sobre a necessidade da higiene mental e laboral no exercício do ministério cristão, especialmente entre os pastores e líderes eclesiais africanos. Integrando os saberes da teologia, psicologia, neurociência e pedagogia, propõe uma abordagem interdisciplinar para a prevenção do cansaço ministerial. A partir da experiência contextual das igrejas africanas, com destaque para a Igreja Evangélica Baptista em Angola (IEBA), o texto aponta

¹ **António Zinga** é Diácono, Doutor em Ciências Pedagógicas, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento, Licenciado em Ciências da Educação com especialidade em Pedagogia. 47 Anos de carreira em missão docente, educando com propósito, semeando valores, e transformando vidas pela instrução e educação, dos quais 42 anos no activo e 5 na reforma, distribuídos de seguinte forma: 11 no Ensino Primário, 11 no Ensino Secundário e 25 no Ensino Superior. Foi Vice-Decano para Área Académica e Apoio Estudantil e coordenador do curso de Agregação Pedagógica para o Aperfeiçoamento do desempenho Profissional dos Docentes Universitários no Instituto Superior de Ciências da Educação do Sumbe (ISCED-S), onde ainda leciona em programas de mestrado e doutoramento. É autor de mais de 20 artigos científicos, orientador de centenas de trabalhos académicos e membro de comissões científicas e nacionais e internacionais. Diácono há mais de quatro décadas na Igreja Evangélica Baptista em Angola (IEBA), integra a fé cristã à prática académica e investigativa, com ênfase na formação de líderes e no fortalecimento do ministério pastoral. É professor de Metodologia de Investigação Científica e de Metodologia de Investigação Educativa e Projeto no Seminário Teológico Baptista da IEBA em Luanda. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5225-1176>.

caminhos práticos e teológicos para a construção de uma cultura pastoral mais saudável e sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Higiene Mental; Cansaço Pastoral; Liderança Cristã; Autocuidado; Teologia Pastoral; Formação Ministerial.

1. INTRODUÇÃO

A liderança eclesiástica tem sido marcada, nas últimas décadas, por um crescente nível de exigência emocional, espiritual, relacional e organizacional. Pastores, presbíteros, evangelistas e demais agentes do ministério cristão são constantemente convocados a um ritmo de trabalho que vai além do horário convencional, estendendo-se às noites, finais de semana, feriados e até mesmo nos períodos tradicionalmente reservados ao descanso e à vida familiar. Esta realidade tem produzido, silenciosamente, quadros de exaustão, desânimo, adoecimento emocional e, em casos extremos, abandono ministerial.

O fenômeno do **cansaço laboral ministerial** é reconhecido por diversas áreas do saber. A psicologia identifica, nesses casos, sintomas do que se convencionou chamar de **síndrome de burnout pastoral**, uma condição de esgotamento físico e emocional causado por uma dedicação exagerada ao trabalho sem pausas adequadas. A neurociência, por sua vez, alerta para os impactos negativos do

estresse crônico na saúde cerebral e no desempenho cognitivo. Já a pedagogia, enquanto ciência da educação, chama atenção para a importância de se formar líderes conscientes dos seus limites, capazes de refletir criticamente sobre sua prática e de desenvolver hábitos saudáveis de autocuidado e aprendizagem ao longo da vida.

No entanto, é à luz da teologia bíblica que se pode encontrar o alicerce mais profundo para a compreensão e superação dessa sobrecarga. O Deus da criação instituiu o descanso como parte do ritmo da vida (Gn 2:2-3), e Jesus, o supremo pastor, ensinou seus discípulos a retirarem-se para repousar (Mc 6:31), demonstrando que o descanso é tão espiritual quanto o trabalho. O equilíbrio entre serviço e renovação pessoal é, portanto, um princípio divino que precisa ser recuperado pela liderança cristã contemporânea.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo refletir, sob uma abordagem interdisciplinar, sobre os cuidados de **higiene mental e laboral** necessários à prevenção do cansaço no exercício do ministério cristão. Buscando integrar os saberes da **psicologia, neurociência, pedagogia e teologia**, propõe-se um caminho de conscientização e transformação da prática ministerial, fundamentado tanto nas Escrituras como nas contribuições das ciências humanas. Espera-se, com isso, oferecer subsídios relevantes para a formação e o fortalecimento dos líderes eclesiais, contribuindo para uma atuação pastoral mais equilibrada, saudável e sustentável.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA MULTIDISCIPLINAR

2.1 Contribuições da Psicologia: Higiene Mental no Contexto Ministerial

A psicologia, como ciência do comportamento e da mente humana, tem desenvolvido importantes estudos sobre o bem-estar emocional em ambientes de trabalho. No contexto pastoral, um dos fenômenos mais estudados é a **síndrome de burnout**, definida por Maslach e Jackson (1981) como um estado de exaustão física e emocional, despersonalização e baixa realização pessoal decorrente da atuação em profissões de ajuda, como professores, médicos e, especialmente, líderes religiosos.

No exercício do ministério cristão, o líder frequentemente se envolve em múltiplas funções (aconselhamento, ensino, gestão, celebrações, visitas, mediação de conflitos), o que pode gerar acúmulo de tensão, sensação de ineficácia e perda do sentido do chamado. A psicologia recomenda, como medida preventiva, a prática constante da **higiene mental**, entendida como o conjunto de ações voltadas para a preservação do equilíbrio emocional, incluindo momentos de lazer, relações saudáveis, autoconhecimento, espiritualidade e suporte social (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Nesse sentido, é fundamental que o líder cristão reconheça seus próprios limites e adote hábitos que promovam sua saúde

mental, como o descanso regular, a escuta ativa de suas emoções, a busca por aconselhamento psicológico ou espiritual, e o cultivo de práticas que renovem a sua motivação e propósito ministerial.

2.2 A Neurociência e os feitos do Estresse no Cérebro

A neurociência, área que estuda o funcionamento do sistema nervoso, tem contribuído significativamente para a compreensão dos efeitos do estresse crônico sobre o cérebro humano. A exposição prolongada a altos níveis de estresse leva ao aumento do cortisol – hormônio do estresse –, o qual compromete áreas cerebrais como o hipocampo (memória) e o córtex pré-frontal (planejamento e tomada de decisões) (DAMÁSIO, 2000).

No contexto pastoral, isso se manifesta na dificuldade de concentração, lapsos de memória, irritabilidade, insônia e sensação de esgotamento. Além disso, a privação de sono e a falta de pausas adequadas prejudicam a neuroplasticidade a capacidade do cérebro de se adaptar, aprender e se renovar.

A neurociência confirma, assim, o valor terapêutico do descanso, do sono de qualidade, da oração meditativa, da respiração consciente e de outras práticas que ajudam a regular o sistema nervoso autônomo. Essas práticas, quando incorporadas à rotina ministerial, atuam como mecanismos naturais de recuperação física e emocional, promovendo não apenas a saúde cerebral, mas também maior clareza espiritual e discernimento pastoral.

2.3 A Pedagogia como Ciência do Cuidado e da Formação Integral

A pedagogia, enquanto ciência da educação, oferece ferramentas essenciais para compreender e desenvolver processos formativos voltados ao cuidado integral do ser humano. No campo da educação teológica e ministerial, torna-se cada vez mais necessário incluir conteúdos e práticas que promovam a **educação emocional**, a **gestão do tempo**, o **planejamento pessoal** e a **autorreflexão crítica**.

Paulo Freire (1996) já enfatizava a importância de uma educação libertadora, que considera o sujeito em sua totalidade e o prepara para agir de forma consciente e transformadora. No ministério cristão, isso implica formar líderes capazes de refletir sobre sua prática pastoral, desenvolver autonomia espiritual e emocional e aprender continuamente a partir da experiência.

A pedagogia pastoral deve, portanto, integrar o ensino teológico com o cuidado da saúde emocional e espiritual, reconhecendo que líderes esgotados não apenas comprometem sua própria caminhada, mas também a vitalidade da comunidade eclesial. Uma educação pastoral equilibrada forma obreiros que cuidam de si, para melhor cuidar dos outros (TIMM, 2012).

3. REFERENCIAL BÍBLICO-TEOLÓGICO

3.1 O Descanso como Princípio Criacional e Mandamento Divino

Desde a criação, Deus estabeleceu o descanso como parte integrante do ritmo da vida. Em Gênesis 2.2-3, lemos que, ao concluir a obra criadora, Deus “descansou no sétimo dia de toda a obra que tinha feito” e o abençoou. Esse descanso não foi por cansaço físico, mas por escolha deliberada de interromper a atividade e contemplar o realizado. Ao criar o ser humano à sua imagem, Deus o convida a participar também deste ritmo de **trabalho e repouso**, fundamentando o princípio do sábado.

O mandamento do sábado, reiterado em Êxodo 20.8-11 e Deuteronômio 5.12-15, demonstra que o descanso não é um luxo, mas uma necessidade humana e um ato de obediência espiritual. No entanto, muitos líderes eclesiais ignoram esse princípio, absorvidos por agendas intensas e pela ideia equivocada de que o serviço contínuo agrada mais a Deus. A negligência do descanso, no entanto, não apenas fere o corpo, como também viola um princípio divino de cuidado.

3.2 Jesus Cristo: Modelo de Serviço e Retiro

Ao analisar o ministério de Jesus, percebe-se claramente que Ele integrava momentos intensos de serviço com tempos deliberados

de recolhimento e descanso. Em Marcos 6.31, Jesus convida os discípulos: “Vinde, repousai um pouco à parte... porque eram muitos os que iam e vinham, e não tinham tempo nem para comer”. Esse texto revela a consciência de Cristo quanto aos limites físicos e emocionais dos seus seguidores.

Além disso, os Evangelhos registram frequentemente que Jesus se retirava para orar (Lc 5.16; Mc 1.35), buscando renovar sua força espiritual e manter comunhão íntima com o Pai. Seu exemplo ensina que a espiritualidade saudável inclui momentos de solitude, silêncio, descanso e escuta, elementos indispensáveis para qualquer líder cristão que deseje servir com excelência e equilíbrio.

3.3 A Mordomia do Corpo e da Mente

A teologia cristã da mordomia ensina que tudo o que temos: tempo, dons, corpo, mente, pertencem a Deus e devem ser cuidados com responsabilidade. O apóstolo Paulo escreve: “Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo...?” (1 Co 6.19-20). O cuidado com o corpo e a mente não é uma questão de vaidade ou fraqueza, mas um dever espiritual.

Em Romanos 12.1-2, Paulo também exorta os crentes a apresentarem seus corpos como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” e a não se conformarem com este mundo, mas a **transformarem-se pela renovação da mente**. A mente renovada,

segundo o apóstolo, é fruto de uma espiritualidade sadia, sustentada por práticas de comunhão, reflexão, obediência e equilíbrio.

O autocuidado, nessa perspectiva, é uma expressão concreta da fidelidade a Deus. Um pastor ou líder que negligencia sua saúde física e emocional compromete não apenas seu bem-estar, mas também o rebanho que lhe foi confiado. A boa mordomia da saúde integral é, portanto, um sinal de maturidade espiritual.

3.4 A Sabedoria de Paulo: Delegar, Equilibrar e Cuidar de Si Mesmo

A teologia paulina oferece valiosas lições sobre o equilíbrio entre zelo pelo ministério e cuidado pessoal. Em 1 Timóteo 4.16, Paulo orienta o jovem pastor: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas...”. O cuidado de si mesmo aparece aqui como prioritário e indispensável à eficácia ministerial.

Além disso, Paulo praticava a **delegação e o trabalho em equipe**, como vemos em textos como 2 Timóteo 2.2 e Atos 20.17-28, demonstrando que o ministério saudável não é obra de um só, mas um processo coletivo. Essa visão rompe com a ideia do líder “herói solitário” e promove uma eclesiologia de corresponsabilidade, essencial para a saúde emocional dos ministros.

Por fim, Paulo reconhece seus próprios limites, afirmando que “levamos este tesouro em vasos de barro” (2 Co 4.7) e que,

mesmo no sofrimento, “o nosso homem exterior se corrompe, mas o interior se renova dia após dia” (2 Co 4.16). Essa consciência da fragilidade humana e da constante necessidade de renovação espiritual reforça o chamado ao cuidado pessoal no exercício da vocação pastoral.

3.5 A GLORIFICAÇÃO DO ATIVISMO NAS IGREJAS AFRICANAS

A expressão “glorificação do ativismo” refere-se à valorização excessiva da atividade religiosa incessante como cultos, reuniões, vigílias, retiros, evangelizações e compromissos comunitários como sinal inequívoco de espiritualidade, fidelidade ministerial ou sucesso eclesial. Essa concepção está profundamente enraizada na cultura de muitas igrejas africanas, incluindo a IEBA, sendo reforçada tanto por práticas herdadas da tradição missionária quanto por pressões sociais e eclesiológicas contemporâneas.

Historicamente, a influência de modelos missionários ocidentais priorizou resultados visíveis como batismos, construções e crescimento numérico, favorecendo uma espiritualidade produtivista. Aliado a isso, o contexto africano pós-colonial, marcado por escassez de oportunidades formais de liderança, elevou o púlpito e as atividades religiosas a espaços de afirmação pessoal e reconhecimento social. Tais fatores contribuem para a formação de uma teologia implícita onde “quanto mais se faz para Deus, mais se

é abençoado”, o que leva à exaustão física, emocional e espiritual dos agentes pastorais.

Do ponto de vista bíblico, esse modelo é contraposto por diversas passagens que ressaltam o equilíbrio entre ação e contemplação. Jesus Cristo, mesmo sendo o Filho de Deus em missão, retirava-se frequentemente para descansar e orar (cf. Mc 6:31; Lc 5:16). Moisés, no Antigo Testamento, recebeu de Jetro a orientação de delegar tarefas para não se exaurir (Êx 18:13–23). O princípio do sábado (Gn 2:2–3; Ex 20:8–11) evidencia o valor do descanso como expressão de confiança em Deus e cuidado com a vida. O apóstolo Paulo admoesta os cristãos à renovação da mente, e não apenas ao ativismo religioso (Rm 12:2).

Na perspectiva da psicologia e da neurociência, a glorificação do ativismo é prejudicial. Goleman (1995) e Damásio (2004) demonstram que a fadiga crônica compromete a memória, a empatia, o julgamento moral e a inteligência emocional, todos elementos essenciais para o ministério pastoral. Augusto Cury (2003) alerta para os riscos do “pensamento acelerado” e do “cansaço emocional” em líderes que não cultivam pausas reflexivas. A síndrome de burnout, descrita por Maslach e Jackson (1981), é frequentemente observada em contextos onde o serviço é constante e a renovação espiritual é negligenciada.

Do ponto de vista pedagógico, é necessário integrar na formação teológica e ministerial unidades curriculares ou disciplinas que abordem o autocuidado, o silêncio, a escuta e o descanso como elementos formativos essenciais. A pedagogia pastoral deve superar o paradigma da hiperatividade como virtude espiritual e promover uma formação integral que valorize tanto o “fazer” quanto o “ser”.

Superar a glorificação do ativismo requer uma mudança profunda de mentalidade teológica e eclesiológica. É imperativo que se promova uma espiritualidade encarnada e equilibrada, que valorize o descanso, a escuta de Deus e a saúde emocional como expressões legítimas de maturidade cristã e liderança eficaz. Somente assim as igrejas africanas poderão sustentar seus ministérios de forma saudável e relevante no longo prazo.

4. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA O MINISTÉRIO ECLESIAÍSTICO

4.1 O Autocuidado Pastoral como Dever Espiritual e Profético

Cuidar da saúde mental, física e espiritual não deve ser visto como um luxo ou sinal de fraqueza, mas como um **ato de obediência a Deus**, de zelo pela vocação e de fidelidade ao rebanho. A cultura de ativismo excessivo que domina muitas igrejas africanas, incluindo algumas comunidades da IEBA, associa erradamente o descanso à preguiça e o sofrimento à santidade, criando um ciclo de culpa e esgotamento.

A verdade bíblica, porém, ensina que o **servo fiel também é aquele que se retira para descansar**, que reconhece seus limites e que cuida de si para cuidar melhor dos outros. O autocuidado, quando compreendido teologicamente, torna-se uma prática profética, que desafia o modelo mundano de produtividade sem alma e reafirma a dignidade do ministério como vocação sustentável e equilibrada.

4.2 Planejamento da Agenda Ministerial com Equilíbrio e Prioridades

Muitos líderes da IEBA e de outras denominações africanas acumulam múltiplas funções: são secretários gerais, secretários regionais, gestores de departamentos nacionais, superintendentes, moderadores de mesa de reuniões magnas, pastores das igreja locais, professores do STB e ou de outras instituições acadêmicas, conselheiros , pregadores e supervisores. Essa realidade exige uma **revisão intencional da agenda pastoral**, com foco na definição de prioridades, planejamento semanal e estabelecimento de limites saudáveis.

Algumas práticas recomendadas:

- Estabelecer um **dia de descanso fixo** na semana e respeitá-lo com disciplina.

- Definir horários específicos para aconselhamentos e visitas, evitando atendimentos indiscriminados.
- Reservar tempo regular para estudo, oração e renovação pessoal.
- Praticar a **regra dos três espaços**: tempo para Deus, tempo para os outros e tempo para si mesmo.

4.3 Cultura Eclesiástica Africana e a Pressão sobre os Líderes

Nas igrejas africanas em geral, observa-se uma tendência cultural de **sobrevalorização do líder religioso**, muitas vezes visto como um “resolvedor de tudo”. Essa percepção gera **pressão comunitária** sobre os pastores, que se sentem obrigados a atender a todas as demandas, mesmo em prejuízo da sua saúde e família.

Na IEBA, apesar dos esforços de descentralização e formação de líderes locais, muitos pastores ainda assumem sozinhos a condução de todas as atividades da igreja, desde o culto até a administração. É necessário promover uma **mudança cultural**, ensinando aos membros que o pastor não é insubstituível e que a igreja saudável é aquela que compartilha responsabilidades e cuida dos seus obreiros.

4.4 Formação Pastoral com Enfoque em Saúde Integral

O Seminário Teológica Batista (STB) sendo a instituição de **formação teológica** da IEBA, como o colégio pastoral, a comissão teológica e os colégios de pastores a nível das regiões eclesiais, devem incorporar em seus currículos unidades curriculares (disciplinas) ou módulos e práticas voltadas para a **saúde integral do ministro**. A formação tradicional, muitas vezes centrada apenas em doutrina e prática litúrgica, precisa ser ampliada para incluir:

- Psicologia pastoral
- Gestão do tempo e da agenda
- Educação emocional
- Espiritualidade prática
- Técnicas de prevenção do burnout

O pastor do século XXI deve ser formado não apenas para pregar e administrar sacramentos, mas também para **gerir bem a sua própria vida**, aprender continuamente e ajudar os outros com equilíbrio e sensibilidade.

4.5 O Valor do trabalho em Equipe e da Delegação consciente de responsabilidade no Ministério Pastoral

O modelo de liderança coletivo é bíblico e saudável. Na experiência de Moisés (Êx 18), de Jesus com os discípulos, e de Paulo com suas equipes missionárias, aprendemos que o ministério eficaz é **compartilhado**. Nas igrejas angolanas, é urgente desenvolver a cultura da **delegação consciente**, valorizando os dons dos membros e formando equipes ministeriais preparadas.

Na IEBA, estruturas como a Assembleia da Igreja local, as lideranças de fraternidades baptistas, as coordenações de células, coros e grupos são excelentes canais para partilha de responsabilidades. Pastores e evangelistas devem investir na **formação de líderes locais**, delegar funções com clareza e confiar no corpo de Cristo como um organismo vivo e atuante.

5. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A realidade da sobrecarga mental e física enfrentada por muitos líderes cristãos nas igrejas africanas, em especial no contexto da Igreja Evangélica Baptista em Angola (IEBA), exige uma abordagem urgente, equilibrada e teologicamente fundamentada. O presente artigo procurou integrar contribuições da teologia bíblica, da psicologia, da neurociência e da pedagogia para promover uma consciência mais clara sobre a importância da **higiene mental e laboral** no exercício do ministério pastoral.

Constatou-se que o descanso não é apenas uma necessidade biológica, mas um **mandamento divino** e um **ato espiritual**, instituído desde a criação. O exemplo de Jesus Cristo e os ensinamentos apostólicos reforçam a necessidade de equilíbrio entre serviço e renovação, enquanto as ciências humanas comprovam os danos do estresse crônico e da exaustão emocional à saúde integral do ministro.

No cenário africano, há um desafio adicional: a cultura de dependência excessiva dos líderes, a glorificação do ativismo e a falta de estruturas de apoio e formação contínua. Na IEBA, ainda que haja avanços em termos de descentralização, permanece a necessidade de mudanças profundas nas **mentalidades e práticas institucionais** para que o ministério se torne sustentável e humanizado.

Diante disso, propõem-se as seguintes **recomendações**:

5.1 Aos líderes eclesiais

- Assumir o autocuidado como parte da sua mordomia cristã;
- Estabelecer limites saudáveis no exercício do ministério;
- Buscar apoio emocional e espiritual regularmente;
- Desenvolver uma rotina que contemple tempo com Deus, com a família e consigo mesmo.

5.2 Às igrejas e comunidades locais

- Respeitar o dia de descanso dos seus pastores e obreiros;
- Evitar sobrecarregá-los com tarefas excessivas ou demandas fora de hora;
- Promover a partilha de responsabilidades e o trabalho em equipe;
- Cultivar uma espiritualidade comunitária centrada na graça, e não na exigência.

5.3 Às instituições de formação pastoral

- Incluir nos currículos as unidades curriculares ou disciplinas sobre saúde emocional, espiritualidade prática e gestão do tempo;
- Estimular a formação integral dos líderes: corpo, alma e espírito;
- Promover retiros, supervisões e programas de cuidado pastoral contínuo;
- Desenvolver parcerias com profissionais da saúde mental e educadores cristãos.

Conclui-se que cuidar de si mesmo não é um obstáculo ao ministério, mas uma **condição essencial para servir com excelência, longevidade e fidelidade**. Uma liderança saudável edifica igrejas saudáveis. O descanso, a pausa e a renovação são dons de Deus, meios de graça para um ministério frutífero e sustentável. Que as

igrejas africanas e, em particular, a IEBA, sejam protagonistas de uma nova cultura pastoral: **mais humana, mais consciente e mais parecida com Cristo.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Referências Científicas

- CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes. São Paulo: Sextante, 2003.
- DAMÁSIO, António. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E. The measurement of experienced burnout. Journal of Occupational Behavior, v. 2, n. 2, p. 99–113, 1981.

2. REFERÊNCIAS TEOLÓGICAS PASTORAL E ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

- FOSTER, Richard. Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Vida, 2006.
- NOUWEN, Henri. A vida do líder cristão. São Paulo: Paulinas, 2008.
- NOUWEN, HENRI J.M. A vida do amado: Espiritualidade para o mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 1995.
- PETERSON, Eugene. Pastores segundo o coração de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

- STOTT, John. O cristão contemporâneo: um chamado à responsabilidade. Viçosa: Ultimato, 2008.
- STOTT, JOHN. O perfil do pregador: A essência do ministério cristão. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- WILLARD, Dallas. A conspiração divina: redescobrimo nosso papel como discípulos de Cristo. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- PETERSON, EUGENE H. O pastor contemplativo: Recuperando a espiritualidade pastoral. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

3. TEXTOS BÍBLICOS UTILIZADOS NO ARTIGO

- GÊNESIS 2:2 – Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.
- ÊXODO 18:13–27 – Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.
- MARCOS 6:30–32 – Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.
- MATEUS 11:28–30 – Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.
- BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ROMANOS 12:2 – Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.
- 2 TIMÓTEO 2:15 – Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.

4. DOCUMENTOS ECLESIASTICOS E CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO PASTORAL

- IGREJA EVANGÉLICA BAPTISTA EM ANGOLA (IEBA). Manual do Presbítero. Luanda: Departamento de Formação Ministerial, 2018.
- SEMINÁRIO TEOLÓGICO EVANGÉLICO REFORMADO (STER). Currículo do Curso de Teologia Pastoral. Luanda: STER, 2020.
- CONVENÇÃO BATISTA ANGOLANA. Estatuto e Regimento Interno. Luanda, 2016.
- ALIANÇA EVANGÉLICA DE ANGOLA. Diretrizes para a formação teológica contextualizada. Luanda, 2022.

5. PSICOLOGIA, NEUROCIÊNCIA E SAÚDE EMOCIONAL

- CURY, AUGUSTO. Ansiedade: Como enfrentar o mal do século. São Paulo: Saraiva, 2013.
- DAMÁSIO, ANTÓNIO R. O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GOLEMAN, DANIEL. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- MASLACH, CHRISTINA; JACKSON, SUSAN E. The measurement of experienced burnout. Journal of Occupational Behavior, v. 2, n. 2, p. 99–113, 1981.

6. MISSIOLOGIA E CONTEXTO AFRICANO (PARA APOIAR A CRÍTICA À TRADIÇÃO MISSIONÁRIA PRODUTIVISTA)

- BEDIAKO, KWAME. *Theology and Identity: The Impact of Culture upon Christian Thought in the Second Century and in Modern Africa*. Oxford: Regnum Books, 1992.
- SANNEH, LAMIN. *Translating the Message: The Missionary Impact on Culture*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2009.

7. PEDAGOGIA PASTORAL

- FREIRE, PAULO. *Pedagogia do oprimido*. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- ZABATIERO, JÚLIO. *Pedagogia do cuidado na formação pastoral*. In: JONES, Danilo R. (org.). *Cuidado Pastoral e Formação de Líderes*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. p. 75–96.

ABSTRACT

This article reflects on the need for mental and occupational hygiene in the Christian ministry, especially among African pastors and ecclesiastical leaders. Integrating knowledge from theology, psychology, neuroscience, and pedagogy, it proposes an interdisciplinary approach to preventing ministerial exhaustion.

Drawing from the contextual experience of African churches, particularly the Evangelical Baptist Church in Angola (IEBA), the text offers practical and theological paths toward a healthier and more sustainable pastoral culture.

KEYWORDS: Mental Hygiene; Pastoral Exhaustion; Christian Leadership; Self-Care; Pastoral Theology; Ministerial Training.

O MOVIMENTO LEGENDÁRIOS À LUZ DA TEOLOGIA REFORMADA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Danilo Alves Rocha¹

RESUMO

O presente artigo analisa criticamente o movimento Legendários à luz da teologia reformada. Iniciado na Guatemala em 2015 e com crescente adesão no Brasil, o movimento propõe restaurar a masculinidade por meio de experiências intensas em ambientes naturais, como a subida à montanha, associada a práticas de exaustão física, sigilo e rituais de pertencimento. Embora atraia milhares de participantes, inclusive celebridades, a proposta do Legendários levanta preocupações teológicas relevantes. A análise aborda quatro aspectos principais: o pragmatismo e o experiencialismo como critérios de validação espiritual; a fusão entre estratégias de *marketing* e a mensagem do evangelho; a construção de um discurso messiânico centrado na experiência e não na cruz; e o uso de técnicas que provocam mobilização emocional coletiva, assemelhando-se a fenômenos de contágio psicológico. A teologia reformada, fundamentada em princípios como *sola Scriptura* e *solī Deo gloria*,

¹ Doutor em Missiologia (PhD.) pela North-West University da África do Sul; Mestre em Divindade pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Professor de Plantação e Revitalização de Igrejas do Seminário Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller em Belo Horizonte e da Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FitRef) e pastor da Igreja Presbiteriana Central de Palmas no Tocantins.

contrapõe-se à centralidade de experiências místicas emocionalmente induzidas como meios de transformação espiritual. Conclui-se que, embora o movimento possa gerar frutos aparentes e mudanças comportamentais, sua estrutura e discurso carecem de alinhamento com os fundamentos bíblicos da fé reformada. O artigo propõe que igrejas reformadas ofereçam respostas pastorais que valorizem a suficiência das Escrituras e a ação ordinária dos meios de graça pelo Espírito Santo, evitando a dependência de métodos intensivos e emocionalmente manipuladores.

Palavras-chave: Teologia Reformada; Masculinidade Cristã; Legendários; Pragmatismo Religioso.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o conceito de masculinidade tem ocupado um espaço de crescente destaque no cenário mundial, tanto em esferas seculares quanto no contexto cristão. É nesse contexto histórico de interesse renovado pelo conservadorismo e o papel do homem na sociedade, que se observa a ascensão, no meio evangélico, do movimento denominado Legendários. Esse movimento tem como objetivo central resgatar a masculinidade dos homens, utilizando como principal método a vivência de desafios em ambientes naturais, por meio de uma subida à montanha, a fim de proporcionar uma experiência de reconstrução identitária e espiritual.

A narrativa interna do grupo enfatiza esse processo de restauração por meio da metáfora da "reconfiguração original", comparando o homem a um computador que precisa ser restaurado ao seu estado inicial. Portanto, o movimento Legendários “visa restaurar o homem omisso, assim como um computador que precisa ser restaurado para a configuração original. O homem na montanha passa por esse processo de restauração” (PAPO À VISTA, 2023). De acordo com o site oficial do movimento, o Legendários é descrito como:

(...) uma iniciativa que busca a transformação de homens, famílias e comunidades por meio de experiências que incentivam os homens a encontrar a melhor versão de si mesmos e a explorar seu novo potencial. Trazer de volta o herói caçador para cada família é um *statement* que temos como Legendários, que tem levado à formação de homens inquebrantáveis diante do pecado, porém quebrantados diante de Deus” (LOS LEGENDÁRIOS, 2025).

O Brasil configura-se atualmente como o país com o maior número de participantes do movimento Legendários, contando com mais de 40 mil adeptos, número que segue em crescimento exponencial a cada nova edição. Embora a ascensão de uma mentalidade conservadora do papel masculino no contexto sociopolítico nacional seja um dos fatores que explicam a expansão do movimento, outro aspecto relevante é a adesão e divulgação por parte de figuras públicas e influenciadores digitais que atribuem à iniciativa uma transformação significativa em suas vidas pessoais.

Entre os nomes mais destacados estão Thiago Nigro (conhecido como “Primo Rico”), Thiago Fonseca, Joel Jota, Caio Carneiro, o *coach* Paulo Vieira, Gustavo “Tubarão”, Flávio Augusto e Neymar pai — havendo inclusive especulações sobre a possível participação do próprio Neymar. Os líderes religiosos Deive Leonardo e Thiago Brunet, além de personalidades como Ricardo Martins, Pablo Marçal e lutadores de renome internacional como Lyoto Machida, Maurício Shogun e Ronaldo Jacaré (O CASAL LEGENDÁRIO, 2025).

Diante da expressiva expansão do movimento no contexto evangélico brasileiro, e considerando a escassez de material teológico com abordagem reformada que trate criticamente sobre o tema, torna-se necessária uma análise do Legendários à luz da Teologia Reformada. Tal reflexão visa oferecer subsídios pastorais e eclesiológicos às igrejas reformadas que têm sido direta ou indiretamente impactadas por esse fenômeno contemporâneo.

BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO

O movimento Legendários foi fundado em 23 de julho de 2015, na Guatemala, pelo pastor Chepe Putzu, vinculado à Igreja *Casa de Dios*, uma igreja neo-pentecostal da teologia da prosperidade. O início se deu com a participação de 109 homens em um evento denominado, à época, REC (*Rect Extremo de Carácter*), atualmente conhecido apenas como TOP (Track Outdoor de

Potencial). A motivação central, segundo o próprio fundador, emergiu da percepção de que os homens estavam em débito com suas esposas, filhos, igreja e comunidade. Assim, o propósito inaugural do movimento consistia em proporcionar aos homens um caminho para "pagar essa dívida" através de experiências transformadoras e espiritualmente intensas (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023).

Durante o primeiro encontro, Putzu redigiu, em um pedaço de papel, os lemas que seriam os pilares do movimento, formulando um tipo de grito de guerra recitado em formato de diálogo responsivo entre líderes e participantes. O rito segue o seguinte padrão:

- *“Legendários, o que somos?”* – *“Homens inquebrantáveis!”*
 - *“Para que estamos aqui?”* – *“Para fazer história!”*
 - *“A serviço de quem?”* – *“De Jesus!”*
 - *“E o que vamos fazer?”* – *“Dar a vida pelos nossos amigos!”*
- (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023).

Além dessa simbologia discursiva, o fundador instituiu a prática de atribuir a cada participante um número individual, inspirado, segundo ele, em uma revelação divina. A proposta era transmitir a singularidade e a importância de cada homem dentro do movimento, promovendo senso de pertencimento e identidade. O primeiro número, Legendário número 001, foi atribuído a Jesus. Esse elemento numérico, segundo Chepe, promove um sentimento de

apropriação, reforçando que não existe outro legendário igual (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023).

A introdução do Legendários no Brasil ocorreu em 2017, por meio do pastor Ricardo Bernardes, da Igreja Embaixada do Reino de Deus, localizada em Balneário Camboriú, Santa Catarina. Bernardes liderou um grupo de dez homens de sua congregação para participar de um desafio TOP na Guatemala. De modo semelhante do que foi falado por Chepe Putzu, Bernardes expressa sua preocupação com a omissão masculina frente à sociedade, à família e à fé cristã, associando tal omissão à falta de posicionamento, integridade e compromisso bíblico (PAPO À VISTA, 2023).

Durante sua estadia na Guatemala, o pastor relata ter vivenciado uma experiência espiritual intensa durante um culto neopentecostal na Igreja *Casa de Dios* no qual afirma ter recebido uma “palavra profética” acerca do impacto que o movimento teria ao ser implementado no Brasil. A partir desse episódio, o Legendários passou a ser desenvolvido e expandido no território brasileiro (PAPO À VISTA, 2023).

O QUE ACONTECE NA MONTANHA?

Um dos grandes desafios na pesquisa sobre o movimento Legendários é a escassez de material acadêmico ou documental que descreva de maneira clara e sistematizada as atividades realizadas durante os eventos denominados TOP. Essa ausência decorre,

sobretudo, de dois fatores principais: primeiramente, o caráter recente do movimento, o que limita a produção de estudos acadêmicos a seu respeito; em segundo lugar, a própria diretriz do movimento, que orienta os participantes a manterem sigilo absoluto quanto às experiências vividas na montanha.

Dessa forma, as informações apresentadas nesta seção foram obtidas por meio de relatos disponíveis na internet, testemunhos pessoais de participantes, mantidos em anonimato para protegê-los de eventuais represálias internas. Embora não haja fontes acadêmicas consolidadas sobre as práticas do movimento, a análise crítica oferecida na parte final deste artigo se fundamenta por obras acadêmicas e de literatura teológica reformada.

Com base nos relatos reunidos, é possível reconstruir parte da dinâmica do evento que se inicia em uma quinta-feira. Os participantes, chamados inicialmente de senderistas, são reunidos em um local pré-determinado, eles já haviam sido instruídos antecipadamente a levar apenas uma bagagem mínima, contendo um colchão fino, barraca para acampar, e itens de necessidade básica para estar em um ambiente externo na natureza (LEGENDÁRIOS, 2025). Nesse mesmo local, antes da partida, são organizados pequenos grupos denominados “famílias”, composto por números variados, normalmente de 10 a 14 integrantes. Cada grupo recebe uma numeração (ex.: Família 1, Família 2, etc.). Curiosamente, no Brasil, ainda por causa da onda de conservadorismo, aboliu-se a

designação “Família 13”, por razões atribuídas à conotação político-partidária.

Antes de chegar ao local, os alimentos que os participantes podem ter levado são recolhidos, sendo-lhes fornecida uma quantidade restrita de mantimentos como macarrão instantâneo (miojo), atum enlatado, suco etc. Segundo os líderes do movimento, tais alimentos contêm os nutrientes mínimos necessários para preservar a saúde, embora o objetivo explícito seja submetê-los a uma experiência de privação alimentar ao longo das 72 horas de duração do evento.

O local do acampamento não é revelado aos participantes. Durante o trajeto de ônibus até o destino, são impedidos de visualizar o percurso, geralmente por meio de películas pretas nas janelas do veículo. Os aparelhos celulares são recolhidos, mantendo os participantes completamente incomunicáveis durante todo o processo. A comunicação com os familiares é feita exclusivamente pela organização, que envia mensagens, imagens e vídeos através de grupos no *WhatsApp*, nos quais estão inseridos esposas e familiares. As mensagens, geralmente de cunho espiritual ou motivacional, são utilizadas para tranquilizar os entes queridos, com frases como: “Está tudo certo com ele”; “Vai orando que Deus está fazendo uma obra na vida dele”; “Ele retornará um homem transformado”.

Durante os dias na montanha, os participantes enfrentam longas caminhadas, atividades físicas intensas inspiradas em treinamentos militares, desafios exaustivos e alguma restrição de

alimentos e água. No entanto, após o falecimento de Fábio Adriano Machado Cherini, de 44 anos, ocorrido durante uma edição do evento na região do Rio Negro, em Mato Grosso do Sul, o movimento passou a demonstrar maior atenção com relação à hidratação dos participantes (UOL, 2025).

Durante o percurso na montanha, os participantes que manifestam desejo de desistir são desencorajados de forma incisiva, muitas vezes por meio de estratégias inspiradas em treinamentos militares. Gritos de incentivo, que funcionam, na prática, como mecanismos de pressão psicológica, são dirigidos àqueles que demonstram sinais de fraqueza ou hesitação, sendo-lhes dito que estão “abandonando suas famílias” ao considerar a desistência. A lógica empregada é coletiva: quando um indivíduo falha, todos devem arcar com as consequências. Nesse sentido, o grupo é instado a carregar os pertences (como barracas e colchões) do colega que cogita abandonar a jornada, reforçando a ideia de responsabilidade mútua e fraternidade forçada pela masculinidade que precisa ser desenvolvida.

Ao longo do trajeto, os participantes são submetidos a um regime disciplinar rígido, hierarquizado, que emula a estrutura de um exército. Ordens são constantemente dadas por aqueles que já participaram anteriormente do TOP e que agora estão lá para ajudar na coordenação do evento, e qualquer tentativa de recusa, questionamento ou desistência por parte dos iniciantes é penalizada com “castigos” físicos ou humilhações simbólicas. O objetivo

declarado do movimento, segundo os organizadores, é reconstruir o arquétipo do “homem forte e inquebrantável”, promovendo uma reconfiguração da masculinidade por meio de uma espécie de “reprogramação mental”.

A identidade do “verdadeiro legendário” é adquirida apenas ao final do TOP. Após sua conclusão, ele é considerado apto a ser um legendário recebendo inclusive um número individual, símbolo de sua “formação concluída”. Relatos e registros em vídeos disponíveis na internet mostram que, ao longo do doloroso processo, e nos momentos finais, é comum a manifestação intensa de emoções por parte dos participantes. Muitos choram, ajoelham-se em oração e abraçam-se mutuamente. Tais comportamentos são interpretados pelos organizadores como expressões de “quebrantamento espiritual”, reforçando a ideia de que os legendários devem ser “inquebrantáveis diante do pecado, mas quebrantados diante de Deus”.

Ministrações bíblicas, segundo relatos de participantes, são breves e ocorrem em momentos esporádicos de pausa. A ênfase do evento recai, predominantemente, sobre os desafios físicos, a privação sensorial, e a reprogramação comportamental por meio de discursos motivacionais e disciplinadores.

Narrativas místicas também permeiam os testemunhos dos participantes. Muitos relatam que durante o trajeto suas mochilas se tornaram “milagrosamente leves”, o que é atribuído a uma intervenção espiritual (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023). A

condução do evento, por líderes de orientação teológica pentecostal e neopentecostal, favorece que participantes dessas denominações expressem manifestações como a glossolalia (falar em línguas). Com isso, há a crença de que determinadas experiências sobrenaturais ocorrem exclusivamente na montanha, sendo consideradas sinais de um mover espiritual específico naquele ambiente.

Importa destacar que, embora haja variações de intensidade na aplicação dessas práticas entre diferentes localidades onde o Legendários é realizado, o *modus operandi* do movimento apresenta relativa uniformidade em todo o território onde atua.

O encerramento do evento TOP é marcado por uma recepção festiva organizada para os participantes e suas famílias. As esposas, filhos e amigos aguardam com cartazes e manifestações de entusiasmo o retorno dos homens que completaram a subida da montanha, celebrando a superação do desafio como um marco de transformação pessoal e espiritual. Essa recepção é seguida por um culto festivo, que inclui os chamados “gritos de guerra”, testemunhos emocionados, e, em alguns casos, apresentações coreografadas que exaltam a masculinidade restaurada e reafirmada.

Mesmo após o fim do tempo que se sobe a montanha, a experiência e vivência dos legendários é continuada. Os homens passam a se reunir de forma periódica, tanto presencialmente quanto em ambientes virtuais, organizados por meio dos grupos que receberam numeração durante o evento (Família 1, Família 2, etc.). Tais encontros visam manter os vínculos, a identidade construída e

a “chama acesa” que seria o fervor espiritual e de masculinidade baseado na formação e transformação com os princípios adquiridos.

As esposas dos participantes também passam a integrar um núcleo denominado *Ladies*, cuja função é apoiar o processo de transformação dos maridos e criar um vínculo feminino paralelo de suporte e espiritualidade. Acredita-se que esse envolvimento familiar é capaz de contribuir para a consolidação de uma comunidade coesa e emocionalmente engajada com a missão do movimento.

ANÁLISE DO MOVIMENTO À LUZ DA TEOLOGIA REFORMADA

A presente análise crítica do movimento Legendários, à luz da teologia reformada, será conduzida com base em quatro eixos principais: (1) pragmatismo e experiencialismo; (2) fusão entre *marketing* e evangelho; (3) messianismo redentivo; e (4) manipulação emocional em massa.

1. *Pragmatismo e experiencialismo*

O primeiro aspecto a ser considerado é a inclinação pragmatista do movimento. “O pragmatismo, em termos filosóficos, sustenta que o valor de uma ideia ou prática reside em suas consequências práticas” (MACARTHUR, 1997:6-7). Dentro da lógica do Legendários, essa abordagem se manifesta na ênfase sobre a eficácia do método como critério de validade espiritual. A

transformação pessoal dos participantes, frequentemente traduzida em relatos como “meu marido mudou”, “sou um novo homem” ou “sou uma pessoa melhor”, é apresentada como evidência irrefutável da utilidade e do valor do movimento.

A mensagem implícita, e, por vezes explícita, é a seguinte: *aceite o movimento pelos resultados que ele produz*. Tal postura coloca as Escrituras em segundo plano, substituindo a centralidade da Palavra pela experiência subjetiva e pelos frutos visíveis de mudança comportamental. A lógica é: *se funciona, então é certo*, uma premissa típica do pragmatismo religioso. Lidório (2018:9) alerta para esse fenômeno ao destacar o risco de se adotar o pragmatismo como norte orientador da missão cristã. Em suas palavras: “o perigo do pragmatismo está associado à metodologia e ao processo da missão, pois promove um apelo ao ponto de vista prático, inclinando os envolvidos a focarem mais nos resultados do que nos fundamentos teológicos”.

Essa abordagem, centrada na eficácia e na mensurabilidade de resultados imediatos, é cada vez mais presente no cenário missionário contemporâneo, em que princípios de gestão, *coaching* e lógica empresarial são incorporados às estratégias evangelísticas. Contudo, sob a ótica reformada, a missão da igreja é inseparável da soberania divina e da suficiência das Escrituras. O sucesso da missão não repousa sobre a estrutura do método, mas sobre o poder transformador da Palavra de Deus.

A metáfora do carteiro deve ser evocada para ilustrar a seguinte visão: ao entregar uma carta que anuncia uma herança, o carteiro é apenas o portador, não o causador da boa notícia. Da mesma forma, pregadores, métodos ou estruturas não são agentes eficazes em si mesmos, mas instrumentos nas mãos do Deus soberano. Quando o método se torna o centro da transformação, como ocorre no discurso do movimento Legendários, há indícios claros de que o antropocentrismo pragmático já tenha se infiltrado de forma sub-reptícia na mensagem.

Ao afirmar que o método do Legendários é superior a todos os demais, como algumas falas dos participantes sugerem, corre-se o risco de confundir o instrumento do Reino com o próprio Reino. A glória e os méritos da conversão pertencem exclusivamente a Deus, o doador da graça, e não aos métodos humanos nem àqueles que os aplicam.

O pragmatismo, quando adotado como princípio orientador das ações eclesiais, tende a produzir uma série de distorções na vida da igreja. Uma das mais recorrentes é a ênfase excessiva em resultados imediatos visíveis e quantificáveis, tais como crescimento numérico, impacto emocional instantâneo e alcance midiático. Essa lógica, ao privilegiar aquilo que “funciona”, frequentemente conduz ao esvaziamento de uma liturgia teocêntrica, substituindo-a por modelos de adoração moldados às preferências do “consumidor religioso”. Em nome da atratividade e da relevância cultural, corre-

se o risco de diluir o conteúdo doutrinário, subordinando a pregação ao apelo popular e às dinâmicas de mercado.

Esse deslocamento do foco teológico para o desempenho estatístico compromete não apenas a profundidade espiritual da comunidade, como também sua fidelidade às Escrituras, um dos pilares centrais da tradição reformada. Nessa perspectiva, a parte mais afetada é o culto que deixa de ser centrado em Deus para tornar-se uma ferramenta de engajamento emocional e eficácia motivacional centrada no homem.

Além disso, o pragmatismo pode fomentar um tribalismo eclesiástico, no qual a identidade comunitária é construída sobre afinidades socioculturais ou experiências comuns (como a participação em eventos específicos), e não sobre os fundamentos bíblicos e a confissão de fé cristã. Isso gera um senso de pertencimento baseado em critérios externos à fé, criando divisões implícitas entre “os que participaram” e “os que não participaram”, estabelecendo uma espécie de elitismo espiritual ou superioridade espiritual dentro da própria igreja.

A teologia reformada, por outro lado, enfatiza que a igreja de Cristo deve ser conformada à imagem do seu Senhor e não aos modelos e movimentos culturais ou tendências eclesiológicas contemporâneas. A fidelidade bíblica transcende estratégias, nichos ou tribos, e convida a igreja a viver em unidade, não segundo afinidades temporais, mas segundo a eterna verdade da Palavra de Deus.

2. *Fusão entre marketing e evangelho*

A proposta do movimento Legendários, ainda que adaptada ao contexto contemporâneo, apresenta similaridades significativas com a abordagem de John Eldredge em sua obra *Coração Selvagem*. Eldredge defende a ideia de que o homem possui uma identidade essencialmente selvagem e que seu amadurecimento pessoal está intimamente ligado à busca por desafios e aventuras. Em contraposição a essa perspectiva, Phillips (2019:15-19), no livro *Homens de Verdade*, oferece uma crítica teológica fundamentada, afirmando que *Coração Selvagem* gerou confusão prática e doutrinária entre cristãos sinceros, ao propor um ideal masculino construído fora do “jardim”, ou seja, desvinculado do contexto bíblico da aliança e da vocação divina para o homem.

Essa crítica também pode ser aplicada ao movimento Legendários, que surge em meio à crescente onda conservadora de nossa sociedade e se propõe a restaurar o papel masculino com base em uma masculinidade estereotipada de força, unidade entre os homens, entre outros. No entanto, ainda que o movimento identifique corretamente a crise da masculinidade bíblica e demonstre boa intenção, a resposta que oferece é insuficiente e, por vezes, desvinculada do evangelho. A identidade proposta pelo movimento está mais próxima ao modelo militarista e de superação física como base da transformação, representado na simbologia de “subir a montanha”, do que de uma compreensão teocêntrica, pactual e bíblica do chamado masculino ordenado por Deus. Embora haja

menções ao evangelho e evocação à figura de Jesus, como no título de “Legendário número 001”, tal uso parece mais simbólico do que teológico. Atribuir a Jesus essa identidade é tão anacrônica e inconsequente quanto afirmar que Ele seria “presbiteriano”, “batista” ou “assembleiano”. Trata-se de uma categorização imprópria e teologicamente imprecisa de Jesus.

No âmago da proposta, falta uma apresentação clara e completa do evangelho. O que se observa é a prevalência de uma lógica de “ministério movido a *marketing*”, na qual os princípios do mercado, e não as Escrituras, moldam a mensagem e as práticas. A masculinidade, nesse modelo, não é definida pelos parâmetros bíblicos, mas por estereótipos idealizados de masculinidade conservadora, muitas vezes enraizados em cultura de performance, força e competitividade.

Vale salientar que a tendência de busca pela fusão entre estratégias de *marketing* e o evangelho não são inéditas. Em contextos eclesiais modernos, observa-se o esforço de “embalar” o evangelho de forma atrativa, MacArthur (1997:20) destaca a diferença fundamental entre marketing e evangelho e como pensam e agem aqueles que querem fundir estas duas realidades:

O mundo é hábil em captar a atenção e os sentimentos das pessoas. A igreja, por outro lado, tende a ser muito pobre na ‘venda’ de seu produto. Portanto, o evangelismo deve ser visto como um desafio de *marketing*, e a igreja deveria colocar o evangelho no mercado da mesma forma que todas as empresas

modernas colocam seus produtos. Isso requer mudanças fundamentais.

O movimento Legendários parece incorporar essa lógica. Seu idealizador possui formação em *marketing*, o que se reflete nas características do movimento: uso de camisetas padronizadas que chamam a atenção com a cor laranja, numeração pessoal, gritos de guerra, campanhas com influenciadores digitais, vídeos promocionais, sigilo sobre as atividades (o que aumenta a curiosidade e o apelo), broches, adesivos. Ou seja, há uma grande movimentação financeira por meio de inscrições e vendas de produtos, além do fato de o movimento operar no formato de franquia, cuja adesão envolve a aquisição de direitos por parte de igrejas locais.

No livro, de autoria do fundador, o relato de sua trajetória pessoal enfatiza seu “espírito empreendedor”, com base em uma experiência de sucesso na venda de gravatas aos 19 anos, quando comercializou 83 unidades. Seu relato de produtividade espiritual está fortemente vinculado à lógica de desempenho comercial, o que reforça o caráter mercadológico que permeia todo o movimento (PUTZU, 2025:8-9).

A crítica quanto à fusão entre estratégias de *marketing* e ministério cristão é aprofundada por MacArthur (1997:20) por meio de denúncia quanto ao risco de distorções graves quando os princípios do mercado passam a reger as ações da igreja. Segundo ele, há autores que defendem que a saúde espiritual da igreja depende

da adoção de abordagens promocionais e de apelo popular. No entanto, MacArthur adverte que, embora essa proposta possa parecer moderna e perspicaz, ela carece de respaldo bíblico.

De acordo com sua análise, ao tornar os princípios do marketing o critério para validar a verdade, oculta-se ou omite-se seletivamente partes do evangelho que não se adequam aos moldes promocionais. A mensagem do evangelho é então remodelada, mantendo a aparência de ortodoxia, mas, em sua essência, passa a ser uma mistura entre evangelho e marketing. Ele afirma de forma contundente: “Não se engane, a nova filosofia está alterando a mensagem que a igreja anuncia ao mundo, embora muitos que propagam essas ideias considerem-se leais à doutrina bíblica” (MACARTHUR, 1997: 20).

O ministério reformado e o *marketing* eclesiástico são dois caminhos opostos, enquanto o primeiro se preocupa em ser fiel a Deus o segundo pensa no sucesso por meio de estratégias de atração. Nesse contexto, as chamadas “iscas evangelísticas”, são supervalorizadas, enquanto a centralidade das Escrituras é relativizada. O evangelho, nesse cenário, deixa de ser uma mensagem de redenção proclamada com fidelidade e torna-se um pacote ajustável às expectativas do público-alvo.

Portanto, o problema do marketing misturado com o evangelho, conforme Dever e Alexander (2015:74) afirmam, é que:

Não devemos querer que nossas apresentações ou convites do evangelho sejam moldados por aquilo que pensamos que “consumará a venda”. Se nossa apresentação do evangelho for moldada desta forma, isso revelará que entendemos a conversão como algo que podemos orquestrar; e tal entendimento não corresponde à verdade.

Em uma cultura moldada pelo imediatismo, pela estética e pelo consumo, é natural que muitos se sintam mais atraídos por estímulos de alto impacto do que pela simplicidade da cruz, que confronta o ego, requer arrependimento e convoca a uma transformação conforme o caráter de Cristo. A fusão entre *marketing* e evangelho tende a produzir nas pessoas uma constante demanda por novas doses de entusiasmo e motivação, como se a permanência na igreja dependesse de estímulos sempre renovados. Isso nos alerta à verdadeira obra do Espírito, que não se revela na intensidade emocional momentânea, mas na fidelidade à Palavra e nos frutos evidenciados na vida ordinária dos que seguem a Cristo.

3. *Messianismo redentivo*

O conceito de messianismo redentivo diz respeito à crença de que determinado movimento, grupo ou líder é dotado de um papel singular e indispensável na condução do indivíduo à salvação, transformação ou realização plena. Trata-se de uma estrutura discursiva que posiciona uma experiência específica como mediadora entre o ser humano e a redenção, seja ela espiritual, emocional ou existencial. Em termos práticos, essa narrativa constrói

a ideia de que fora daquele ambiente ou método não há transformação possível.

Embora o movimento Legendários não verbalize essa pretensão de forma explícita e doutrinária, ela se manifesta nas falas de seus participantes e líderes, como pode ser observado em diversos testemunhos públicos. Um deles declara: “Toda experiência que você passa lá, a única coisa que lhe resta é ter fé em Deus” (TVERICHIM, 2024).

Essa declaração aponta para um tipo de reconstrução espiritual no qual a redenção é o único caminho possível para aqueles que sobem a montanha. O princípio que subjaz é que há uma obra redentiva irresistível para todos os que participam do movimento.

O criador do movimento Chepe (PAPO À VISTA, 2025) diz o seguinte a respeito do Legendários: “Eu me dei conta de quando alguém vai a um retiro, geralmente estes retiros tratam do que Jesus fez por você. Mas, o Legendários trata de tudo que você tem deixado de fazer para Jesus, trata de ajudar a Cristo a carregar a cruz.” Tal declaração põe a redenção centrada no homem e não na obra suficiente de Cristo. Outro testemunho, de um participante, intensifica esse discurso:

Quero sinceramente te dizer que você não precisa ir ao Legendários, você merece, todo homem merece passar por uma experiência transformadora como essa. Eu pude ver, em apenas três dias, o que muitos homens não conseguem alcançar em dois ou três anos: uma verdadeira transformação de vida. A verdade é que, muitas vezes, tudo o que você precisa está a um encontro com a pessoa certa” (LEGENDARIOS_PARACATUMG: 2025).

Aqui, a linguagem carrega traços explícitos de um discurso redentor. O evento é elevado à condição de necessidade universal "todo homem merece", e a transformação prometida é apresentada como radical, definitiva e exclusiva. A estrutura do discurso sugere que a montanha, e o movimento que a organiza, é o espaço privilegiado onde ocorre essa reconfiguração existencial que, de outro modo, levaria anos ou nunca aconteceria. A afirmação de que “tudo o que você precisa está a um encontro com a pessoa certa” reforça a ideia de um mediador ungido, em um tempo e local específicos, para a transformação da vida, neste caso o *legendário 001* que se encontra na montanha.

A teologia reformada, contudo, rejeita qualquer forma de mediação espiritual fora da obra suficiente de Cristo e da instrumentalidade ordinária da Palavra e dos sacramentos. A salvação e a transformação do ser humano não estão atreladas a experiências na natureza, ou a métodos de exaustão física como sendo métodos especiais.

Assim, o discurso messiânico em torno do Legendários desloca a centralidade da graça para a experiência, do Cristo suficiente para o método exclusivo. O resultado é uma espiritualidade centrada na montanha e não na cruz; em um evento pontual e não na ação contínua do Espírito Santo por meio da Palavra.

Ainda, observando falas de participantes que atribuem à experiência na montanha um valor singular e insubstituível na conexão com Deus, denotando assim esse caráter redentivo messiânico do movimento, nota-se a seguinte declaração de um dos legendários em um programa de televisão: “A maneira como as pessoas se conectam a Deus lá é inexplicável” (TVERICHIM, 2024).

O resultado é que o movimento ocupa, na vida dos participantes, um espaço quase sacramental, onde uma transformação espiritual e a maturidade masculina são alcançadas não somente pelo método, mas pelo caminho necessário para se alcançar tais realidades.

A fé reformada reafirma que somente os meios de graça estabelecidos por Deus pode gerar tal transformação, a saber: a Palavra de Deus, a oração e os sacramentos mediados pela ação do Espírito Santo e não por estruturas emocionalmente intensificadas ou programações cuidadosamente roteirizadas.

Além de tal mensagem do movimento ir contra os preceitos da fé reformada, a abordagem do Legendários transmite a ideia de que a masculinidade bíblica é forjada não pela conformação com Cristo revelado nas Escrituras (Romanos 8.29), mas por subir à montanha. Tal discurso atribui à experiência montanhosa um *status* espiritual privilegiado, fazendo com que qualquer crítica pareça não apenas inadequada, mas quase ofensiva a algo que é percebido como sagrado. O movimento, então, torna-se não apenas um método, mas

um caminho necessário, e quase exclusivo, de acesso à maturidade espiritual masculina.

Esse fenômeno de transformação única circunscrita a uma forma ou a um movimento não é novo. Movimentos como o G12, a Glossolalia (dom de línguas como evidência de espiritualidade superior), o “cair no poder de Deus”, e outros modismos eclesiais da espiritualidade contemporânea já operaram segundo essa mesma lógica: criar um tipo de crente diferente que experimentou níveis superiores de fé por meio de experiências místicas em eventos específicos. O resultado comum é o sectarismo, a alienação da vida comum da igreja, resistência à liderança eclesial e, muitas vezes rachas de igrejas.

4. *Manipulação emocional em massa*

O movimento Legendários não apenas propõe uma transformação espiritual e comportamental, mas também estrutura seus eventos de maneira a provocar uma intensa mobilização emocional coletiva. Embora a base teórica do movimento não esteja sistematizada em um manual doutrinário, alguns de seus princípios podem ser observados no livro *A Rota do Caçador*, de autoria de seu fundador, Chepe Putzu (2025). Nesse livro, embora não haja detalhamento sobre o que ocorre na montanha, encontram-se fundamentos filosóficos e simbólicos que estruturam a proposta do movimento.

Um conceito central na obra é o de “manada”, termo que evoca o instinto coletivo de pertencimento e ação conjunta, inspirado no comportamento de grupos predadores. Para Putzu, Jesus foi o maior líder da história porque “teve fome de conquistar territórios e salvar milhares de pessoas”, e, por isso, formou uma equipe com visão e ambição. Ele afirma: “Jesus tinha ambição somada à visão [...] ele sabia que, para cumprir essa visão, era necessário fazer parte de uma manada” (PUTZU, 2025:91–92).

Esse modelo apresenta uma compreensão de Cristo fortemente influenciada por princípios de liderança empresarial e discursos motivacionais, aproximando-o mais de um estrategista corporativo do que do Servo Sofredor descrito nas Escrituras. No contexto do Legendários, a masculinidade de Jesus, bem como a dos participantes, deve ser vista a partir de uma ambição que é fortalecida na união de homens caçadores. Tal desejo de conquista e da valorização de estereótipos tradicionais de virilidade é a marca distintiva do movimento. Nota-se, portanto, que o eixo central dessa construção não se ancora na relação pactual com Deus, como preconiza a teologia reformada, mas na experiência de pertencimento a um grupo exclusivamente masculino. Putzu (2025:93) exemplifica essa concepção ao afirmar: “Quero falar de uma manada especial, um grupo em que você pode ser você mesmo sem que ninguém lhe julgue. Em que sua esposa não está presente para ver seus defeitos, nem sua mãe para repreendê-lo”.

Trata-se, portanto, de uma masculinidade nos moldes de uma “irmandade de caçadores”, cuja espiritualidade é focalizada e validada no ambiente intra-masculino. À luz da teologia reformada, essa proposta mostra-se incompatível com a doutrina da união com Cristo, que afirma que nossa identidade está na união com Jesus (Efésios 1.4-6; Gálatas 2.20), e não em vínculos fraternos ou estruturas sociais humanas. Lógico que a consequência da nossa união com Cristo é a união com os irmãos, porém, além de ser um aspecto derivado, ainda assim é com todo o corpo de Cristo, com a igreja de Deus, e não com uma manada específica, de forma a ser tribal.

O modelo de grupo ao estilo manada adotado pelo Legendários ativa, de forma evidente, o que na psicologia social é conhecido como *histeria coletiva* ou *contágio emocional*. O conceito, estudado por autores como Gustave Le Bon, descreve a perda parcial da identidade individual em contextos de multidão, quando emoções intensas são amplificadas por estímulos externos e pelo comportamento do grupo. Le Bon (2020:32-33) observa que, sob certos estímulos, uma coletividade pode agir de modo emocional e impulsivo, com redução da crítica racional, fenômeno que ele denomina contágio mental. No Legendários, esse processo é potencializado por diversos fatores interligados, dos quais cito três deles:

Exaustão física e privação de conforto

A privação de sono, alimentação e conforto físico altera significativamente a disposição mental dos participantes, tornando-os mais vulneráveis a sugestões e comandos externos. Em estados de cansaço extremo, a capacidade crítica diminui e a tendência à conformidade com o grupo aumenta.

Discursos de valorização pessoal e superação

As mensagens proferidas no evento frequentemente reforçam a ideia de superação, força interior e reconfiguração de identidade. Essas falas, em um ambiente de intensa carga emocional, geram um efeito de euforia coletiva. Os participantes sentem que estão, de fato, vivendo uma mudança profunda.

Trabalho com memórias dolorosas e emoções latentes

Durante o evento, são exploradas memórias traumáticas, frustrações pessoais e conflitos familiares. A evocação dessas experiências em grupo e em um ambiente de forte carga emocional gera respostas afetivas intensificadas, muitas vezes interpretadas como “cura interior” ou transformação espiritual. Esse efeito é semelhante ao verificado em palestras motivacionais ou em contextos de várias experiências religiosas de massa e treinamentos corporativos de alto impacto.

Adicionalmente, o *efeito de conformidade*, estudado por Asch (1987:258) evidencia que indivíduos tendem a adotar as atitudes e comportamentos do grupo, mesmo quando contradizem sua lógica pessoal. Isso explica por que, no ambiente do Legendários, muitos homens passam por experiências intensas, como choro, oração fervorosa ou sensação de “encontro com Deus”, ainda que, em contextos normais, não reagissem dessa maneira.

Importa destacar que o fenômeno do *contágio emocional* ou da *histeria coletiva* não implica, necessariamente, que as emoções vivenciadas nesses eventos sejam inautênticas ou ilusórias. Pelo contrário, são emoções reais, porém intensificadas por um contexto cuidadosamente construído. A combinação de exaustão física, discursos de superação e exploração de memórias dolorosas cria um ambiente propício às catarses emocionais e experiências profundas. E, pode ser que uma pessoa, sendo discipulada e acompanhada, se converta de fato. Porém, toda essa técnica de *contágio emocional* e *histeria coletiva*, segundo a teologia reformada não é conversão.

Essas experiências podem, de fato, produzir efeitos positivos de curto prazo, como força psicológica, senso de pertencimento e motivação pessoal. No entanto, sem um acompanhamento pastoral consistente e sem o enraizamento na vida comunitária da igreja e na exposição regular às Escrituras, tais impactos tendem a ser efêmeros ou, no pior dos casos, gerar expectativas irreais de mudança espiritual jungida as frustrações por não ter sido realmente

transformado, que por sua vez gera dependência recorrente de novas experiências intensas.

Dever e Alexander (2015:74), ao refletirem sobre os métodos evangelísticos contemporâneos, alertam que:

Muitos pastores bem-intencionados nunca pretendem manipular qualquer pessoa, para que ela se arrependa e creia. Mas alguns dos métodos que usamos em compartilhar o evangelho podem ser sutilmente manipuladores, quer os percebamos assim, quer não.

Tal discernimento pastoral é essencial: a fidelidade à verdade do evangelho exige não apenas a integridade da mensagem, mas também a sobriedade dos meios. Quando a emoção substitui a convicção, e a experiência ocupa o lugar da Palavra, a transformação pode até parecer realizada, mas com o tempo percebe-se que faltou raízes espirituais suficientes que produzem a perseverança, como no caso da parábola do semeador.

CONCLUSÃO

Lucas 9.46–50 oferece um *insight* interessante para uma reflexão teologicamente orientada e equilibrada. Nesse relato bíblico, os discípulos demonstram preocupação com um homem que expulsava demônios em nome de Jesus, embora não fizesse parte do grupo apostólico. A resposta de Jesus, porém, é contundente: “Não o impeçais, pois quem não é contra vós outros é por vós” (Lucas

9.50). Essa declaração de Jesus revela que o pertencimento a um grupo específico não é o critério definitivo para se identificar um verdadeiro servo de Cristo. Ser do Senhor não é, necessariamente, ser de um grupo, mas sim, ter sido alcançado pela graça e viver de forma coerente com os valores e a missão do Reino de Deus.

A inquietação de João, expressa em sua tentativa de exclusão do homem que “não nos segue” (v. 49), revela um espírito de exclusivismo ministerial, que não se baseava na ausência de fé ou frutos espirituais por parte do indivíduo, mas na falta de pertencimento a um grupo, a saber, dos apóstolos. A crítica implícita de Jesus é à lógica de fechamento e julgamento, frequentemente presente em tradições religiosas que tendem a restringir a atuação divina aos seus próprios grupos ou limites organizacionais. Portanto, visa-se nessa análise fugir deste erro, ao se criticar o movimento Legendários.

Destarte, dois aspectos centrais são salientados. O primeiro consiste em reconhecer que, mesmo um movimento como o Legendários não plenamente alinhado à ortodoxia reformada, não o enquadra automaticamente na categoria de heresia. Há distinção entre heterodoxia e heresia. Assim, não se pode negar que Deus possa operar em contextos que não espelham plenamente os padrões confessionais reformados. Todavia, o segundo aspecto é igualmente necessário: a constatação de frutos espirituais e mudanças de vida não exime o movimento de uma análise crítica à luz das Escrituras. Pelo contrário, ela a exige.

A avaliação reformada fundamenta-se em dois princípios inseparáveis: *sola Scriptura* (a suficiência das Escrituras) e *solí Deo glória* (a glória de Deus). À luz desses dois princípios, constata-se que muitos elementos presentes no Legendários são incompatíveis com os fundamentos bíblicos da fé cristã, especialmente no que tange à suficiência dos meios ordinários de graça e ao risco do antropocentrismo experiencial. Qualquer tentativa de harmonização entre esses dois princípios, o bíblico-reformado e o experiencial-pragmático, resultaria no comprometimento da essência de ambos.

Historicamente, movimentos heterodoxos serviram como catalisadores para que a igreja despertasse de sua complacência. Assim, este estudo também lança um alerta às igrejas reformadas e conservadoras: o zelo institucional, quando dissociado da missão e da vitalidade evangelística, pode conduzir à estagnação. A ausência de práticas regulares de evangelismo, substituídas por eventos pontuais, muitas vezes revela uma negligência quanto à identidade missional da igreja. A missão, conforme a perspectiva bíblica, não é um apêndice da igreja, mas parte de sua própria natureza.

Dessa forma, é necessário reafirmar que a missão da igreja possui duas dimensões inseparáveis: a adoração ao Deus trino e o evangelismo ativo de todos os povos. A fidelidade a essa missão exige não apenas ortodoxia doutrinária, mas também uma ortopraxia alinhada à soberania de Deus. A Palavra de Deus continua sendo suficiente, eficaz e poderosa para gerar vida, transformar corações e

edificar a igreja, independentemente das estratégias culturais ou dos modismos metodológicos que possam surgir.

Por fim, reconhece-se que os participantes do Legendários frequentemente buscam a Deus com sinceridade e boas intenções. Entretanto, a boa intenção não é critério bíblico e teológico suficientes. O chamado bíblico permanece: conformar-se à Escritura e não à cultura. A fé reformada pode oferecer uma resposta pastoral e doutrinária equilibrada não apenas aos que passaram pelo movimento, mas a todos que desejam viver uma espiritualidade centrada em Deus, alicerçada na Palavra e não em experiências pessoais isoladas e potencialmente efêmeras. As experiências, embora tenham valor, devem estar sempre subordinadas à autoridade da Palavra de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCH, Solomon. Social Psychology. Bristol: Oxford Science Publications, 1987.

DEVER, Mark; ALEXANDER, Paul. Igreja Intencional: Edificando seu ministério sobre o evangelho. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

KINGDOM EMPRESÁRIOS. Uma camisa que não se compra. Chepe Putzu. Kingdom Podcast. YouTube, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sb3zedQp-mU&t=1406s> Acesso em: 27 mar. 2025.

LE BON, Gustave. A psicologia das multidões. Lisboa: Editora Bookbuilders, 2020.

LEGENDÁRIOS. *Página inicial.* Legendários, 2025. Disponível em: <https://legendarios.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LEGENDARIOS_PARACATUMG. [Você não precisa ir ao legendários]. Instagram, 15 de jan, 2025. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/DE2s0RTvKJD/?igsh=dDQ5cWFrdHdtZmVs> Acesso em: 27 mar. 2025.

LIDÓRIO, Ronaldo. Plantando igrejas. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

LOS LEGENDARIOS. *Página inicial.* Los Legendarios, 2025. Disponível em: <https://loslegendarios.org>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MACARTHUR, John. Com vergonha do evangelho. São José dos Campos: Editora Fiel, 1997.

O CASAL LEGENDÁRIO. *O que é o movimento legendários? Qual a verdade?* YouTube, 10 jan. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XhshSLBe45Y>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PAPO À VISTA. YouTube, 10 de ago. 2023. Disponível em: https://youtu.be/iibpa_zzJlg?si=c9qKjtT9899xCezy. Acesso em: 27 mar. 2025.

PHILLIPS, Richard D. Homens de verdade: O chamado de Deus para a masculinidade. São José dos Campos: Editora Fiel, 2019.

PUTZU, Chepe. A rota do caçador: Guia definitivo para homens com fome de conquista. Belo Horizonte: Editora Relevantes, 2025.

TVERICHIM. Instagram, 8 de nov 2024. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/DCHp09PuvE2/?igsh=MTdhaTlh anY5dDls> Acesso em: 27 mar. 2025.

UOL. *Participante de movimento cristão Legendários morre em trilha no MS.* São Paulo, 5 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/02/05/legendario-morto-trilha.htm>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ABSTRACT

This article critically analyzes the Legendarios movement in light of Reformed theology. Initiated in Guatemala in 2015 and gaining increasing popularity in Brazil, the movement seeks to restore masculinity through intense experiences in natural settings, such as mountain climbing, combined with practices of physical exhaustion, secrecy, and rituals of belonging. Although it attracts thousands of participants, including celebrities, the Legendarios proposal raises significant theological concerns. The analysis addresses four main aspects: pragmatism and experientialism as criteria for spiritual validation; the fusion between marketing strategies and the message of the gospel; the construction of a messianic and redemptive discourse centered on experience rather than the cross; and the use of techniques that provoke collective emotional mobilization, resembling psychological contagion phenomena. Reformed theology, grounded in principles such as *sola Scriptura* and *solus Deo*

gloria, stands in contrast to the centrality of emotionally induced mystical experiences as means of spiritual transformation. The article concludes that although the movement may produce apparent fruit and behavioral changes, its structure and discourse lack alignment with the biblical foundations of Reformed faith. It proposes that Reformed churches offer pastoral responses that uphold the sufficiency of Scripture and the ordinary means of grace through the work of the Holy Spirit, avoiding dependence on intensive and emotionally manipulative methods.

Keywords: Reformed Theology; Christian Masculinity; Legendarios; Religious Pragmatism.

O PRIMEIRO *LIVRO DE DISCIPLINA* DE JOHN KNOX: EDUCANDO O POVO PARA ENALTECER DEUS

*Cosme Alves Serralheiro*¹
*João Gabriel Stumpf Machado*²

RESUMO

O presente artigo, entre outros propósitos, busca entender a influência e o trabalho do reformador John Knox através do *Livro de Disciplina* para a Educação na época, bem como suas repercussões posteriores. A pesquisa buscou discutir qual foi a relação do Livro na vida da comunidade escocesa. Também buscou desvendar o porquê a obra supracitada de John Knox é tão referenciada como um eminente instrumento para a transformação social naquele país e no mundo, demonstrando implicações e referenciando o documento da obra. Em certo momento foi apropriado do conceito de poder, apoiado em Foucault (2005), para analisar como esse recurso teórico e social foi utilizado no controle de alguns sujeitos para fins educativos. A metodologia utilizada foi descritivo-qualitativa. Os resultados apontam que esse *Livro de disciplina* mudou a forma de se comportar do povo com base no presbiterianismo escocês. Para completude desse trabalho, foram utilizados obras literárias de pesquisadores profissionais no assunto e sites para elucidar o tema.

1 Licenciado em História, Pós-graduado em Ciências da Religião, Pós-graduado em Gestão Escolar, Pós-graduado em Ciências Sociais geopolítica, Mestre em História, Doutor em História. Membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Porto Alegre. Atualmente é professor do CETERGS (Centro de Estudo Teológico Reformado do Rio Grande do Sul Rev. Henry Matthew Haswell Jr) onde leciona a disciplina História da Igreja.

2 Membro da Igreja Presbiteriana de Canela/RS, evangelista na igreja Presbiteriana Esperança/RS e Seminarista do CETERGS (Centro de Estudo Teológico Reformado do Rio Grande do Sul Rev. Henry Matthew Haswell Jr).

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Livro de Disciplina; Comunidade escocesa; Presbiterianismo.

INTRODUÇÃO

Em 27 de abril de 1560, os Senhores Protestantes que compunham o Grande Conselho do Reino da Escócia assumiram o compromisso de garantir, por todos os meios possíveis, que a verdadeira pregação das Escrituras Sagradas tivesse livre curso em todo o reino, acompanhada da adequada administração dos sacramentos: santa ceia e batismo, e de tudo o que dela decorre. Dois dias mais tarde, delegaram a um grupo de ministros a tarefa de registrar por escrito e reunir em um livro, conhecido como *Livro de Disciplina*, elaborando pareceres sobre a reforma na Escócia. Três semanas depois, em 20 de maio, esses ministros, cujos nomes não constam em nenhum dos documentos preservados, apresentaram suas propostas para a estruturação de uma igreja cristã reformada na Escócia, essa que culminou na criação da Igreja Presbiteriana.

Também, vale ressaltar que em dezembro de 1560, reuniu-se a primeira assembleia-geral da Igreja Presbiteriana escocesa, que elaborou o Livro de Disciplina, diga-se de passagem, à revelia da Coroa. Todavia. O Parlamento não aceitou esse primeiro Livro de Disciplina – que prescrevia a forma presbiteriana de governo, mas manteve o episcopado como instrumento de controle estatal da igreja. Ironicamente, entre 1561 e 1567, a Escócia foi governada por uma rainha católica, Maria Stuart. Fazendo com que o precursor da

reforma escocesa, John Knox, que estava exilado na Suíça voltasse para dar início a reforma.

VIDA DO ESCRITOR E REFORMADOR JOHN KNOX

O Escocês John Knox (1514–1572) foi um líder religioso escocês, teólogo reformador. Nasceu cerca de 1514, em Haddington, Escócia. Foi ordenado padre católico, mas, influenciado pelas ideias de Martinho Lutero e João Calvino, aderiu à Reforma Protestante. Exilou-se na Inglaterra e, depois, em Genebra, onde conviveu com Calvino e consolidou suas convicções reformadas. Retornou à Escócia em 1559 e tornou-se a principal voz contra o domínio católico e a influência francesa no país. Liderou os “Senhores” Protestantes na luta para estabelecer a fé reformada. Participou diretamente na elaboração da Confissão Escocesa (1560), que estabeleceu as bases da Igreja Reformada da Escócia. Defendia a soberania absoluta de Deus, a autoridade da Bíblia e uma igreja governada por presbíteros (anciãos), em oposição ao sistema episcopal e à autoridade papal.

John Knox foi um dos maiores reformadores de todas as épocas. Foi crucial para a reforma do Reino Unido inteiro, através do livro de disciplina que criou para a igreja presbiteriana escocesa (HEALEY, 1989). No entanto, sua influência não foi apenas para a vida eclesiástica e para a teologia, mas atingiu todas as áreas da sociedade, como a educação, objeto deste estudo de caráter bibliográfico.

Com base em intensa pesquisa, pouco se sabe sobre os primeiros anos de vida de Knox. É consenso que foi ordenado sacerdote católico romano em algum momento, próximo da década de quarenta dos anos mil e quinhentos. A partir daí ele se torna guarda-costas de George Wishart, um célebre reformador martirizado em 1546. Wishart foi pregador itinerante na baixa Escócia. Muitos o acompanharam, incluindo John Knox. Elém disso, cabe ressaltar que George Wishart foi o mentor intelectual de Knox para a criação do presbiterianismo na Escócia.

A época em que John Knox vivia era de fato bastante conturbada. Tratava-se de um país que permanecia no retrocesso religioso quase generalizado, propalado pelo catolicismo romano, como: o controle da igreja Católica em grande parte da vida política e religiosa escocesa, a população era mantida sob práticas consideradas supersticiosas e contrárias às Escrituras Sagradas e havia repressão a qualquer tentativa de introduzir ideias reformadas, vistas como heresia.

A despeito da inserção do cristianismo protestante, desde o século 14, pessoas como John Wycliff e Martinho Lutero terem exercido influência no país, faltava muito ainda para que o país fosse reformado. Segundo Douglas Bond, “talvez não houvesse outro

lugar no mundo todo do século XVI mais necessitado de reforma do que a Escócia” (2011, n.p.).³

O cardeal David Beaton foi uma importante figura nessa época. Tornou-se arcebispo de St. Andrews, foi escolhido pelo papa para ser seu representante em solo escocês (BROUN, 1994). Conhecido por ter condenado à morte uma senhora que, em suas dores de partos, cometera o “crime” de dizer que oraria apenas pelo nome de seu Senhor Jesus Cristo. Além disso, Beaton é célebre pela sua repressão política contra os movimentos de reforma religiosa da Escócia e sua fornicação com várias amantes (HERKLESS, 1891). A mando de sua pessoa, Beaton enviou agentes para assassinar Wishart em 16 de janeiro de 1546. John Knox o denominou o “abençoado mártir de Deus” (NELSON, 1949, p. 74) e “Mestre no Evangelho” (NELSON, 1949 p. 75a).⁴

Tal morte causou uma impressionante revolta na sociedade, de maneira que uma multidão se revoltava contra a absurdidade da liderança opressiva de Beaton. Dessa forma, dois reformistas ferozes, John Leslie e James Melville, entraram na catedral de St. Andrews na calada da noite de 29 de maio de 1546 e assassinaram o cardeal. Antes da vingança, sugeriram que o cardeal se arrependesse

3 BOND, Douglas. A Poderosa Fraqueza de John Knox: Um perfil de Homens Piedosos. Formato Epub: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/33233>. Acesso em 29 jul. 2025

4 Disponível em <https://archive.org/details/historyofreforma02knoxuoft/page/n7/mode/2up>. Acesso em 29 jul. 2025.

e justificaram sua prática porque tinha sido “[...] um obstinado inimigo de Cristo Jesus e seu santo Evangelho” (NELSON, 1949. p. 78b).⁵ Tal morte não fora por óbvio justa, mas foi tida como um sinal da ira de Deus sobre os tiranos (NELSON, 1949.).⁶ Além disso, o ensinamento protestante reformado estava se espalhando a largos passos, de modo que ninguém poderia conter.

Então John Knox, após retornar para seus discípulos, que criara com a influência de Wishart, aceita liderar o grupo dos Castilianos, que tomaram o castelo de St. Andrews. Naquele momento, Knox se torna um pregador para aqueles discípulos, de modo que ele pregava constantemente no castelo. Concomitante a essa aparente paz no castelo, Mary Guise (1515–1560), mãe de Maria Stuart, a Rainha regente, ordena tropas com o apoio francês a se instalarem na Escócia, garantindo que o catolicismo permanecesse dominante. Os franceses chegaram a guarnecer fortalezas estratégicas e apoiar a repressão contra os nobres e pregadores protestantes, os chamados *Lords of the Congregation*.

Assim, Knox e os homens que lá permaneceram pediram auxílio para a coroa inglesa, que nada fez por eles. O prédio caiu aos pedaços e todos os escoceses sobreviventes foram levados prisioneiros. Um ano e meio depois, no início de mil quinhentos e

⁵ Disponível em

<https://archive.org/details/historyofreforma02knoxuoft/page/n7/mode/2up>.

Acesso em 29 jul. 2025.

⁶ Disponível em

<https://archive.org/details/historyofreforma02knoxuoft/page/n7/mode/2up>.

Acesso em 29 jul. 2025.

quarenta e sete, a nova administração da coroa de Eduardo VI, o filho de Henrique VIII, negociou a libertação do pregador escocês (BOND, 2011).

Já em solo inglês, John Knox se torna um pregador oficial da coroa. Suas opiniões fortes em proteção à pureza do culto o levaram de volta para próximo da Escócia, num vilarejo pouco relevante. No entanto, assim mesmo Knox mostrou sua preocupação com a glória de Deus mais do que com a dos homens. Eduardo VI faleceu muito cedo, em mil quinhentos e cinquenta e sete, e a dinastia Tudor foi prosseguida por uma sangrenta rainha, Maria Tudor, a Maria Sanguinária (BOND, 2011).

Considerada por Knox a “idólatra Jezabel”⁷ (NELSON, 1949, p. 118), era romanista radical e mandou duzentos e oitenta cristãos para a fogueira. Isso forçou o escocês a fugir para um lugar seguro. Foi então que João Calvino o convidou para ir a Genebra, local em que ficou pouco tempo inicialmente, porque logo foi convidado para pastorear uma igreja de imigrantes em Frankfurt, Alemanha. No entanto, os membros desejavam uma liturgia próxima à anglicana e alguns eram favoráveis ao reinado de Maria Tudor. Por isso, logo aceitou outro convite de Calvino para o retorno a Genebra. Mais tarde, em mil quinhentos e cinquenta e cinco, ele voltaria à Escócia, onde se tornou um pregador corajoso (BOND, 2011, n.p).

7 Foi uma rainha de Israel mencionada na Bíblia, especialmente nos livros de 1 e 2 Reis (século IX a.C.). Ela é conhecida por sua forte influência política e religiosa durante o reinado de seu marido, o rei Acabe. Ela Introduziu e promoveu o culto a Baal e Aserá, deuses fenícios, em Israel.

John Knox não era o maior de todos os pregadores da época. Inclusive, segundo alguns autores, ele sequer pregava muito bem por causa de seu temperamento mais introspectivo (BOND, 2015). A despeito disso, pregava corajosamente nas universidades e diante de líderes católicos (BROWN, 1895). Conhecido por sua bravura e fidelidade, não omitia verdades em detrimento de perseguições. Nessa mesma oportunidade de volta à Escócia, casa-se com Marjory Bowes. No entanto, logo no ano seguinte precisou voltar para Genebra. Ele retorna novamente em mil quinhentos e cinquenta e nove para a Escócia, com a licença de Calvino, que se tornara seu “mentor e amigo” (BOND, 2011, n.p.).⁸

Nos meses seguintes, mesmo diante da perseguição, a Escócia viu um vigoroso pregador que levou multidões à conversão. Esses eventos chamam a atenção de estudiosos até hoje, a ponto de dizerem que ele próprio “[...] na providência de Deus, reavivou o país” (PARSONS, 2022, n.p.).⁹ Então, com todos esses fatos acontecendo, foi necessário iniciar o processo de elaboração da escrita do livro da disciplina para estabelecer a estrutura doutrinária, administrativa e social da nova igreja presbiteriana escocesa.

8 Formato Epub. “Volta à Escócia”. Disponível em:

<https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/33233>. Acesso em 01 ago. 2025

9 Disponível em: <https://learn.ligonier.org/articles/give-me-scotland-or-i-die>.

Acesso em 01 ago. 2025

CONCEITO DO LIVRO DE DISCIPLINA

O Livro de Disciplina (*Book of Discipline*) é um documento eclesiástico e organizacional que estabelece os princípios de governo, doutrina, culto e ordem da Igreja, especialmente no contexto das igrejas reformadas e presbiterianas. Eclesiasticamente, é um manual oficial que regula a estrutura, funcionamento, doutrina, prática pastoral, vida comunitária e ética da igreja, orientando a organização eclesiástica, a formação cristã e a administração da justiça eclesiástica, conforme os princípios da Reforma Protestante.

O Livro de Disciplina foi referendado pelo protagonismo de John Knox na Escócia, e por outros reformadores, com o propósito de organizar a recém-formada Igreja Reformada Escocesa, partindo do conceito confessionalista. A obra tratava de temas como governo por presbíteros (governo presbiteriano), educação para todos, financiamento da igreja, disciplina moral e eclesiástica e culto cristão baseado somente na Escritura bíblica.

Numa interpretação crítica, sob a ótica de Michel Foucault, pode ser compreendido como um instrumento de poder disciplinar, que visa normatizar comportamentos, organizar instituições e internalizar regras por meio de dispositivos de controle, vigilância e correção moral, característicos das sociedades disciplinadas, mas paradoxalmente na concepção foucaultiana, de acordo com Revel (2005), o poder nunca é tratado como uma entidade coerente, unitária e estável, mas sim como “relações de poder”.

O livro estabelece regras para o comportamento moral e condutas individuais (vida familiar, sexualidade, honestidade, etc.). Ele cria mecanismos de vigilância interna, como conselhos de presbíteros que observam e corrigem os membros. Isso se alinha ao conceito foucaultiano de uma sociedade disciplinar, onde o poder opera mais por normas internalizadas do que por coerção direta. Em síntese, não é apenas um manual religioso, mas um mecanismo de poder disciplinar, que produz sujeitos através da normatização da conduta, da vigilância pastoral e da regulação social, funcionando como parte de um sistema maior de controle das almas e dos corpos.

ELABORAÇÃO DO LIVRO DE DISCIPLINA

Juntamente com a Confissão Escocesa, tornou-se necessário a criação do Livro de Disciplina como o fundamento para “a teologia, o culto, a alfabetização e a pregação na Escócia Reformada” (BOND, 2011, n.p.).¹⁰ Tinha de ser assim, abrangente e geral, dado que estava a reformar toda uma nação.

De fato, o objetivo de escrever um livro de código de conduta foi estabelecer normas, princípios, diretrizes ou regras para orientar uma prática específica, seja em uma instituição, organização, grupo religioso, educacional, profissional ou governamental. Ele serviu como base normativa e organizacional do presbiterianismo e da fé

10 Formato *Epub*. “Volta à Escócia”. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/33233>. Acesso em 07 ago.2025.

reformada, garantindo ordem, coerência e unidade nas ações e decisões no período entre 1536 até 1646, conforme quadro 1:

Quadro 1 - Documentos calvinistas e reformados na Europa

Ano(s)	Documento(s)	Autor (es)	Observações
1536	Institutas da religião Cristã	João Calvino	Revisada em 1559
1536	Confissão de fé de Genebra	João Calvino e Guilherme Farel	-
1537	Instrução e confissão de fé	João Calvino	-
1542	Catecismo de Genebra	João Calvino	Publicado pela primeira vez em 1541
1549	Consenso <i>Tigurinus</i>	Calvino e Heinrich Bullinger	-
1552	Consenso de Genebra	Teodoro de Beza	Defesa da doutrina da predestinação
1558	Confissão da Guanabara	Huguenotes franceses	Escrita no Brasil/RJ
1559	Confissão de Paris ou Confissão Anglicana	Teodoro de Beza	Teve auxílio de outros líderes huguenotes
1560	Confissão Escocesa ou "Seis Johnes" ¹¹	John Knox	-
1560	Bíblia de Genebra sem comentários	William Whittingham	Cunhada por João Calvino
1561	Confissão Belga	Guido de Brès	-
1562	Segunda confissão Helvética	Heinrich Bullinger	Teólogo reformado Suíço
1563	Catecismo de Heidelberg	Zacharias Ursinus e Caspar Olevianus	Escrito por dois teólogos reformados alemães

¹¹ Conhecida como *Six Johns*, pois teve a participação da escrita por vários Johnes, como John Knox, John Winram, John Spottiswood, John Willock, John Douglas e John Row.

1564	Livro de ordem comum	John Knox	-
155?	Tratado teológico	Teodoro de Beza	-
1589	Tratado de Perkins	William Perkins	Um dos pais do puritanismo inglês
1618-19	Cânonos de Dort	Redigidos coletivamente pelos teólogos	-
1646	Confissão de fé de Westminster	redigida por uma assembleia de teólogos e líderes eclesiásticos	Assembléia de Westminster em Londres

Quadro elaborado por Serralheiro (2025)

Observe que no quadro acima foram mais de 100 anos de história da igreja reformada, principalmente a Luterana, Calvinista e presbiteriana, buscando definir o posicionamento contra as heresias teológicas que vinham afligindo a igreja. Cabe também ressaltar que esses documentos inseridos no quadro foram levados em consideração até a confissão de fé de Westminster.

Já na questão da elaboração do livro de disciplina, sua produção levou cerca de três semanas, e teve uma repercussão um tanto paradoxal, em comparação com sua irmã, a Confissão Escocesa. Ao mesmo tempo que não fora, como a Confissão, tornada oficial na íntegra pelo Parlamento inglês, teve um impacto maior ainda para a vida dos escoceses (STANFORD, 2014). Daí “ter sido considerado como o maior documento em importância para a história do país escocês” (DOUGLAS, 2014, p. 228). Mesmo que não tenha sido oficializada na sua inteireza, o Parlamento aprovou,

anos depois a escrita do livro, em 1592, 1638 e 1690, que tornava a igreja a responsável pela educação, que de certa forma vigorou até 1872, quando a educação foi laicizada. No entanto, isso de modo algum fez com que as igrejas continuassem a formar escolas em cada paróquia, educação que vigora até hoje em instituições religiosas de formação (TOLEDO; VIEIRA, 2010).

O Livro de Disciplina Estabeleceu um sistema de governo presbiteriano segundo o modelo de Genebra, mas a falta de fundos significou que seu programa de organização e educação clerical foi em grande parte abandonado. O segundo livro foi adotado após a abdicação forçada de Maria, Rainha da Escócia, e tinha uma perspectiva muito mais claramente presbiteriana. Colocou a supervisão da igreja totalmente nas mãos de grupos de líderes eleitos da igreja nos presbitérios.

O objetivo do livro foi tanto eclesiástico quanto governamental, visto que ambos estavam interligados. De certa forma, a igreja estava sendo um farol para o país, e era, portanto, uma excelente oportunidade de trazer um documento bem elaborado para reformar as estruturas do cristianismo protestante, ou seja, um paliativo pedagógico. A educação era uma dessas estruturas que unia o Estado e a igreja.

ABRANGÊNCIA EDUCACIONAL DA OBRA

Na Educação, a ideia de Knox era eminente em importância para o caráter formativo de uma criança quanto na nossa época. De

alguma forma, o teólogo escocês conseguiu trazer da Bíblia Sagrada a sua contribuição prática para uma educação completa. A Educação, que na época estava passando para a tutoria dos reformados, foi um dos meios que sofreu alterações em sua dinâmica. Um “[...] sistema bem organizado de escolas gradativas e integradas que iam desde os cursos elementares até o universitário” (TOLEDO; VIEIRA, 2010, p. 98) que foi elaborado nos mínimos detalhes. Desta forma, O projeto idealizado por Knox e sua equipe consistia em uma rede bem planejada de escolas articuladas, abrangendo desde a instrução elementar até a formação universitária. Nos estudos de John Strong sobre educação:

Iniiciava-se com um curso elementar para crianças até os oito anos; depois, escolas de gramática para jovens até doze anos, seguidas dos colégios para adolescentes até dezesseis anos e, finalmente, o curso universitário a ser completado por volta dos vinte e quatro anos (STRONG, 2009, p.57).

A antiga ideia grega de educação como formação para o homem todo, a “Paideia”¹², ainda estava em vigor na mente de um reformador como John Knox. De certa forma, a concepção era de que a educação é muito mais que um bem social para que o indivíduo se relacione com outro como hoje se vê. Assim, Knox naturalmente compreendeu que seria tão essencial para a sociedade do seu país que se educassem homens e mulheres quanto que se pregasse o

12 É um termo grego antigo que significa formação integral do ser humano. Ele se refere não apenas à educação intelectual, mas também ao desenvolvimento moral, cultural e físico, visando formar cidadãos completos e virtuosos.

Evangelho a eles. Werner Jaeger (2013, p. 2) afirma que na clássica obra “Paideia: A formação do homem grego: A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual”; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, “a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade” (JAEGER, 2013, p. 2).

Dessa forma, percebe-se que esse ideal grego de Paideia como uma educação abrangente para a vida comunitária, incluindo o aspecto espiritual, é uma percepção que Knox claramente evidencia. Isso porque ele entendia a educação como esse crescimento para toda uma nação, mas também porque ele pensava que era necessário aplicar a educação clássica aos alunos.

O Livro de Disciplina, na seção sobre educação, inicia afirmando no capítulo sobre a necessidade das escolas, uma *prolegômena*, ou seja, uma introdução teológica para a afirmação do que se construirá a partir dali. Assim, houve justificativas para implantar métodos didáticos para usar o livro como fonte de ensino.

A primeira justificativa em que se debruçou compreende-se que foi a de se colocar mestres nas escolas para ensinarem o ser humano em todas as matérias, sendo a escola fundamental. Essa é a primeira afirmativa *prolegômena*, ou seja, introdutiva ou considerações preliminares que antecedem um estudo daquele *livro de disciplina*.

Na segunda justificativa teológica, entende-se que é por causa da depravação do homem pelo pecado que a educação é mister. Desta forma, o homem não seria, como o romanismo tendia a pregar na época, que o homem apenas carrega o pecado original dentro de si, mas sim que todo homem e ele por inteiro, está distante da luz divina. Esse entendimento está diretamente relacionado ao terceiro capítulo da Confissão Escocesa, redigida também por Knox e outros: “[...] a imagem de Deus foi totalmente deformada no homem, e ele e seus filhos se tornaram, por natureza, inimigos de Deus, escravos de Satanás e servos do pecado.” (KNOX et al., 1560, n.p.)¹³.

A terceira e última afirmação é a proposta central do protestantismo reformado, que é a cessação de dons miraculosos. Daí ser imperativa a educação dos homens, visto que Deus apenas ilumina, não mais revela como o fez com os apóstolos e profetas. Isso está diretamente ligado com o capítulo 19 da Confissão Escocesa: “Cremos e confessamos que as Escrituras de Deus são suficientes para instruir e aperfeiçoar o homem de Deus, e assim afirmamos e declaramos que a sua autoridade vem de Deus e não depende de homem ou de anjo.”. (KNOX et al., 1560, n.p.)¹⁴

Com base nos ensinamentos de Knox, um mestre específico deveria existir em cada igreja, a fim de ensinar a língua latina e a sua

13 Fonte de consulta:

https://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm. Acesso em 05 ago. 2025

14 Fonte de consulta:

https://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm. Acesso em 07 ago. 2025

gramática, bem como ensinar o catecismo às crianças. Interessante, a preocupação de Knox com as crianças é sempre dupla: intelectual e espiritual. Assim, tanto quanto busca trazer diretrizes para uma educação virtuosa e clássica, busca também proporcionar a catequização na fé reformada.

Para as universidades, o plano era trazer à memória a responsabilidade dos pais dos jovens. E isso tanto de criarem os filhos na virtude como também de não permitirem que vivessem na ociosidade. Os pais ricos deveriam sustentar seus filhos, enquanto os pobres eram de responsabilidade da igreja custear, pelo menos enquanto mantivessem um bom caráter. Aqui o foco sempre era dar à própria comunidade, como resultado dos estudos dos universitários, um benefício à comunidade. Era mister o estudo especializado, juntamente com as artes liberais e a gramática. Isso porque a Reforma Protestante trouxe uma ênfase forte no trabalho como vocação (STANFORD, 2014).

Era mesmo, como Stanford disse, “[...] um ambicioso programa de ter uma escola em cada paróquia e oferecer uma oportunidade igual para todos serem educados até em nível universitário [...]” (STANFORD, 2014, p. 229). Ou seja, um plano que não parecia em princípio factível, pela sua dificuldade mediante tantas intempéries da época.

RELEVÂNCIA PARA O PRESBITERIANISMO BRASILEIRO

O Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil, de modo semelhante, é um *livro de disciplina*. Muito menos abrangente, o código tem um foco específico: deixar clara a jurisprudência da igreja quando pecados acontecem. Baseada em Mateus 18.15-35¹⁵, o texto do código visa esclarecer o processo de disciplina da igreja em caso conciliar, presbiteral, sinodal ou nacional, de acordo com a graduação da pena.

O documento da Igreja Presbiteriana do Brasil foi criado e promulgado em julho de 1950, na IP Alto Jequitibá-MG, pela Assembleia Constituinte, cujo presidente era o Rev. Benjamin Moraes Filho (GONÇALVES, 2024). O documento tem uma definição jurídica muito apropriada para a denominação, e pode ter implicações para outras áreas. No entanto, o foco do Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil é muito mais jurídico do que geral. É bastante compreensível que os documentos sejam diferentes.

Na época da escrita do Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil, a preocupação era estritamente criar um código para reger uma denominação já fundamentada há quase uma

15 A mensagem central dessa passagem do apóstolo Mateus se refere a comunidade de Cristo, que deve buscar reconciliação, tratar o pecado com amor e praticar um perdão ilimitado, refletindo o perdão que recebemos de Deus. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/mt/18>. Acesso em 06 ago. 2025.

centena de anos. Na época do primeiro *Livro de Disciplina*, a realidade era completamente diferente, como já vimos, era embrionária diante de um país tomado pelo catolicismo romano. Daí a própria escrita ser diferente em estilo: no documento escocês, era pastoral; no brasileiro, seria parecido com uma linguagem jurídica.

Assim, o documento brasileiro, que passará por modificações na próxima reunião do Supremo Concílio segundo anúncio da comissão responsável (SEMINÁRIO SIMONTON, 2024), também traz semelhanças no que tange à preocupação de estabelecer um documento formal para o regimento da prática eclesial. Ao mesmo tempo, traz fortes diferenças, porque a Igreja Presbiteriana do Brasil não tinha a preocupação em desenvolver uma cartilha itinerária para a formação de escolas.

Além disso, o que chama mais a atenção é que, embora não tenha sido uma preocupação da igreja brasileira ter escrito algo semelhante à escocesa, há preocupações educacionais semelhantes. Na esfera eclesiástica, a Escola Dominical se constituiu como uma escola para a comunidade em geral, visando a evangelização e alfabetização. Assim, a alfabetização de crianças alcançava as que ficavam próximas à igreja e tinham, apenas no domingo, a folga de seus trabalhos para aprenderem (COSTA, 2013). Assim, é visível que a mesma foi essencial para uma transformação, em alguns aspectos, da comunidade brasileira.

Segundo Osvaldo Henrique Hack (2000), as primeiras escolas presbiterianas brasileiras começaram a ser fundadas

justamente junto com os trabalhos evangelísticos. O fundador do presbiterianismo brasileiro, o reverendo Ashbell Green Simonton, foi responsável por trazer essa ideia dos Estados Unidos da América e implantá-la no Rio de Janeiro. Tal ideia teve continuidade e foi essencial para a manutenção de uma igreja emergente como a Igreja Presbiteriana do Brasil. A escola ensinava a alfabetização, o Breve Catecismo e a Bíblia Sagrada. Segundo o próprio Simonton, “a escola para ‘os filhos’ dos ‘membros’ da igreja é um [...] meio indispensável para assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil [...]” [1867 apud HACK, 2000, p. 59].

De fato, a relevância do presbiterianismo brasileiro pode ser compreendida por seu impacto em diversas áreas da sociedade, como educação, política, cultura, assistência social e liberdade religiosa, isso teve repercussões profundas para o mundo.

REPERCUSSÕES DO LIVRO PARA O MUNDO

A Igreja Presbiteriana da Escócia foi a pioneira na instalação de um cristianismo autêntico. A partir de 1560, a Escócia se tornaria outra. Justamente por seu caráter amplo e abrangente, a obra literária de fins eclesiásticos teve uma repercussão inimaginável em toda a Escócia. Naqueles dias, o catolicismo romano era não só uma religião vista em todo o terreno do país, mas era principal e eminentemente estatal e repressora. A exemplo dessa grande opressão, John Knox foi ameaçado pelo padre arcebispo St. Andrews

a renunciar suas pregações, com a pena de ser morto com um tiro se não fosse obediente ao catedrático. Knox desobedeceu e prosseguiu (BOND, 2011).

Dessa grande literatura reformada, seguiram-se uma infinidade de influências em todo o mundo. A Escócia faria pressão no Reino Unido para que fosse reformada, e não mais romana, após os terríveis anos da rainha Maria Tudor, a “Rainha Sangrenta”. Com esse apoio a coroa inglesa se tornaria adepta ao presbiterianismo durante alguns anos.

No entanto, não foi apenas no Reino Unido que o presbiterianismo ganhou força. Foram os irlandeses escoceses que tornaram o Primeiro *Livro de Disciplina* uma égide teórica para a transformação social da Nova Inglaterra. Na imigração para a colônia inglesa, esses homens fundaram o que hoje é os Estados Unidos da América, especialmente no campo religioso, político e educacional, pois estabeleceu as bases para uma igreja reformada, com consequências globais no modelo de governo eclesiástico, educação pública e responsabilidade civil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, John Knox foi uma figura importante para o presbiterianismo depois de João Calvino, pelo seu esforço em buscar implantar uma educação de qualidade para que o seu país fosse transformado. Portanto, a obra supracitada de John Knox é tão

referenciada como um eminente instrumento para a transformação social na Escócia e no mundo, descrevendo o trabalho de Knox mediante sua vida e sua obra em questão, o primeiro *Livro de Disciplina*, resumindo a seção sobre educação; elaborando um cotejo entre o trabalho presbiteriano escocês e o brasileiro e trazendo um resumo das implicações para o mundo. Assim, demonstrou-se que a educação significava um meio de transformação e evangelização para Knox, e que a influência da sua obra para a educação foi enorme, chegando ao Brasil a ideia de cada igreja ter uma escola. Com isso, pode-se perceber um elo entre um documento pouco lembrado no meio acadêmico, mas que resumiu as ideias teológicas e educacionais do presbiterianismo. Futuras pesquisas poderiam trazer luz sobre a influência desse documento sobre outras áreas, como a própria teologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Peter Hume. **John Knox**: a biography. London, UK: A. and C. Black. 1895.

BOND, Douglas. **A Poderosa Fraqueza de John Knox**: Um perfil de Homens Piedosos. 1ª Edição em Português. Formato Epub. São José dos Campos, SP: Editora Fiel. 2011. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/33233>.

BOND, Douglas. Douglas Bond: **The Mighty Weakness of John Knox**. YouTube, 6 de agosto de 2015. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=U2G_9Weviyk&t=1580s.
Acesso em: 22 de julho de 2025.

BROUN, Malcolm D. **The Three Archbishops of the House of Bethune/Beaton**. Journal of the Sydney Society for Scottish History, v. 2, 1994.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à educação cristã**. Brasília-DF: Monergismo, 2013.

DOUGLAS, J. D. **A Contribuição do Calvinismo à Escócia: Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GONÇALVES, Presbítero Silas Fernandes. **Anotações sobre a Constituição e o Código de Disciplina da IPB**. Brasil: 2024.

HACK, Osvaldo. **Protestantismo e Educação brasileira**. São Paulo, Cambuci: Editora Cultura Cristã. 2000.

HEALY, Robert M. The Preaching Ministry in Scotland's First Book of Discipline. **Church History**, vol. 58, no. 3, 1989, pp. 339–53. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/3168468>. Acesso em 22 julho 2025.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

KNOX, John. **History of the Reformation in Scotland**. London: Nelson. 1949.

KNOX, John et al. **A Confissão de Fé Escocesa. 1560**. Disponível em:
https://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm.

PARSONS, Burk. **Give Me Scotland, or I Die**. Sanford, Florida, USA: Ligonier Ministries. 25 de novembro de 2022.

REVEL, Jack; Michael, FOUCAUL. **Conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SEMINÁRIO SIMONTON. **SIMPÓSIO: O CÓDIGO DE DISCIPLINA DA IPB**. YouTube, 25 de nov. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cXR0orNgDY4&t=365s>. Acesso em 22 jul. 2025.

STANFORD, Reid W (org.). **Calvino e sua influência no mundo ocidental**. 2ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

STRONG, John. **A history of secondary education in Scotland**. Charleston, S.C.: Bibliobazaar, 2009.

TOLEDO César A. A.; VIEIRA, Paulo H. **História da Educação da Escócia**. Fides reformata – v. 1, n. 1 (1996) – São Paulo: Editora; Vol. XV, N 1, 2010.

ABSTRACT

This article, among other purposes, seeks to understand the influence and work of the reformer John Knox through the Book of Discipline for Education at the time, as well as its later repercussions. The research aimed to discuss the relationship of the Book in the life of the Scottish community. It also sought to unravel why the aforementioned work of John Knox is so frequently referenced as a prominent instrument for social transformation in that country and the world, demonstrating implications and referencing the document of the work. At a certain point, the concept of power will be used,

supported by Foucault (2005), as the control of some subjects may be appropriated, as this research intends to utilize this theoretical resource. The methodology used was descriptive-qualitative. To complete this work, literary works by professional researchers on the subject and websites were used to elucidate the theme.

KEYWORDS: Education; Subject Book; Scottish community; Presbyterianism.

NOTÍCIAS INTERNAS



Seminário Presbiteriano do Sul

SEMANA TEOLÓGICA 2025

De 25 a 29 de agosto, o DAJOG e o SPS promoveram a Semana Teológica 2025, de 25 a 29 de agosto, com o tema Cuidando do coração do pastor. Esses foram os palestrantes e os respectivos sub-temas: Rev. Samuel Vieira – Cuidando da espiritualidade; Rev. Arthur Fernandes Júnior – Cuidando da família; Rev. Edson Fernandes – Cuidando do ministério; Rev. Hilder Stutz – Cuidando do tempo e finanças; Mis. Andréa Vargas – Cuidando da sexualidade.

137 ANOS

Em 27 de agosto tivemos o culto de ação de graças pelos 137 anos do SPS, com a presença de vários representantes das turmas que completaram de um a treze lustros, em 27 de agosto. O pregador foi o Rev. Edson Fernandes, Secretário Nacional de Apoio Pastoral; e o Rev. Silas de Campos, hoje Professor Emérito do SPS, que formou em 1960, fez o seguinte pronunciamento, em nome de todos os ex-alunos do SPS:

SAUDAÇÃO AO SPS PELOS SEUS 137 ANOS.

Saúdo o SPS, na pessoa de seu magnífico Diretor, Rev Carlos Henrique Machado, Inclusos seus eminentes colaboradores. Também saúdo os estudantes da Casa, pois sem eles esta instituição não teria razão de existir.

Que direi em três minutos que me são dados? Primeiro, que sou da turma de 1960, com formatura ocorrida aqui neste salão, no dia 10-12-1960. Cada colega foi para seu campo e a maioria hoje se acha na presença de Deus, não tendo eu os nomes de todos os que ainda vivem, exceto três.

O ministério pastoral, como é consabido pela leitura de Ef 4.11-12, tem uma gama variável de atividades, e assim cada servo de Deus cumpre seu chamado.

Muitos estudantes vêm para o SPS movidos pelo entusiasmo de um apelo, mas nem todos que aqui chegam são vocacionados. Não poucos buscam oportunidade de uma bolsa de estudos no exterior, e nem sempre para servir a Igreja. Não queremos julgar os que agem assim, mas nossa história muito bem confirma isso.

O ministério é desgastante e estressante, e alguns não suportam tamanho impeto chocante. O número bem grande de ministros que anualmente renunciam o pastorado é realidade fática que confirma nossa declaração.

Aos que se dispõem para essa batalha, concluso com as conhecidas palavras do apóstolo dos gentios: "Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério" (2Tm 4.5).

Parabéns, felicitações à nossa "Casa de Profetas" pelos seus 137 anos.
Campinas, 27 de agosto de 2025.

Silas de Campos

Corpo Docente do SPS – Campinas

A partir do segundo semestre, a Rev. Ms. Jabis Ipólito de Campos Júnior passou a fazer parte do nosso corpo docente, atuando junto à equipe de Estágio Supervisionado.

CURSOS

Além do curso de bacharel em Teologia, sediamos neste semestre uma turma do curso Haja luz, ministrado pela Mis. Andréa Vargas, em 22 e 23 de outubro.

Visão

Nossa casa promove uma educação de qualidade, com professores de excelência, formando líderes com coração pastoral e servindo as igrejas locais.

Missão

A missão do SPS é colaborar na preparação de pastores e líderes, homens e mulheres, capacitando-os acadêmica, ética e espiritualmente para o desempenho da vocação dos diversos ministérios, visando a promoção do reino de Deus e o cumprimento da missão da Igreja.

JET (Junta de Educação Teológica)

Presidente: Rev. Leonardo Sahium

Vice-Presidente: Rev. Juliano de Castro Albino

Secretário: Presb. Flávio Roberto de Almeida Heringer

Tesoureiro: Presb. Hildemar Rodrigues Falcão Júnior

JURET (Junta Regional de Educação Teológica)

Presidente: Rev. Eberson Gracino

Vice-Presidente: Presb. Edgar Edmilson Pereira

Secretário: Presb. Uziel Firmino de Assis Júnior

Membros: Rev. Daniel Castro Alves
e Rev. Josué Chaves

REVISTA TEOLÓGICA

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO SUL

Av. Brasil, 1200, Jardim Brasil

Campinas - SP - 13073-148

(19) 3241-9399

www.sps.br

REVISTA
TEOLÓGICA



Seminário Presbiteriano do Sul